

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD
SACHER-MASOCH



EDIÇÃO "LIVROS DO BRASIL" LISBOA

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

A VÊNUS DAS PELES

Por

LEOPOLD SACHER MASOCH

Leopold, cavaleiro de Sacher Masoch, nascido em 1835 e falecido em 1895, foi escritor austríaco de enorme projeção mundial. O êxito que obteve um seu primeiro trabalho literário, o romance Conto Galiciano, publicado em 1858, fê-lo renunciar às funções de professor que exercia em Praga, às quais, no entanto, regressaria mais tarde. Algumas das suas obras tratam de cenas da vida galiciana, ou judia, e entre elas distinguem-se O Legado de Caim (1817), Contos Polacos (1887), Contos Judeus (1878) e Narrações Galicianas (1876 e 1881).

Celebrizou-se, porém, como autor maldito de romances inicialmente considerados simplesmente sentimentais, mas onde se viria a descobrir Um estranho traçado erótico que veio a ser denominado “masoquismo”, posteriormente incluído no estudo da psicologia como uma anomalia sexual. Os psicanalistas explicam esta anomalia como uma punição que se procura num tipo de prazer considerado “culpado”, ou como uma aplicação de tendências sádicas do sujeito contra ele próprio. Mas o masoquismo, de que se faz perfeita descoberta através das páginas de *A Vênus das Peles*, também se associa às tendências sádicas mais generalizadas e aplicadas “aos outros”, num conjunto de impulsos contraditórios que se convencionou designar por “sodomasoquismo”. Os textos de Leopold Sacher Masoch, ora editados em língua portuguesa, documentam a anomalia atrás citada sem, no entanto, deixarem de ser excelentes peças de ficção, conseguidas numa linguagem das mais decisivas da literatura erótica e das letras austríacas do século XIX.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

*“Deus castigou-o pondo-o nas mãos de uma mulher.”
(Livro de Judit), 16, Cap. VII)*

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

ENCONTRAVA-ME em amável companhia.

Vênus estava ante mim, sentada à frente da grande chaminé estilo Renascença. Esta Vênus não era uma mulher galante tal qual as que como Cleópatra — combateram sob esse nome o sexo inimigo. Não; era a deusa do amor em pessoa.

Recostada numa cadeira, remexia o fogo que chispava, enrubescendo a palidez do seu rosto e os delicados pés, que acercava da chama de quando em quando.

Apesar do seu olhar de estátua tinha uma cabeça admirável, que era quanto eu via dela. Cobria o seu divino corpo marmóreo uma grande capa de Peles, no qual se envolvia como uma gata friorenta.

— Não compreendo senhora — disse. — Na realidade não faz frio; há já duas semanas que está uma encantadora Primavera. Estais, sem dúvida, nervosa.

— Boa está a ditosa Primavera — respondeu com voz opaca, espirrando, depois, de uma maneira deliciosa. — Ainda mal posso suster-me e começo a compreender...

— O quê, senhora minha?

— Começo a crer no inverossímil e a entender o incompreensível. Compreendo agora a virtude dos Alemães e a sua filosofia, e não me assombra que vós, no Norte, não saibais amar, antes pareceis ignorar o que é o amor.

— Perdoai-me, senhora — repliquei com viveza. — Mas nunca vos dei motivo de queixa.

A divina criatura bocejou pela terceira vez e soergueu um pouco os ombros com uma graça inimitável. Em seguida disse:

— Por isso sou sempre graciosa para convosco e até vos procuro de tempos a tempos, ainda que me constipe de cada vez, apesar das minhas peles. Recordai-vos ainda do nosso primeiro encontro?

— Poderia esquecê-lo? Tínheis espessos caracóis cinzentos, olhos negros, boca de coral... Reconheci-vos pelos traços da cara e na palidez do mármore. Vestíeis sempre uma jaqueta de veludo azul-violeta guarnecida de pele de esquilo.

— Sim: e que seduzido estáveis com aquele vestido e quão dócil éreis:

— Vós me ensinastes o que é o amor, e o culto divino que vos consagrava transportava-me dois mil anos atrás.

— E não vos guardei fidelidade sem exemplo? — Se vamos a falar nisso...

— Ingrato!

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Não quero repreender-vos. Fostes uma mulher divina, mas sempre mulher, e no amor, cruel como todas.

— É que vós chamais cruel — replicou com viveza a deusa do amor, ao que constitui precisamente o elemento da voluptuosidade, o amor puro, a própria natureza da mulher de entregar-se a quem ama e de amar a quem queira.

— O que pode haver de mais cruel para quem ama do que a infidelidade do ser amado?

— Ah! — respondeu. — Somos fiéis enquanto amamos; mas vós exigis que a mulher seja fiel sem amor, que se entregue sem gozo. Onde está então a crueldade, no homem ou na mulher? As gentes do Norte concedem demasiada importância e seriedade ao amor. Falais de deveres donde não há outra coisa senão prazer.

— Sim, senhora. Temos sobre esse ponto sentimentos respeitáveis e recomendáveis, e, além disso, só-lidas razões.

— E sempre a curiosidade, eternamente desperta e eternamente insaciada, da nudez do paganismo; mas o amor, que é a maior alegria, a própria pureza divina, isso não vos convém a vós, os modernos, filhos da reflexão. Sabe-vos mal. Quando procurais ser naturais, tomai-vos grosseiros. A natureza parece-vos uma coisa hostil e fazeis de nós, sorridentes gênios dos deuses gregos, de mim própria, um demônio. Podeis desterrar-me, maldizer-me, até imolar-me aos pés do meu altar num acesso báquico; mas algum de vós terá tido o mérito de beijar os meus lábios purpúreos. Vai, por isso, peregrino a Roma, descalço, com cilício, esperando que o teu bastão floresça, enquanto que a meus pés surgem a cada momento rosas, mirtos e violetas, que não dão o seu perfume para vós. Ficai nas vossas névoas hiperbóreas, entre o vosso incenso cristão, e deixai-nos repousar sob a lava, não nos desenterreis, não. Pompéia, as nossas cidades, os nossos banhos, o nosso templo, não se fizeram para vós. Nem sequer necessitais de deuses! Nós gelamos no vosso mundo!

A formosa dama de mármore tossiu e levantou sobre os seus ombros a escura pele de zibelina.

— Obrigado pela vossa lição clássica — ripostei —, mas não me negareis que, tanto no vosso mundo cheio de sol como no nosso brumoso país, o homem e a mulher são inimigos por natureza, dos quais o amor faz durante algum tempo um só e mesmo ser, capaz de uma mesma concepção, de uma mesma sensação, de uma mesma vontade, para os desunir logo a seguir e que — e isto sabei-lo vós

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

melhor do que eu — o que não souber subjugar o outro será imediatamente espezinhado por este.

— E o que vós sabeis melhor do que eu — retorquiu dona Vênus com arrogante tom de desprezo — é que o homem está sob os pés da mulher.

— Seguramente, e disso não me resta qualquer dúvida.

— O que quer dizer que sois sempre meu escravo sem ilusão, pelo qual não terei misericórdia.

— Senhora!

— Não me conheceis ainda? Sim, sou cruel; já que tanto vos agrada essa palavra. Mas não tenho direito a sê-lo? O homem é aquele que solicita, a mulher é o solicitado. Esta é a sua vantagem única, mas decisiva. A natureza entrega-a ao homem pela paixão que lhe inspira, e a mulher que não faz do homem seu súbdito, seu escravo, que digo?, seu brinquedo, e que não o atraiçoa rindo, é uma louca.

— Bons princípios, formosa senhora! — repliquei indignado.

— Apoiam-se em dez séculos de experiência — disse ela em tom de brincadeira, enquanto na sombria pele brincavam os seus dedos brancos. — Quanto mais facilmente se entrega a mulher, mais frio e imperioso é o homem. Mas quanto mais cruel e infiel é, quanto mais joga de uma maneira criminosa, quanto menos piedade lhe demonstra, mais excita os seus desejos, mais ele a ama e a deseja. Sempre foi assim, desde a bela Helena e Dalila até às duas Catarina e Lola Montês.

— Não posso deixar de concordar — repliquei. — Nada pode excitar mais que a imagem de uma déspota bela, voluptuosa e cruel, arrogante favorita, desapiedada por capricho.

— E que além disso use peles — juntou a deusa. — Porque lembrais isso?

— Conheço os vossos gostos.

— Sabeis que desde que nos vemos se tornou uma magnífica *coquette*?

— Quereis dizer-me por quê?

— Porque não pode haver mais deliciosa loucura que a de envolver o vosso delicado corpo numa pele tão sombria.

A deusa sorriu.

— Estais a sonhar — exclamou. — Despertai! — Com a sua mão de mármore tomou-me o braço. — Despertai! — voltou a murmurar.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Levantei os olhos a custo. Vi a mão que me tocava, mas a mão era cor de bronze e a voz, áspera, de bebedor de aguardente, a do meu antigo cossaco, que com a sua altura de cerca de seis pés se erguia à minha frente.

— Levante-se — continuava dizendo o bom homem. — É uma vergonha.

— O quê?

— Deixar-se adormecer vestido com um livro ao lado — apagou as velas quase consumidas e recolheu o volume caído —, com um livro — consultou a capa — de Hegel. Além de mais, é hora de ir a casa de Dom Severino, que nos espera para o chá.

— Estranho sonho! — disse Severino quando acabei. — Apoiou o braço sobre o meu joelho, enquanto contemplava as suas formosas mãos com delicadas veias, e mergulhou numa meditação profunda.

Eu sabia que já há muito tempo não se podia mover, que perdera quase inteiramente o vigor, tendo chegado ao ponto de a sua conduta não ter nada de estranho para mim, porque ao cabo de três anos que mantinha com ele relações de boa amizade acostumara-me a todas as suas originalidades. Ninguém podia negar que era estranho, louco quase perigoso, passando como tal, não somente entre os seus amigos, mas em todo o círculo de Colomea. Para mim, a sua existência não só era interessante, mas até simpática, o que fazia que eu também passasse, para alguns, por um tanto louco.

Sendo um senhor da Galiza, proprietário, jovem, pois pouco mais tinha de trinta anos, dava provas de uma singular sobriedade de vida, de certa severidade e até de certo pedantismo. Vivia com uma minuciosidade exagerada segundo um sistema meio filosófico, meio prático, regular como um relógio, como o termômetro, o barômetro, o anemômetro, o higrômetro, segundo os preceitos de Hipócrates, Hufeland, Platão, Kant, Knigge, e Lorde Chesterfield, tendo por vezes violentos acessos de fúria, no meio dos quais intentava esmagar a cabeça contra a parede, o que faria se não o impedissem.

Ele sumido no seu mutismo, o fogo crepitava na lareira, cantava o grande e venerável samovar, rangia o cadeirão ancestral em que me balanceava fumando, cantava um grilo nas velhas paredes e eu deixava cair os olhos sobre o estranho mobiliário: esqueletos de animais, pássaros dissecados, gesso e moldagens amontoados no seu escritório, quando de repente atraiu a minha vista um quadro que havia visto com

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

frequência, mas que precisamente hoje me produziu um indizível efeito à luz avermelhada do fogo da chaminé.

Era uma pintura a óleo, tratada com a habilidade e potência de colorido da escola belga. O assunto era muito curioso.

Uma formosa mulher com um sorriso radiante a iluminar-lhe o rosto, de opulenta cabeleira entrançada à moda antiga, na qual o pó branco parecia um ligeiro orvalho, descansava a cabeça sobre o braço esquerdo, seminua num escuro casaco de peles. Com a mão direita empunhava um chicote, e um dos seus pés, nu, repousava descuidado sobre um homem, estendido à sua frente como um escravo ou um cão; e este homem, de traços acentuados mas corretos, nos quais se lia uma profunda tristeza e uma devoção apaixonada, erguia para ela os olhos de um mártir, exaltados e ardentes. O homem, tamborete vivo sob os pés da mulher, não era outro que Severino, mas sem barba, o que o fazia parecer dez anos mais novo.

—A Vênus de Peles — exclamei, apontando o quadro. — Tal como a vi em sonhos.

— Eu também — replicou Severino. — Só que eu sonhei com os olhos abertos.

— Como assim?

— Ai! É uma triste história.

— O teu quadro deu assunto ao meu sonho — continuei. — Mas diz-me agora o que significa; quem sabe se terá desempenhado na tua vida um papel capital. Conto contigo para me relatares os pormenores da história.

— Examina bem o par — replicou o meu estranho amigo sem ligar à minha pergunta.

O par representava uma admirável cópia da Vênus do Espelho, de Ticiano, que se encontra na galeria do Hermitage de S. Petersburgo.

— Aonde queres chegar?

Severino levantou-se e apontou com o dedo a pele em que Ticiano envolve a sua deusa de amor.

— Olha também *A Vênus das Peles* — disse com um fino sorriso. — Não creio que o velho veneziano tenha jamais posto a vista sobre o original. Fez simplesmente o retrato de uma Messalina de categoria, e teve a galanteria de pôr o Amor a sustentar o espelho em que examina os seus encantos majestosos com um prazer indiferente, tarefa que parece ser muito penosa para o menino. Mais tarde, um qualquer inteligente da época rococó batizou a dama com o nome de Vênus, e a pele em

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

que Ticiano envolveu o lindo modelo, mais por temor a uma constipação que por pudor, converteu-se num símbolo da tirania e crueldade que se ocultam na mulher e na sua beleza. O que quer que seja o quadro, revela-se para nós como a mais picante sátira do nosso amor: no nosso Norte abstrato, neste mundo cristão e gelado, Vênus tem de envolver-se num bom casaco de peles para não se constipar.

Severino desatou a rir e acendeu outro cigarro.

Entretanto a porta abriu-se, e uma ruivita encantadora, olhos vivos e simpáticos, vestida de seda negra, entrou trazendo fiambre e ovos para a refeição. Severino tomou um e partiu-o com a faca.

— Não te tenho dito que os quero pouco cozidos? — exclamou com tal violência que fez tremer a jovem.

— Mas querido Sewtschu — disse ela com timidez.

— Qual Sewtschu? O que tem de fazer é obedecer, obedecer. — E desprende o kantschuk ¹ que pendia entre as armas.

A linda figura fugiu como que uma corça, tímida e ligeira.

— Espera que já te apanho.

— Mas Severino — disse eu pousando a mão sobre o seu braço —, como podes tratar assim uma mulher tão encantadora?

— Examina um pouco a mulher — replicou, piscando astutamente os olhos. — Se a tivesse acariciado, estrangular-me-ia; mas como a eduquei a chicote, adora-me.

— Absurdo!

— Exato. É assim que se devem educar as mulheres.

— Muito bem! Vives como um paxá no teu harém, mas não me faças teorias sobre...

— Porque não? — exclamou com vivacidade. — As palavras de Goethe, “deverás ser bigorna ou martelo”, não têm melhor aplicação que as relações entre homem e mulher. D. Vênus disse-to também incidentalmente em sonhos. Na paixão do homem repousa o poder da mulher, e esta saberá aproveitar-se da sua vantagem se este não se puser em guarda. Só resta escolher; tirano, ou escravo. Mal se abandone, terá a cabeça sob o jugo e sentirá o látigo.

— Singulares máximas!

— Não são máximas mas resultados da experiência — juntou baixando a cabeça. — Eu fui seriamente maltratado e curei-me. Queres saber como?

¹ Látigo pequeno de cabo curto.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Levantou-se e tirou de um móvel maciço um pequeno manuscrito, que colocou à minha frente na mesa.

— Acabas de me pedir que te explique o quadro. Devo-te já há algum tempo essa explicação. Lê isto.

Severino foi sentar-se perto do fogo, virando-me as costas, e parecia sonhar com os olhos inteiramente abertos. Reinava novamente o silêncio na sala, o fogo crepitava na lareira, o samovar e o grilo das velhas paredes cantavam. Abri o manuscrito e li:

CONFISSÕES DE UM ULTRA-SENTIMENTAL

Abrindo o manuscrito, uns célebres versos do Fausto serviam de epígrafe:

Oh, tu, sensual sedutor ultra-sentimental! uma mulher conduz-te pela ponta do nariz.

MEFISTÓFELES

Voltei a página e li:

“Retirei o que se segue do meu diário de então, pois é impossível voltar ao passado de uma maneira imparcial, assim todas estas páginas possuem a frescura de cor de ontem, o sabor da atualidade.”

Gogol, o Mollière russo, diz em algum lugar: “A verdadeira musa cômica é aquela cujas lágrimas correm sob a máscara.”

Admiráveis palavras

O meu estado de alma é igualmente estranho enquanto escrevo estas páginas. O ar parece-me cheio de um odor de flores penetrante, que me aturde e me faz doer a cabeça; o fumo da chaminé oscila, e as suas espirais arredondam-se formando gnomos de barba cinzenta que me apontam com o dedo troçando de mim. Cupidos bochechudos que cavalgam as costas da minha cadeira e me saltam pelos joelhos, que me fazem rir enquanto escrevo as minhas aventuras. É por isso que não escrevo com tinta normal, mas com o sangue vermelho que o meu coração liberta, porque todas as feridas, há muito cicatrizadas, se voltaram a abrir, e o meu coração palpita e sofre, e aqui e ali uma lágrima cai sobre o papel.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Os dias passam lentos nos baixos Cárpatos. Não se vê ninguém nem ninguém nos vê. Difícil seria escrever um idílio. Propunha-me organizar aqui uma galeria de quadros, um teatro com um repertório novo para toda uma estação, concertos de virtuosos, duos, trios; mas — aonde vou parar? — mal cheguei a preparar a tela, a encerar o chão, a dispor as pautas de música, porque, ai, deverei dizê-lo? — não tenho falsa vergonha de mentir seja a quem for, mas ninguém consegue enganar-se a si próprio —; não sou, praticamente, mais que um dilettante em pintura, em poesia, em música, e em outros pretensos conhecimentos inúteis que proporcionam aos mestres o soldo de um ministro — digo ministros? —, de pequenos potentados. Mas, antes de mais, sou um dilettante em amor.

Até agora amei tanto quanto pintei e fiz versos, o que quer dizer que não passei nunca da sensação, do plano, do primeiro ato, da primeira estrofe. Há homens que empreendem uma coisa e que nunca a acabam; eu sou um desses.

Mas quem canta?

Vamos ver.

Saio à janela e vejo o refúgio em que desespero, inteiramente poético. Que vista dos picos azuis tecidos a ouro solar das montanhas, através das quais, como fitas prateadas, correm as torrentes; e que azul-claro é o céu, para o qual se levantam os cumes nevados; que verdes e frescas as encostas, os prados em que pastam os rebanhos; como amarelecem mais abaixo os trigos, entre os quais se curvam e se levantam as figuras dos segadores.

A casa onde vivo está situada num parque de prazer: um bosque ou um deserto, como se quiser chamá-lo; mas sempre solitário.

Vivíamos juntos nela: eu, uma viúva de Lemberg, a senhora Tartakusa, uma anciã que dia a dia envelhece e se encolhe, um cão velho e um gato jovem que brinca constantemente com um novelo pertencente, parece-me, à gentil viúva.

A viúva é ainda verdadeiramente bela, jovem ainda — tem quanto muito vinte e cinco anos — e muito rica. Vive no primeiro andar: eu vivo em baixo. As suas verdes persianas estão sempre caídas e tem um balcão adornado de plantas trepadeiras; mas eu tenho também o meu ninho íntimo, no qual leio, escrevo, pinto e canto, como um pássaro

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

nas ramadas. Dele vejo o balcão onde, de quando em quando, aparece um vestido branco entre os verdes e poéticos entrançados das plantas. Na verdade, a bela que vive em cima interessa-me muito pouco, porque estou perdido por outra, desesperadamente perdido, mais que o cavaleiro Eggenpurg, mais que Grioux em *Manon Lescaut*. A minha bem-amada é uma pedra.

No jardim, no estreito retiro solitário, há uma pequena e sorridente pradaria em que pasta tranqüila uma parilha de corças domesticadas. Nesta pradaria existe uma estátua de Vênus, em pedra, cujo original, me parece, se encontra em Florença. A tal Vênus é a mais formosa mulher que vi na minha vida.

Não quero com isto dizer muito, visto que vi poucas mulheres e menos ainda que fossem bonitas. Além disso, em amor sou ainda um *dilettante* que não passou nunca dos preliminares do primeiro ato.

Deixemos pois o superlativo; como se o que é belo pudesse ser excedido.

A Vênus é formosa e quero-lhe tão apaixonada-mente, tão dolorosamente, tão profundamente, tão loucamente quanto se pode amar uma mulher; e ela responde a este amor com um sorriso eternamente semelhante, eternamente tranqüilo, um sorriso de pedra. Numa palavra: adoro-a.

Às vezes, quando o sol lança os seus cálidos dardos sobre os pequenos bosques, estendo-me à sombra de uma faia de larga copa e leio. Frequentemente, visito de noite a minha fria e cruel bem-amada, ajoelho-me ante ela, apoio a cara sobre a fria pedra em que descansam os seus pés e dirijo-lhe preces.

O espetáculo é inexprimível quando a Lua — que agora está cheia — sai transparente entre as árvores. A pradaria ilumina-se de reflexos argentíferos, e a deusa parece irradiar uma luz dulcíssima.

Uma vez, ao voltar para o meu quarto, através de uma das avenidas que conduzem à casa, vi de repente uma forma feminina, tão branca como a pedra, iluminada pela Lua. Tão-somente a separava de mim a verde muralha. Pareceu-me que a minha bela mulher de mármore tinha pena de mim e me seguia viva; mas sobreveio-me uma agonia sem nome, o meu coração ameaçava romper-se e deixou de bater.

Sim, verdadeiramente sou um *dilettante* que não sabe sair do segundo verso. Mas em lugar de ficar ali estacado, fugi com quanta pressa pôde.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Eis uma aventura! Um judeu, vendedor de fotografias, pôs-me nas mãos o retrato do meu ideal. *A Vênus do Espelho*, de Ticiano! Que mulher! Hei-de escrever uma poesia. Tomo a folha e escrevo nas costas:

A Vênus das Peles.

“Tendes frio, oh, tu que fazes nascer as chamas! Envolve-te nas tuas peles de' déspota, que nada convém melhor a ti, deusa cruel de amor e de beleza.”

Poucos instantes depois adotei uns versos de Goethe, que havia lido havia pouco nos paralipómenos sobre Fausto:

AO AMOR

*Usa duas asas falsas;
suas flechas são as garras,
a sua grinalda ocultas lanças; é, sem dúvida,
como todos os deuses gregos um demônio disfarçado.*

Coloquei o retrato frente a mim sobre a mesa, encostado a um livro e contemplei-o.

A fria *coquetterie* com que a grande senhora envolve os seus encantos numa escura pele de zibelina; o vigor e a dureza que reinam na sua cara de mármore, enchiam-me ao mesmo tempo de encanto e horror.

Tomei a pena e escrevi:

“Amar, ser amado, que fortuna! E com que resplendor brilha esta dita comparada com a cruel felicidade de adorar uma mulher que faz de nós um brinquedo, de ser o escravo de uma formosa!”

Tomei o pequeno-almoço sob a abóbada verde e comecei a ler o livro de Judite, invejando o furor de Holofernes o Gentil, a real mulher que o decapitou e até a sua formosa morte.

“Deus castigou-o pondo-o nas mãos de uma mulher.”

Esta frase choca-me.

Quão pouco galantes, os judeus! O seu Deus teria podido escolher melhor expressão para o belo sexo.

“Deus castigou-o pondo-o nas mãos de uma mulher”, repetia a mim próprio entretanto. Que poderia eu fazer para que me castigasse?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Graça dos céus! Eis que aí vem a nossa velha. Cada dia que passa redu-la mais. Mas acima, entre o entrelaçado dos ramos verdes, flutua outra vez o traje branco. É Vênus ou a viúva?

Desta vez deve ser a viúva, porque a senhora Tartakuska faz uma reverência e procura-me em seu nome para que lhe empreste livros. Corro ao meu apartamento e tomo um par de volumes.

É já tarde quando me lembro que o retrato de Vênus vai dentro de um deles. A dama branca inteirar-se-á das minhas expansões.

Que dirá?

Ouço-a rir.

Será por acaso de mim?

Lua cheia! O astro aparece já sobre o cimo dos abetos que bordejam o parque; um vapor argentífero envolve o terraço, os grupos de árvores, toda a paisagem, até perder-se de vista na distância, como uma onda palpitante.

Não posso resistir; tudo isto me atrai e me chama tão estranhamente, que volto a vestir-me e saio ao jardim.

Dirijo-me para a pradaria, a sua, da minha deusa, a bem-amada.

A noite é fresca. Estremeço. O ar está cheio de aroma de flores e madeiras. Embalsama.

Que calma! Que música em redor! Um rouxinol queixa-se. As estrelas palpitam docemente com um brilho azul-pálido. A planície parece um espelho, a capa gelada de um lago.

Augusta e sorridente se ergue a imagem de Vênus. Mas que é isto?

Das costas marmóreas da deusa cai-lhe até aos pés uma grande e escura capa de peles. Fico estupefato junto a ela; de novo se apodera de mim um indizível temor a esta mulher, e tento empreender a fuga.

Apresso o passo. Vejo então que me enganei na avenida, e ao voltar lateralmente por uma senda encontro-me cara a cara com Vênus; a formosa mulher de pedra, não; a verdadeira deusa do amor, cujo sangue é quente, cujo pulso bate, erguida ante mim num banco de pedra. Sim, sem dúvida já me ama, como aquela outra estátua que se animou para o seu autor. Já a primeira surpresa desapareceu. A branca cabeleira da deusa parece ainda de pedra; o seu branco vestido brilha como a Lua — a não ser um efeito da seda — e dos seus ombros cai a pele sombria. Mas os seus lábios são vermelhos, as suas faces estão coloridas, saem dos seus olhos dois raios verdes, diabólicos, sobre mim, e ri.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

O seu riso é estranho; ninguém, ai!, poderia descrevê-lo; tira-me a respiração, fujo de novo, a cada instante vejo-me obrigado a deter-me para respirar, e o seu riso trocista persegue-me sempre através dos sombrios caminhos, na pradaria iluminada, na folhagem onde apenas penetram alguns raios de Lua. Enganei-me no caminho, perco-me cada vez mais, e grossas gotas de suor formam pérolas na minha fronte.

Paro, por fim, e entrego-me a um curto monólogo. O indivíduo é consigo próprio ou muito amável ou muito grosseiro.

Sou um asno, digo a mim próprio.

Esta palavra exerce uma grande influência, possui quase uma ação mágica que me faz voltar a mim. Num lançar de olhos tranquilizo-me.

Volto a repetir para mim próprio alegremente: asno!

Então tudo aparece para mim claro e distinto: aqui está a fonte, ali as moitas, mais além a casa, em que entro lentamente.

De novo, ainda trocista, sobre a verdura através da qual brilha a Lua, como sobre o muro bordado de prata, a forma branca, a formosa mulher de pedra a quem adoro e temo, ante a qual fujo.

Em duas passadas pus-me em casa. Respiro e reflexiono:

Que sou eu, na realidade, agora? Um pequeno *dilettante* ou um grande asno?

A manhã está sufocante, o ar cheio de excitantes aromas. Sento-me de novo sob o meu dossel de madressilvas, e leio na *Odisséia* a história da encantadora que transformou o seu adorador em animal. Deliciosa imagem do amor antigo!

Um doce estremecimento passa pelos ramos e ramadas; as folhas do meu livro levantam-se e escuta-se um frufu vindo do terraço.

E aparece a Vênus sem as peles; não, desta vez é a viúva, e todavia, Vênus também. Oh, que mulher!

Quão bem lhe assenta o seu branco e ligeiro penteador, como levanta os seus olhos para mim, que poéticas e preciosas parecem ser as suas nobres formas!

Não é alta nem baixa; a sua cabeça é mais tentadora, mais picante — ao gosto do tempo das marquesas francesas — que estritamente bela, mas da qualquer modo arrebatadora. Que doçura, que preciosa travessura se lê em toda ela, até na pequena boca! A sua pele é tão fina que é fácil descobrir as veias azuis, mesmo através da musselina que lhe cobre os braços e a garganta. Como cai a sua cabeleira vermelha em ricos caracóis, nem ruivos nem dourados, em ondas sobre

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

a nuca, diabólicos, mas adoráveis! Os seus olhos lançam-me verdes clarões; porque os seus olhos são verdes, de doce e indescritível potência, verdes como pedras preciosas, como os profundos lagos das montanhas.

Ela nota a confusão que me torna tão descortês — sentado e coberto como permaneço — e sorri maliciosamente.

Por fim levanto-me e saúdo-a. Aproxima-se e desata a rir como um menino.

Eu balbucio, como só pode balbuciar um pequeno *dilettante* ou um grande asno.

Foi assim que nos conhecemos.

A deusa pergunta-me o nome e diz-me o seu. Chama-se Wanda de Dunaiew.

É verdadeiramente a minha Vênus.

— Mas, senhora, como vos ocorreu aquilo? — Graças à estampa do vosso livro.

— Já não me lembrava...

— Aquelas coisas estranhas no reverso...

— Estranhas porquê?

Olhou-me.

— Sempre me agradou conhecer o extravagante, por capricho, e vós pareceis-me um dos maiores extravagantes do mundo.

— Nesse caso, minha senhora...

Novamente se apoderou de mim o fatal idiótico balbuciar e um rubor desculpável num adolescente de dezesseis anos mas não em quem tem dez anos mais.

— Esta noite vós tivestes medo de mim.

— Sim, não o nego. Mas não quereis sentar-vos?

Sentou-se, saboreando a minha agonia, porque eu tinha ainda mais medo agora, em pleno dia. O seu lábio superior esboçava um sorriso provocador e trocista.

— Vedes o amor, e sobretudo a mulher — começou por dizer — como algo hostil, algo contra o que toda a defesa é inútil, mas cujo poder se sente como um doce tormento, como uma crueldade penetrante.

— Não sois da mesma opinião?

— Não — respondeu viva e categoricamente, sacudindo a cabeça de maneira que os seus caracóis se agitaram como chamas. — O gozo sem dor, a serena sensualidade grega é o ideal que procuro realizar na

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

minha vida, e não creio no amor que apregoa o espírito do cristianismo, os modernos, as almas cavalheirescas. Sim, olhe-me uma vez mais; sou mais que uma herege, sou uma pagã. “Crês que a deusa do amor tenha alguma vez resplandecido mais do que para o seu Anquises no bosque sagrado do monte Ida?” Estes versos da elegia romana de Goethe tocaram-me sempre muito. Na natureza somente se encontra o amor dos tempos heróicos, “quando os deuses e as deusas se amavam”.

Então “o desejo² seguia o olhar, o gozo o desejo”. Tudo o mais é amaneirado, afetado, falseado. No cristianismo, a cruz, o emblema da cruz, para mim assusta-dor, tem algo de estranho, de inimigo da natureza e dos seus inocentes impulsos. A luta da alma contra o mundo sensual é o evangelho do mundo moderno. Não quero saber dele.

— Sim, senhora; o seu posto é no Olimpo — repliquei. — Mas nós, os modernos, não podemos suportar a antiga pureza, pelo menos, no amor. A idéia de possuir conjuntamente com outros uma mulher, ainda que seja uma Aspásia, indigna-nos. Somos ciumentos como o nosso Deus. Foi assim que o nome da admirável Friné se converteu para nós numa injúria. Nós procuramos uma pobre e pálida jovem, à Holbein, que seja somente para nós, e não uma Vênus antiga, por muito formosa que possa ser, que hoje ame Anquises, amanhã Páris, no dia seguinte Adônis; e se a natureza triunfa em nós, se nos entregamos num acesso de paixão a semelhante mulher, a sua alegria de viver parece-nos satanismo, crueldade, e vemos na nossa delícia um pecado que devemos expiar.

— É assim que vós sonhais a mulher moderna, mulherzitas históricas que no seu caminho de sonâmbulas para um homem ideal sonhado não chegam a amar o homem verdadeiro, e que, no meio das suas lágrimas e suas lutas, faltam diariamente aos seus deveres cristãos, hoje enganadas, amanhã enganadoras, sempre procuradas e escolhendo, e sempre fracassando a escolha do seu amor. Essas mulheres não são nunca ditosas nem dão felicidade, acusando sempre a fatalidade, enquanto que eu, para estar tranqüila, quero amar e viver como Helena e Aspásia viveram. A natureza não fez duráveis as relações do homem e da mulher.

— Minha senhora...

² Leia-se também *apetite*. (N. do T.)

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Deixai-me concluir. Somente o egoísmo do homem quer enterrar a mulher como a um tesouro. Toda a tentativa para assegurar o amor, mediante cerimônias santas, juramentos e pactos duradouros na transformação constante da existência humana, constitui um desastre. Negar-me-eis que o nosso mundo cristão tenha entrado em putrefação?

— Mas...

— Querereis talvez lembrar-me que o indivíduo que se levanta contra a organização social será expulso, marcado com um ferro quente, lapidado. Muito bem. Eu troço de tudo isso, as minhas máximas são pagãs, quero seguir a minha vida. Renuncio ao vosso respeito hipócrita, e marcho em frente para ser feliz. Os inventores do matrimônio cristão tiveram razão desse ponto de vista, o mesmo de quando inventaram a imortalidade. Todavia, não penso viver eternamente, e quando, com o meu último suspiro, tudo tenha acabado aqui em baixo para Wanda Dunaiew, que vantagem tirarei de que o meu espírito cante num coro de anjos ou que as minhas cinzas tomem uma nova existência? De um outro modo não renascerei tal como sou. Porque então renunciar a todas as minhas vontades por causa dessas idéias? Pertencer a um homem a quem não amo pela razão de que o amei alguma vez? Não, não renunciarei; amo a quem me agrada e torno-o ditoso. Acaso é isto repugnante? Não; pelo menos é muito mais formoso do que se me regozijasse do tormento cruel que provocam os meus encantos, e me desviasse, virtuosa, do desgraçado que se consome por mim. Sou jovem, rica e bela, e vivo somente para o gozo e o prazer.

Enquanto ela falava e os seus olhos brilhavam maliciosamente, eu colhera as suas mãos sem saber o que fazer delas e, como um verdadeiro *dilettante*, rapidamente acabei por as largar.

— Encanta-me a vossa lealdade — balbuciei — e somente...

De novo o maldito *diletantismo* afogava as minhas palavras.

— Que quereis dizer?

— Que quero? Sim, queria... desculpai-me, senhora, se vos interrompi.

— Como assim?

Houve uma longa pausa, durante a qual ela discorreu um monólogo que traduzido no meu idioma se resumia numa só palavra: "Asno!"

— Se me permiteis, senhora — continuei quando acabou —, como haveis chegado a essas idéias?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Muito simplesmente. O meu pai era um homem muito sensato. Desde o berço que me vi rodeada de esculturas antigas. Aos dez anos lia o Gil Blas; aos doze, La Pucelle. Como outros, durante a infância, falam do Polegarzito, do Barba Azul, da “Cinicienta”, eu falava de Vênus e Apolo, Hércules e Laocoonte, como se de amigos se tratasse. O meu marido era uma natureza pura e animada. A incurável enfermidade que pesou sobre ele pouco depois do nosso casamento não conseguiu nem uma só vez velar a sua frente de uma maneira duradoura. Na véspera da sua morte tomou-me ainda no seu leito, e durante os muitos meses em que se foi extinguindo sobre uma cadeira de rodas, dizia-me freqüentes vezes, gracejando: “Tens já um adorador?” Eu corava de vergonha. “Não me enganes”, acrescentou uma vez. “Isso é repugnante; mas procura um bom moço, ou melhor, muitos. És uma boa mulher; mas, como uma menina, precisas de brinquedos.” Não será necessário dizer-lhe que enquanto viveu não houve adorador; mas assim fez de mim o que sou: uma grega.

— Uma deusa — interrompi.

Sorriu.

— Qual, por acaso?

— Vênus.

Ameaçou-me com o dedo e franziu as sobrancelhas.

— *A Vênus das Peles*. Espere, tenho uma peliça enorme com a qual posso tapar-vos inteiramente e na qual vos colherei como numa rede.

— Assim — repliquei com vivacidade, ao ocorrer-me o que tomei por um bom pensamento, sendo, na realidade, trivial e absurdo —, acreditais que as vossas idéias possam realizar-se na nossa época e que Vênus se atreva impunemente a passear a sua beleza e a sua pureza sem véus entre vias férreas e telégrafos?

— Não, sem véus, certamente não; mas entre peles — exclamou rindo.

— Quereis ver as minhas?

— E depois?

— Como depois?

— Homens formosos e puros como foram os Gregos não são possíveis hoje senão tendo escravos que façam por eles a pouco poética tarefa da vida diária e que, sobretudo, trabalhem para eles.

— Sem dúvida alguma — replicou com malícia —; mas, antes de mais, uma deusa olímpica como eu necessita de um exército de escravos. Cuidado!

— De quê?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Eu próprio me assustei com o atrevimento que lhe disse; mas não ela, que entreabriu um pouco os lábios, deixando ver uma dentadura branca, e disse num tom ligeiro, como uma coisa sem importância:

— Quereis ser meu escravo?

— No amor — repliquei eu com solene sinceridade — não há justaposição, e se me deixais optar entre mandar ou ser mandado, parece-me muito irritante ser o escravo de uma bela mulher. Onde encontraria eu a mulher que, sem exercer a sua influência através de mesquinhas querelas, dominasse absoluta, mas tranquilamente, mantendo consciência de si própria?

— Todavia, não seria difícil.

— Quereis acreditar...

— Eu... por exemplo — exclamou rindo e deitando-se para trás —, tenho disposições de déspota... também possuo a peliça indispensável... Mas, de verdade? Tivestes sinceramente medo de mim esta noite?

— Sinceramente.

— E agora?

- Agora, sinceramente, continuo tendo.

Dia a dia, estamos juntos Vênus e eu; completa-mente juntos.

Tomamos o pequeno-almoço no meu bosquezito e o chá no seu gabinete, dando-me ocasião de mostrar os meus pequenos, pequeníssimos talentos. Com que objetivo me instruí eu em todos os ramos dos conhecimentos humanos, me ensaiei em todas as artes, não possuindo uma encantadora mulherzita?

Mas esta não tem nada de pequena e impõe-se-me de uma maneira prodigiosa. Hoje desenhei o seu retrato e compreendi séria e claramente quão pouco está feito o nosso penteado moderno para a sua cabeça de camafeu. Tem pouco de romano, mas muito de grego nas feições.

Tanto me comprazo a pintá-la de Psiquis, como em Astarte, dando sempre aos seus olhos uma expressão exaltada ou semilânguida de voluptuosidade extinguida; mas o que ela quer verdadeiramente é um retrato.

Agora quero pôr-lhe umas peles.

Ai! Para quem, senão para ela, pode ser concebida uma peliça real?

Estava ontem à tarde com ela lendo-lhe as elegias romanas. Depressa abandonei o livro e me pus a fazer algumas reflexões. Pareciam

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

agradar-lhe; parecia mesmo estar pendente dos meus lábios, e o seu seio palpitava.

Ter-me-ei equivocado?

A chuva feria melancolicamente os vidros, e na lareira o fogo recordava o Inverno, trazendo-me à memória a minha pátria a um ponto tal que, esquecendo por um momento todo o respeito, beijei a mão da formosa, sem que ela fizesse oposição.

Então, sentei-me a seus pés e comecei a ler-lhe um pequeno poema que havia escrito para ela:

A VÊNUS DAS PELES

*Pousa o pé sobre o teu escravo,
mitológica mulher, diabolicamente encantadora; estende o
teu corpo de mármore
entre os mirtos e os agaves
Desta vez estou seguro de que passei da primeira estrofe;
mas à noite ela pediu-me o manuscrito e fiquei sem
nenhuma cópia, de forma que só me recordo do princípio.*

Tenho uma curiosa sensação. Parece-me que não estou enamorado de Wanda. Pelo menos no primeiro encontro não experimentei nenhuma paixão ao ver os seus olhos abrasadores. Mas também sinto que a sua beleza extraordinária, verdadeiramente divina, me estende magníficas emboscadas. Isto não é uma atração de coração que nasça em mim; é uma sujeição física, lenta, mas, por isso mesmo, completa.

Eu sofro cada dia mais e ela não faz outra coisa senão rir.

Hoje disse-me de repente, sem nenhum motivo: — Você interessa-me. A maioria dos homens são vulgares, sem entusiasmo, sem poesia; você, pelo contrário, possui certa profundidade e exaltação, e, sobretudo, uma gravidade que me agrada. Quem sabe se lhe vou tomar afeição?

Passada uma nuvem de Verão, vamos visitar juntos a planície e a estátua de Vênus. A terra exala vapores à nossa volta, as nuvens sobem no céu como o fumo de um sacrifício, flutuam no ar os restos do arco-íris, as árvores gotejam ainda; mas os pássaros saltam de ramo em ramo, trinando, como que regozijando-se de algum grande acontecimento, e tudo está cheio de um aroma de frescura. Não

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

podemos avançar pela planície, porque está cheia de umidade, ainda que pareça resplandecente de sol como um lago, sobre cujo espelho se levanta a deusa do amor. Ao redor da sua cabeça dança um enxame de mosquitos que, entre os raios de sol, parecem formar-lhe uma auréola. Wanda regozija-se com isso, e como os bancos estão ainda úmidos, apoia-se no meu braço para descansar. Uma doce lassidão estende-se por todo o seu ser, os seus olhos estão semifechados, a sua respiração roça a minha face.

Tomo-lhe a mão, sem saber se lhe agrada, pergunto-lhe:

— Poderia amar-me?

— Porque não? — respondeu pousando um momento em mim o olhar tranqüilo.

Um instante após ajoelho-me ante ela e oprimo o meu rosto arrebatado sobre a musselina perfumada do seu vestido.

— Mas Severino, isto é inconveniente.

Contudo apodero-me do seu delicado pé e cubro-o de beijos.

— Cada vez pior! — exclama desprendendo-se e fugindo precipitadamente para casa, enquanto o seu delicioso sapatinho fica nas minhas mãos.

Será um presságio?

Todo o dia não me atrevi a acercar-me dela; ao escurecer, sentado no meu bosquezito, vi de improviso a sua graciosa cabeça vermelha através das trepadeiras do balcão.

— Porque é que não vem? — exclamou impaciente.

Subi a escada. Ao chegar acima perdi novamente a coragem e chamei com timidez. Ela não disse nada, mas abriu e apareceu no umbral.

—E o meu sapato?

— Está... tenho... quero — balbuciei.

— Vá buscá-lo; depois tomaremos chá e conversaremos um pouco.

Quando voltei, estava preparado o chá. Pus o sapatinho solenemente sobre a mesa e fiquei a um canto, como um rapazito que aguarda o castigo.

Notei que tinha a fronte um pouco enrugada e que a sua boca apresentava uma expressão entre severa e imperiosa, que me encantava.

Uma vez mais desatou a rir.

— De modo que... você está verdadeiramente apaixonado... por mim?

— Sim, e sofro tanto que não pode sequer suspeitar.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Você sofre? — e voltou a rir-se.

Eu estava confuso, aniquilado, mas inutilmente.

— Mas como é isso? — continuou. — Eu sou boa consigo, de todo o coração — deu-me a mão e examinou-me amistosamente.

— Quer ser minha mulher? — ousei perguntar. Wanda olhou-me. Com que olhos! Pareceu-me assombrada e um pouco trocista.

— Aonde vai você buscar tanta audácia? — Audácia?

— Sim, audácia sem igual; audácia de tomar mulher, e particularmente a mim — logo levantou no ar o sapatinho. — Mal acabou de se familiarizar com isto?

Mas, falando a sério, quer verdadeiramente casar-se comigo?

— Sim.

— Então, Severino, é uma história sincera. Creio ser querida para si como você o é para mim, e, o que é melhor ainda, interessamo-nos mutuamente. Não há agora nenhum perigo de que nos aborreçamos; mas você já sabe que sou uma mulher frívola que, por isso mesmo, toma o matrimônio muito a sério, e que se assume deveres, quer também poder cumpri-los. Mas temo que você seja desgraçado.

— E eu rogo-lhe que seja leal comigo.

— Falei-lhe lealmente. Não creio poder amar um homem mais de... — inclinou a cabeça com ar desnordeado e meditou.

— Um ano.

— Em que é que está a pensar?... Talvez um mês. — Nem a mim?

— A si? Talvez dois meses...

— Dois meses?

— Dois meses, muito longos.

— Senhora, é uma frase digna da antiguidade. — Está a ver que não pode suportar a verdade? Wanda cruzou o quarto de um lado ao outro, voltou a apoiar-se na chaminé e olhou-me, encostando o seu braço sobre o mármore.

— Que é que você quer que eu faça?

— O que quiser — respondi com resignação —: o que lhe dê prazer.

— Que inconseqüente! — exclamou. — Primeiro pede-me por mulher e logo se me oferece como brinquedo.

— Wanda, amo-a.

— Voltemos ao ponto de partida. Ama-me e quer-me por mulher; mas eu não quero contrair nenhum novo matrimônio, porque duvido que os meus sentimentos e os vossos possam ser duradouros.

— Mas eu quero correr o risco consigo!

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Então trata-se de saber se eu mesma quero correr esse risco consigo — disse com a maior tranqüilidade. — Posso imaginar-me a pertencer toda a vida a um homem, mas terá de ser um homem completo, que se imponha, que me subjugue pela força do seu caráter, compreende?; e este homem — sei-o bem — mal se enamore de mim de verdade, far-se-á débil, brando, ridículo; por-se-á nas mãos da mulher, de joelhos frente a ela, quando eu não posso amar de maneira duradoura um homem que se ponha de joelhos. E apesar de tudo, você agrada-me tanto que farei um ensaio consigo.

Caí a seus pés.

— Meu Deus! Já você está outra vez de joelhos: começa bem, não haja dúvida — e acrescentou enquanto me erguia: — Dou-lhe um ano para me conquistar ou para me convencer de que podemos entender-nos e viver juntos. Se o conseguir, serei sua mulher; uma mulher, Severino, que cumprirá os seus deveres estrita e conscienciosamente. Durante este ano viveremos como casados.

O sangue subiu-me à cabeça. As maçãs do rosto dela também estavam abrasadas.

— Viveremos juntos — acrescentou. — Participaremos dos nossos costumes mútuos para ver se nos convêm. Concedo-lhe todos os direitos de um esposo, de um adorador, de um amigo. Está satisfeito?

— Devo estar.

— Não deve nada.

— Mas quero.

— Muito bem. Assim é como falam os homens. Tome a minha mão.

Faz já dez dias que não passo uma hora sem ela, exceto as noites. Arde em mim constantemente o desejo de contemplar-lhe os olhos, de ter as suas mãos entre as minhas, de ouvir as suas palavras, de acompanhá-la constantemente.

O meu amor parece-me um golfo, um abismo sem fundo no qual me afundo cada vez mais, e do qual não poderei mais sair.

Hoje estendemo-nos à meia-noite em frente à estátua de Vênus, na planície. Colhi flores, que pus sobre os seus joelhos, e ela teceu grinaldas com que coroamos a nossa deusa.

De repente, Wanda pareceu-me tão perturbada que num momento as chamas da minha paixão invadiram todo o meu ser. Incapaz de dominar-me por mais tempo, rodeei-a com os braços e suspendi-me dos seus lábios. Ela apertou-me contra o peito, palpitante.

— Incomodo-a?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

-
- Nunca me incomoda o que é natural; mas temo que você sofra.
- Ai...! Sofro horrivelmente.
- Pobre amigo! — Afastou-me o cabelo desordenadamente caído sobre a testa. — Espero que não seja nada de grave.
- Sim — respondi. — O meu amor é uma espécie de demência. O pensamento de perdê-la ou de que realmente fique perdida para mim atormenta-me cada dia e cada noite.
- Mas será que me possui de algum modo? — disse Wanda olhando-me com aqueles olhos lânguidos, devorados de paixão, que já da outra vez me haviam fascinado. Depois levantou-se e colocou uma coroa de anêmonas azuis sobre a branca cabeça de Vênus. Quase sem querer rodeei-lhe a cintura com o braço.
- Não posso viver sem si, formosa minha; acredite-me, acredite-me; desta vez não é uma frase, uma fantasia; sinto no mais fundo do meu coração que a minha vida está ligada à sua. Morrerei se me abandonar.
- Que interessa tudo isso, pois se o amo? — acariciou-me a face e ajuntou: — Pobre louco!
- Mas não quer ser minha sem condições, enquanto que eu lhe pertenço incondicionalmente.
- Isso não está bem, Severino — replicou ela quase consternada.
- Não me conhece ainda? Não quer aprender a conhecer-me? Eu sou boa quando me tratam sincera e razoavelmente; mas se alguém se entrega demasiado a mim, torno-me arrogante.
- Seja-o, seja arrogante, seja déspota! — gritei completamente exaltado —, mas seja minha e para sempre! — Sentei-me aos seus pés e abracei-lhe os joelhos.
- Vamos acabar mal, meu amigo — replicou severamente, sem se excitar.
- Assim não acabará nunca! — exclamei louco de amor. — Só a morte pode separar-nos! Se não quer ser minha, toda minha para sempre, quero ser seu escravo, servi-la, suportar-lhe tudo; mas não me mande embora.
- Acalme-se, levante-se e beije-me a fronte. O meu coração é seu, mas não são estes os meios de me conquistar e conservar.
- Farei tudo o que quiser, desde que não a perca; essa idéia...
- Levante-se.
- Obedeci.
- Verdadeiramente você é um homem estranho. Quer possuir-me por esse preço?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Sim, por qualquer preço.

—E que valor teria a minha posse para si — aqui meditou, os seus olhos tomaram uma expressão inquieta, desconfiada — se eu não o amasse e quisesse pertencer a outro?

Fiquei aturdido. Contemplei-a. A sua atitude era firme e segura; os seus olhos fixavam-me, frios.

— Já vejo que esse pensamento lhe dá medo. Repentinamente, um sorriso benévolo iluminou a sua face.

— Sim, causa-me horror pensar que uma mulher a quem amo e que respondeu ao meu amor se entregue a outro, sem nenhuma piedade para comigo. Ficar-me-ia alguma alternativa? Se amasse loucamente essa mulher, voltar-lhe-ia as costas e a minha energia levar-me-ia ao túmulo ou a meter uma bala na cabeça. Eu tenho dois ideais de mulheres. Encontrarei uma que, fiel e benévola, compartilhe a minha sorte brilhante e generosa, quando agora quem a compartilha somente o faz de uma maneira branda e tímida, ou então prefiro cair entre as mãos de uma mulher sem virtude, inconstante e desapiedada. No seu imenso egoísmo essa mulher é ainda assim um ideal. Se é que não posso gozar plena e inteiramente a dita do amor, necessito esgotar o cálice do sofrimento e da tortura, ser maltratado e enganado pela mulher amada, quanto mais cruelmente melhor. I um verdadeiro gozo.

— Está a sonhar?

— Amo-a de tal modo, com toda a minha alma — acrescentei —, com todo o meu coração, que a proximidade de si, a sua atmosfera me são indispensáveis se tiver de viver. Escolha entre os meus ideais. Faça de mim o que quiser; um marido ou um escravo.

— Muito bem — disse Wanda, franzindo as suas sobranceiras enérgicas e delicadas. — Há de ser muito divertido dominar de tal maneira um homem que nos interessa e ama. Mas que imprudência deixar-me escolher! Escolho pois. Quero que seja meu escravo, meu brinquedo.

— Faça-o! — exclamei meio espantado, meio encolerizado. — Se sobre a harmonia das idéias pode fundamentar-se uma união, as paixões procedem dos grandes contrastes. Nós somos dois contrastes que se erguem hostilmente um contra o outro; se tenho de compartilhar esse amor, é-me odioso, mete-me medo. Dado esse estado de coisa, não posso ser senão martelo ou bigorna. Serei bigorna. Não posso ser ditoso sem ver o objeto amado. Poderia amar uma mulher mas só desde que ela seja cruel para mim.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Mas Severino — replicou Wanda quase aborrecida —, acha-me capaz de maltratar um homem que me ama como você e a quem amo também?

— Porque não, se precisamente por isso a adoro tanto? Só se pode amar o que está acima de nós; uma mulher que nos oprime pela sua beleza, pelo seu temperamento, pela sua alma, pela sua força de vontade, que se mostra despótica para conosco.

— De modo que do que fogem os outros é o que você busca?

— Exatamente! Essa é a minha originalidade.

— A sua paixão não tem nada de original nem de estranho. A quem não agrada uma formosa pele? E todo aquele a quem agrada sabe quão próximos parentes são o amor e a dor.

— Mas é que em mim isso chega ao apogeu.

— O que quer dizer que a razão pode pouco para si e que você é uma natureza cheia de moleza e de sensualidade.

— Os mártires, segundo a sua opinião, seriam homens de uma natureza cheia de moleza e de sensualidade.

— Os mártires?

— E, todavia, eram homens vazios de sensualidade, que tiravam prazer do sofrimento e que procuravam espantosas torturas, e mesmo a morte, como outros procuram a alegria. Eu, senhora, sou um desses homens vazios de sensualidade.

— Tenha cuidado de não ser, por isso mesmo, um mártir do amor.

Era uma noite perfumada de Verão. Wanda e eu estávamos sentados na varanda, sob o duplo teto das ramadas das trepadeiras e das estrelas do céu. No fundo do parque fazia-se ouvir a insistente e lamentosa chamada amorosa do gato, enquanto que, sentado aos pés da minha deusa, lhe falo da minha juventude.

— De modo que já tinha essas originalidades?

— Sou assim desde que me recordo. Até no berço, segundo dizia a minha mãe, fui estranho. Recusei o seio de uma viçosa ama de leite, e tiveram de me alimentar com leite de cabra. De pequenino que experimentava pelas mulheres um terror inexplicável... precisamente pelo impaciente interesse que me inspiravam. A abóbada cinzenta, a semi-obscuridade de uma igreja sobressaltavam a minha alma, e uma agonia solene apoderava-se do meu ser frente aos altares resplandecentes das santas imagens. Em troca, deslizava furtivamente, como para gozar um prazer proibido, para junto de uma Vênus de

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

gesso que se encontrava na biblioteca do meu pai, e ante ela me ajoelhava, dirigindo-lhe as orações que me haviam ensinado; o padrenosso, a ave-maria, o credo. Uma vez levantei-me da cama para a ver; a luz da Lua iluminava-me e envolvia a Deusa numa fria claridade pálida. Ajoelhei-me frente a ela e abracei os seus pés gelados, como havia visto fazer as aldeãs aos pés do Crucificado. Um desejo ardente e invencível apoderou-se de mim. Pondo-me de joelhos, abracei o seu formoso corpo frio, beijei os seus lábios, e pareceu-me que a deusa, com um braço levantado, me ameaçava. Enviaram-me muito cedo para a escola e não tardei a entrar num colégio onde me entreguei apaixonadamente à cultura da antiguidade clássica. Familiarizei-me com os deuses gregos mais do que com Jesus; como Páris, concedi a maçã fatal a Vênus; vi arder Tróia e segui Ulisses na sua carreira vagabunda. As imagens de tudo o que é formoso imprimiam-se facilmente na minha alma, e numa idade em que os demais rapazes se conduziam grosseiramente, eu demonstrava horror por tudo o que é baixo, feio e vulgar. O amor da mulher parece particularmente baixo e feio ao jovem, se a mulher se mostra desde o princípio em toda a sua trivialidade. Evitei por conseguinte todo o contacto com o belo sexo e idealizei-me até à demência. A minha mãe tinha uma encantadora criada, jovem, bonita, de formas opulentas. Eu fizera então treze anos. Uma manhã, em que eu estudava Tácito e me extasiava ante as virtudes dos antigos romanos, a rapariga lidava perto de mim. De repente deteve-se, inclinou-se para mim, escova na mão, e dois frescos e soberbos lábios roçaram os meus. O beijo daquela mocinha fez tremer o meu coração, mas a minha Germânia serviu-me de escudo contra a sedutora, e abandonei o quarto.

Wanda desatou a rir.

— Você é, com efeito, um homem raro; seria preciso ir muito longe para encontrar outro semelhante.

— Outra cena desta época que me ficou na memória de uma maneira inesquecível. Uma minha tia afastada, a condessa Sobel, veio a casa dos meus pais. Era uma bela e majestosa mulher, de riso sedutor; mas eu detestava-a, porque tinha na família a fama de uma Messalina, e tratava-me com a maior insolência e maldade. Sucedeu que um dia os meus pais foram à capital.

A minha tia resolveu aproveitar-se da ausência deles para executar a sentença que havia decretado contra mim. De rompante, entrou,

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

vestida com a sua kazabaika³, seguida da cozinheira, da sua filha, e da rapariga que eu havia desdenhado. Sem me dizerem nada agarraram-me e, apesar da minha violenta resistência, ataram-me os pés e as mãos; depois do que, com o seu riso perverso, a minha tia levantou as mangas começou a espancar-me com uma vara, tão fortemente que o sangue correu e, apesar da minha coragem, gritei por misericórdia. Então fez com que me desatassem, mas tive de ajoelhar-me ante ela para lhe agradecer o castigo que me infligira e para lhe beijar a mão. Agora verá o louco despropósito de sensação. Sob a vara da bela e lasciva mulher, que me aparecia, com a sua jaqueta de peles, como uma deusa, colérica, a sensação da mulher despertou em mim pela primeira vez, e desde então a minha tia pareceu-me a mulher mais atrativa da terra. A minha austeridade catoniana, o meu misoginismo, cediam lugar a um sentimento estético elevado ao seu mais alto grau. A minha sensualidade formava na minha imaginação uma cultura artística, e eu jurava não prodigalizar as minhas emoções com um ser vulgar, mas sim reservá-las a mulher ideal, ou, talvez, à própria deusa do amor. Entrei muito jovem na Universidade, que se encontrava na cidade principal, onde residia a minha tia. Pouco tardou que a minha casa se assemelhasse à de Fausto: estantes repletas de livros comprados por um preço irrisório a um mercador da Cervanica⁴, esferas, atlas, retortas, mapas celestes, esqueletos de animais, crânios, bustos de homens célebres. Por detrás do grande aquecedor verde teria podido aparecer a figura de Mefistófeles. Estudei tudo, sem ordem, sem sistema: química, alquimia, história, astronomia, filosofia, jurisprudência, anatomia, literatura. Li Homero, Virgílio, Schiller, Goethe, Shakespeare, Cervantes, Voltaire, Molière, o Corão, o Cosmos e as Memórias de Casanova. Cada dia me tomava mais confuso, mais fantástico e ultra-sensualista. E sempre com uma formosa mulher ideal na cabeça, que de quando em quando me aparecia como uma visão deitada entre rosas, rodeada de cupidos, entre as minhas encadernações de pergaminho e as minhas ossarias, já à maneira olímpica com o rosto resplandecente de brancura da Vênus de gesso, já com as luxuriantes tranças escuras, os olhos azuis, risonhos, e a kazabaika de veludo vermelho guarnecida de arminho da minha tia. Uma manhã, em que a deusa me apareceu na plena e exuberante sedução dos seus encantos entre as névoas da minha imaginação, fui a

³ Jaqueta de cor, de veludo, guarnecida de pele, que mulheres eslavas usam.

⁴ Bairro judeu de Lemberg.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

casa da condessa Sobol, que me recebeu amistosa e até cordialmente, dando-me como prenda de boas-vindas, um beijo que me transtornou os sentidos. Tinha, sem dúvida, cerca de quarenta anos; mas como a maioria das mulheres robustas, era ainda desejável. Usava sempre uma jaqueta guarnecida de peles. Desta vez o vestido era verde guarnecido de marta; mas não lhe restava nada do rigor que tanto me tinha entusiasmado. Pelo contrário, foi tão pouco cruel que, sem muitas cerimônias, me concedeu a permissão de... adorá-la. Deu se conta rapidamente da minha loucura ultra-sensualista, e comprazeu-se a fazer-me feliz. Eu estava encantado como um deus jovem. Que prazer para mim quando, de joelhos frente a ela, me atrevi a beijar as próprias mãos que me haviam castigado! Oh! Que mãos tão maravilhosas! Tão bem feitas, tão finas, tão gordinhas e brancas, com covinhas tão bonitas... Diverti-me com elas, escondia-as e tirava-as de entre a escura pele, segurava-as contra o meu coração, não me cansava de as ver.

Wanda olhou involuntariamente as suas mãos; eu notei-o e não pude deixar de rir.

— Já vê até que ponto predominava em mim o ultra-sensualismo, quando estava enamorado das cruéis chicotadas que recebi da minha tia, como estive dois anos depois de uma jovem atriz a quem fazia a corte. Do mesmo modo que me apaixonei por uma senhora muito respeitável que brincava à virtude insuperável, e que finalmente me enganou com um judeu rico. Veja, pois, que serei enganado, vendido, por qualquer mulher que finja princípios austeros, idealistas. É por isso que tenho aversão às virtudes poéticas, sentimentais. Dê-me uma mulher franca que me diga: sou uma Pompadour, uma Lucrecia Bórgia, e adorá-la-ei.

Wanda levantou-se e abriu a janela.

— Tem uma singular maneira de excitar a imaginação e os nervos de uma pessoa, fazendo-lhe bater o pulso cada vez mais depressa. O senhor rodeia o vício de uma auréola, quando lhe convém torná-lo respeitável. O seu ideal é uma cortesã descaradamente genial. Na minha opinião você é um corruptor de mulheres, até ao mais profundo da medula.

À meia-noite chamam à minha janela, levanto-me, abro, e começo a tremer. Frente a mim está *A Vênus das Peles*, quase da mesma maneira que me apareceu pela primeira vez.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Você agitou-me com as suas histórias; dou voltas na cama sem conseguir dormir — disse. — Venha fazer-me companhia.

— Irei imediatamente.

Quando entrei, Wanda estava frente à chaminé, onde ardia um pequeno fogo.

— O Outono anuncia-se. As noites são frias. Talvez o aborreça, mas não posso tirar as peles antes que o quarto tenha aquecido.

— Desagradar-me! Ah, graciosa! Você nem sabe... Pus o meu braço à sua volta e abracei-a.

— Já o sei; mas donde é que ganhou essa paixão pelas peles?

— É inata em mim, e já de criança dei mostras desta predileção. Além disso, a pele exerce uma ação excitante sobre todas as naturezas nervosas, quase em geral, como todas as leis físicas. É uma atração física tão estranha como excitante. Nestes últimos tempos, a ciência descobriu um certo parentesco entre a eletricidade e o calor, e a ação que cada uma destas forças exerce sobre o organismo humano aproxima-se à da outra. A zona tórrida engendra homens apaixonados; uma atmosfera quente, a exaltação. O mesmo se passa com a eletricidade. A companhia dos gatos produz efeitos benéficos, que parecem verdadeiros sortilégios, nas naturezas excitáveis. Não me admira que esses encantadores animais, lindas baterias vivas de eletricidade, tenham sido os favoritos de Mafoma, de Richelieu, Crèbillon, Rousseau, Wieland, etc.

— E uma mulher que veste uma pele — interrompeu Wanda —, não é para si outra coisa que um gato grande, uma bateria elétrica?

— Sem dúvida, e é assim que explico a mim próprio o simbolismo que atribui a pele ao poder e à beleza. Por isso, desde as primeiras idades do mundo as adotaram os reis, e assim também uma tirânica nobreza teve a pretensão de, mediante as leis suntuárias, reservá-las como um privilégio exclusivo, enquanto que os grandes pintores as destinavam às grandes belezas. Rafael e Ticiano não encontraram melhor fundo que uma pele escura: aquele, para as divinas formas da Fornarina; este, para o corpo rosado da sua bem--amada.

— Agradeço-lhe essa dissertação erótica — disse Wanda —, mas não me disse tudo; o senhor junta ainda outro sentido particular às peles.

— Já lhe disse e repito-lhe que a dor possui para mim um encanto estranho, e que nada acende mais a minha paixão do que a tirania, a crueldade, e sobretudo a infidelidade de uma mulher formosa. Esta

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

mulher, este estranho ideal de terrível estética, imagino-a com a alma de Nero e o corpo de Friné.

— Compreendo; isso dá à mulher algo de imponente, de imperioso.

— Isso não é tudo — continuei. — Você já sabe que eu sou ultra-sensualista, que em mim toda a concepção procede, antes de mais, da imaginação e que se nutre de quimeras. Desde que, pelos dez anos, puseram nas minhas mãos a vida dos mártires, desenvolvi-me e sobreexcitei-me nesse sentido. Recordo-me que lia com um horror que constituía para mim um verdadeiro prazer, a maneira como languesciam na prisão, os estendiam nas grelhas, os atravessavam de setas, os ferviam em pez, os deitavam às feras, os crucificavam, tudo sofrendo eles com uma espécie de alegria. Sofrer, suportar cruéis torturas, parecia-me então uma forma de prazer, sobretudo se estas torturas se infligiam por intermédio de uma mulher bonita; de maneira que, para mim, sempre e constantemente, toda a poesia e toda a infância estão concentradas na mulher. E rendi-lhe culto. Via na sensualidade algo sagrado, talvez o único; na mulher e sua beleza, algo divino; nela, o problema mais importante da existência. A propagação da espécie é, antes de mais, a sua vocação. Via na mulher a personificação da natureza, Ísis; e no homem, seu sacerdote e seu escravo. E via a mulher cruel para com ele, como a natureza, que afasta de si o que já serviu e já não necessita; enquanto para o homem são verdadeiras delícias os maus tratamentos, a própria morte quando dada por uma mulher. Invejava o rei Gunther, a quem a famosa Brunequilda amarrou na noite das suas bodas; ao pobre trovador a quem a sua vistosa dama fazia coser numa pele de lobo para depois o perseguir como a uma fera; invejava o cavaleiro Etiard, a quem a audaz amazona Scharka fez prisioneiro por astúcia num bosque perto de Praga, arrastando-o a um torreão e atando-o por fim à roda.

— Espantoso! — exclamou Wanda. — Gostaria que você caísse nas mãos de uma dessas mulheres selvagens, e que vestido com uma pele de lobo fosse entregue aos dentes da matilha ou que o atassem na roda. Veria então como desapareceria a poesia.

— Pensa assim? Eu não.

— Não está bom do juízo.

— Talvez. Mas, escute-me. Desde então li com verdadeira avidez histórias em que se relatam as mais espantosas crueldades, e olhava com especial gosto as estampas e gravuras que as ilustravam: tiranos sanguinários que se sentaram num trono, inquisidores que submeteram

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

às torturas os hereges, degolando-os ou queimando-os vivos; depravadas, belas e despóticas mulheres, como Libusa, Lucrecia Bórgia, Inês da Hungria, a rainha Margot, Isabeau, a sultana Roxelana, as czarinas russas do século passado..., todas vestidas de peles ou com roupas guarneçadas de arminho.

— De modo que uma pele desperta sempre em si estranhas visões — interrompeu Wanda envolvendo-se, cheia de *coquetterie*, no seu soberbo casaco de peles, de tal modo que a peliça de zibelina de sombrios reflexos desenhava maravilhosamente o seu busto e os seus braços. — E agora, como me acha? Sente já as suas estranhas sensações?

E os seus olhos verdes, penetrantes, pousaram sobre mim com uma estranha e doce complacência, enquanto que, transbordando de paixão, cai de joelhos frente a ela, com os braços estendidos.

— Sim, voltou a despertar em mim as minhas fantasias favoritas, adormecidas há tanto tempo.

— Quais?

E pousou a mão na minha nuca.

Sob o calor daquele contacto, sob o olhar que me observava com ternura através das pálpebras semi-cerradas, apoderou-se de mim uma doce embriaguez.

— *Ser o escravo de uma mulher formosa; eis o que amo, o que adoro.*

— E por isso mesmo ela vos maltrata! — interrompeu Wanda rindo.

— Ata-me e flagela-me, e bate-me com o pé, enquanto pertence a outro.

— E quando ele, enlouquecido pelos ciúmes, a disputar ao rival ditoso, ela leva a sua arrogância ao ponto de o vender a esse mesmo rival dando-lhe o preço da sua barbárie? Porque não? A si não lhe agrada este final?

Olhei Wanda aterrado.

— Vai ainda mais longe que os meus sonhos.

— Sim, nós, as mulheres, somos engenhosas; tenha cuidado com o seu ideal, porque pode acontecer que o trate pior que imagina.

— Temo tê-lo encontrado já! — exclamei, afundando a minha cabeça abrasada entre os seus seios.

— Certamente que não em mim!

E desprendendo-se das peles, riu, saltitando pelo quarto. Ria ainda quando descí as escadas, e sumido nas minhas reflexões, meio vestido, escutava ainda em cima o seu riso louco, malicioso.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Poderia encarnar para si o seu ideal? — perguntou-me Wanda com ar travesso quando, na manhã seguinte, nos encontramos no parque. De princípio fiquei parado, revoltado pelos mais contrários sentimentos. Entretanto, ela sentou-se num banco de pedra, brincando com uma flor.

— Poderia?

Lancei-me a seus pés e tomei-lhe as mãos.

— Rogo-lho outra vez. Seja minha mulher, minha fiel e honrada mulher.

— Já sabe que dentro de um ano a minha mão será sua se você for o homem que procuro — respondeu ela com seriedade —; mas, de qualquer modo, espero que me fique agradecido se eu realizar o seu sonho. Que prefere?

— Creio que tudo o que flutua na minha imaginação se encontra em si.

— Engana-se.

— Creio que lhe agrada ter um homem nas mãos e torturá-lo.

— Não, não! — gritou vivamente. Depois caiu em meditação. — Não me compreendo a mim própria; mas devo fazer-lhe uma confissão. Destruí o meu sonho; o meu sangue arde e começo a não experimentar outro prazer, delícias semelhantes ao entusiasmo com que você fala de uma Pompadour, de uma Catarina II, de todas as mulheres egoístas, frívolas e cruéis. Tudo isso me excita, entra na minha alma e impulsiona-me a ser semelhante a elas que, apesar da sua crueldade, foram adoradas servilmente enquanto viveram, e que mesmo do túmulo realizam ainda milagres. Numa palavra, faça de mim uma déspota de frágeis pés, uma Pompadour de trazer por casa.

— Se assim é — ripostei eu —, deixe-se levar pelos impulsos da natureza, mas nunca só até meio. Se não pode ser uma mulher boa e honrada, seja um demônio.

Eu estava descomposto, excitado; a proximidade da formosa determinava em mim uma espécie de febre; não sei o que disse, mas recordo que beijei o seu pé e que, levantando-o, o pus sobre a minha nuca. Mas ela retirou-o imediatamente e levantou-se parecendo enfadada.

— Se me ama, Severino, não fale assim — a sua voz tomou-se incisiva e imperiosa. — Está a ouvir-me? Nunca mais! Por fim, poderia acontecer... — Desatou a rir e sentou-se de novo.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Falo com toda a seriedade. Adoro-a de tal modo que quero suportar tudo de si, conquanto possa passar a minha vida ao seu lado.

— Severino, advirto-o de novo.

— Inutilmente! Faça de mim o que quiser, mas sem me afastar.

— Severino, sou uma mulher jovem e sem tino. E perigoso para si entregar-se tão inteiramente; ao fim e ao cabo converter-se-á num brinquedo meu. Quem lhe assegura que eu não abusaria da sua demência.

— A vossa nobre conduta.

— O poder entontece.

— Faça-o, espezinhe-me.

Wanda rodeou-me o pescoço com os braços, olhou-me nos olhos e sacudiu a cabeça.

— Tenho medo de não poder fazê-lo; mas tentarei, por ti, meu bem, a quem amo como nunca amei ninguém.

De repente, hoje, tomou o seu xale e sombrinha e tive de acompanhá-la ao bazar. Ali fez com que lhe mostrassem látegos, látegos longos de cabos curtos, próprios para cães.

— Estes serão bons — disse o vendedor.

— Não, são demasiado pequenos — disse Wanda, mirando-me de soslaio. — Quero-os maiores.

— Talvez para algum dogue?⁵

— Sim, como os que usavam na Rússia para os escravos rebeldes.

Escolheu, por fim, um; estava com um ar inquietante que me surpreendeu.

— Agora adeus, Severino. Tenho de fazer outras compras e não necessito que me acompanhe. Despedi-me e dei um passeio. Ao voltar vi Wanda a sair de uma casa de peles. Chamou-me.

— Pense bem — começou por me dizer de bom humor. — Nunca lhe ocultei que a sua seriedade e o seu ar sonhador me cativaram. Encanta-me ver um homem sincero entregar-se inteiramente a mim, extasiar-se a meus pés; mas, durará este encanto? A mulher ama o homem, mas ao escravo pisa-o e maltrata-o.

— Expulsa-me então a pontapé, se te cansaste de mim. Quero ser teu escravo.

— Vou descobrindo que há instintos perigosos adormecidos em mim — juntou Wanda daí a pouco — e que os despertas, não certamente em

⁵ Casta de cão de pêlo curto, focinho chato, beiços grossos e índole feroz. (*N. do T.*)

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

teu proveito. Que dirias tu, tão hábil em pintar as sensações do gozo, da crueldade com tanto orgulho, se experimentasse tudo isso em ti, como Dionísio, que fez queimar o inventor do boi de bronze no seu mesmo invento para ver se os seus lamentos, os seus queixumes de morte, se pareciam de fato com o mugido do boi? Não poderia ser eu um Dionísio fêmea?

— Seja, e o meu sonho ver-se-á realizado. Pertenço-te no bem e no mal; escolhe tu própria. A fatalidade impele-me, está no meu coração, diabólica, onipotente!

“Meu amado: não te verei hoje nem amanhã, mas só depois de amanhã, e já como meu escravo. A tua dona, Wanda.”

As palavras “como meu escravo” estavam sublinhadas. Li uma vez mais o bilhete, recebi de mau humor a nova manhã, e mandando aparelhar um asno, um verdadeiro burro sábio, fui afogar a minha dor à montanha, para enganar os meus ardentes desejos na grandiosa natureza dos Cárpatos.

Eis-me de volta, fatigado, esfomeado, a morrer de sede, e, sobretudo, de amor. Visto-me à pressa e pouco depois chamo à sua porta.

— Entra!

Entro. Ela está no meio do quarto, os braços cruzados sobre o peito, as sobancelhas franzidas, vestida com um traje de seda de um branco desvanecedor, como o dia, e com uma kazabaika de seda escarlata, guarnecida de rico e soberbo arminho. Sobre os seus cabelos polvilhados, como de neve, descansa um diadema de diamantes.

— Wanda! — avancei para ela querendo abraçá-la. Ela retrocedeu um passo, medindo-me de alto a baixo com o olhar.

— Escravo!

— Minha dona! — ajoelhei-me e beijei a orla do seu vestido.

— Assim está bem.

— Como és bela!

— Agrado-te? — aproximou-se do espelho e contemplou-se com altaneira satisfação.

— Enlouqueço!

Fez um gesto de desdém e contemplou-me trocista através das pálpebras semicerradas.

— Dá-me o látigo.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Olhei em volta.

— Não, continua de joelhos! — foi à chaminé e tomou o látigo, e olhando-me enquanto ria, fê-lo sibilar no ar. Depois levantou com ligeireza as mangas da kazabaika.

Eu murmurava:

— Admirável mulher!

— Cala-te, escravo! — e o seu olhar adquiriu um tom sombrio, até selvagem, e descarregou-me uma chicotada. Quase instantaneamente passou com muita delicadeza o braço em redor do meu pescoço e inclinou-se compassiva para mim.

— Magoei-te? — perguntou-me entre confusa e cheia de angústia.

— Não — respondi —, e se o tivesses feito, as dores seriam para mim um prazer. Castiga-me outra vez, se te agrada.

— Mas se não me causa nenhum prazer...

A estranha embriaguez apoderou-se de mim.

— Castiga-me — repliquei —, castiga-me sem piedade!

Wanda brandiu o látigo e flagelou-me duas vezes.

-É bastante?

— Não.

— Deveras que não é?

— Flagela-me, rogo-te; é um prazer para mim.

— Sim, porque sabes que não é a sério, que o meu coração não quer fazer-te mal. Este jogo bárbaro repugna-me; se eu fosse de fato uma mulher que açoita os seus escravos, ficarias assustado.

— Não, Wanda, amo-te mais que a mim mesmo; entreguei-me a ti na vida e na morte e podes fazer contra mim tudo o que o teu orgulho te sugira.

— Severino!

— Espezinha-me —e estendi-me à sua frente com a cara no chão.

— Repugnam-me as comédias! — exclamou Wanda impaciente.

— Então maltrata-me.

Houve uma pausa inquietante.

— Severino, pela última vez!

— Se me amas, sê cruel para mim — implorei erguendo os olhos para ela.

—Se te amo? Estamos bem arrançados! — Retrocedeu olhando-me com um ar sombrio. —Sê, pois, meu escravo, e aprende o que é um homem entregar-se a uma mulher. E dizendo isto deu-me um pontapé.

— Que tal, escravo?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Depois brandiu o látigo.

— Levanta-te!

Quis levantar-me.

— Assim não! De joelhos!

Os golpes choviam, vigorosos, sobre as minhas costas e os meus braços, cortando-me as carnes, em que deixavam uma sensação de queimadura; mas o sofrimento deliciava-me porque provinha dela, a adorada, daquela a quem estava disposto a todo o momento a entregar a minha vida.

Por fim deteve-se.

— Começa a agradar-me este jogo, mas por hoje já é bastante; só que tenho a diabólica curiosidade de saber até que ponto chega a tua resistência, a voluptuosidade cruel de sentir-te tremer sob o meu látigo, de ver como te dobras, e de ouvir, enfim, os teus gemidos, os teus ais e gritos de dor, até que peças misericórdia e eu continue ferindo-te ainda sem piedade até que caias sem conhecimento. Despertaste em mim instintos perigosos. Agora levanta-te.

Apoderei-me da sua mão para a levar aos lábios. — Que audácia! — e afastou-me com o pé. — Fora da minha vista, escravo!

Depois de uma noite de febre passada em sonhos confusos, despertei. Amanhecia. Que existe de verdadeiro nas flutuações da minha recordação? Experimentei-o ou sonhei-o? É certo que me flagelaram; conto, um por um, os golpes; posso contar os sinais arroxeados e ardentes que sulcam o meu corpo. Foi ela quem me flagelou! Sim, já me lembro de tudo. O meu sonho tomou corpo. Que direi agora? A realidade desenganou-me do meu sonho? Não. Só me encontro um pouco fatigado; mas a sua crueldade enche-me de alegria. Oh, como a amo, como a adoro! Ah! Tudo isto não expressa nem ao de leve o que sinto por ela, até que ponto me entreguei a ela! Que delícia, estar em escravidão!

Chama-me da varanda. Subo apressadamente a escada. Ela está no patamar e estende-me, amistosa, a mão.

— Estou envergonhada — disse-me enquanto a abraço e deixando cair a cabeça sobre o meu ombro.

— Porquê?

— Esquece a odiosa cena de ontem — pediu-me com a voz a tremer. — Acedi à tua louca mania. Sejamos agora razoáveis e felizes; amemos-nos e dentro de um ano serei tua mulher.

— Minha dona, quererás dizer; e eu teu escravo.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Nada de escravidão, de crueldade nem de látego — interrompeu Wanda. — Não te concedo mais que a jaqueta de peles. Vem e ajuda-me a vesti-la.

O relógio de bronze sobre o qual dorme um cupido junto da sua seta dá a meia-noite.

Levanto-me para sair.

Wanda não diz nada, mas abraça-me e puxa-me de novo para o sofá, onde continua a abraçar-me, numa linguagem muda, profundamente compreensível e convincente, que sem dúvida dizia mais do que eu ousava compreender. Tão lânguido abandono refletia-se em toda a pessoa de Wanda, tão voluptuosa ternura saía dos seus olhos semifechados, da onda vermelha da sua cabeleira brilhante sob a brancura do pó, da seda branca e vermelha que gemia em seu redor a cada movimento seu, do arminho da kazabaika em que se envolvia negligentemente.

— Rogo-te — balbuciava eu. — Mas vais ser má. — Faz de mim o que quiseres — murmurava ela. — Pertenço-te de verdade.

— Passa agora sobre mim, rogo-te, se não queres transtornar-me.

— Não to proibi? És incorrigível.

— Ai! Estou terrivelmente enamorado — caí de joelhos e afundei o meu rosto ardente no seu peito.

— Creio, na verdade — comenta Wanda meditabunda —, que toda a tua demência é uma sensualidade insaciável. A nossa monstruosidade faz brotar em nós este estado moroso. Se fosses menos virtuoso, tornar-te-ias mais razoável.

— Torna-me, pois, inteligente — murmurei. As minhas mãos afundavam-se entre o seu cabelo e a sua brilhante pele que, como um clarão de lua, inundava todos os meus sentidos e subia e descia sobre o seu seio palpitante.

Abracei-a; não, ela abraçou-me a mim, com tal frenesi, com tão pouca piedade, que parecia querer comer-me com os beijos. Eu estava delirante; parecia ter perdido a razão e faltava-me a respiração. Quis desprender-me.

— Que se passa?

— Sofro atrozmente.

— Sofres? — e desatou às gargalhadas.

— Podes rir! — gemi eu. — Logo não duvidas.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

De novo foi sincera. Tomou a minha cabeça entre as mãos, e com um esforço violento atraiu-me para o seu seio.

— Wanda! — balbuciei.

— Muito bem! De modo que te agrada sofrer? — voltou a rir. — Espera, que rapidamente te tornarei razoável!

— Não! Não quero pedir nada. Se queres pertencer-me para sempre ou somente por um delicioso momento, eu quero gozar a minha felicidade. Sê minha agora; prefiro perder-te a não possuir-te nunca.

— Agora és razoável — disse, oprimindo-me com os seus lábios assassinos.

Arranquei de uma só vez peles e encaixes; a sua garganta nua palpitou contra a minha.

Perdi o conhecimento.

Quando voltei a mim, o sangue corria-me da mão. Perguntei a Wanda fleumaticamente:

— Arranhaste-me?

— Não; creio que te mordi.

É curioso observar como variam as relações de vida quando se interpõe um estranho.

Passamos juntos dias encantadores, visitando a montanha, o lago, lendo, terminando eu o seu retrato. Quanto nos amamos e que sorridente estava o seu encantador rosto!

Mas agora veio uma amiga, uma mulher divorciada, de mais idade, mais experimentada e menos escrupulosa que Wanda e a sua influência faz-se já sentir na direção por que a leva.

Wanda franze as sobrancelhas e dá-me provas de certa impaciência.

Já não me ama?

Esta sujeição insuportável dura há quinze dias.

A amiga vive com ela e nunca nos vemos a sós. Um círculo de senhores rodeia ambas as damas. Com a minha gravidade, o meu humor sombrio, desempenho um mau papel de amante. Wanda trata-me como a um estranho.

Hoje deixou-se ficar comigo, no passeio. Vejo que o faz de propósito e por gosto. Mas o que é que me diz?

— A minha amiga não compreende que possa querer-te bem, pois não lhe pareces bonito nem interessante. Além disso, está-me sempre a falar da brilhante e frívola existência da cidade, das pretensões que posso fazer valer, dos aristocráticos adoradores que cativaria. Mas existe uma coisa que impede tudo isso, é que te amo ainda.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Por um momento perco a respiração. Logo digo:

— Wanda! Deus é testemunha que não quero ser obstáculo à tua felicidade. Não te preocupes comigo.

Descubro-me e deixo-a caminhar à frente. Ela olha para mim assombrada, mas não diz uma palavra.

À volta encontro-me por acaso com ela. Ela segura-me a mão às escondidas e olha-me com um olhar tão quente, tão cheio de promessas de felicidade, que esqueço todos os sofrimentos do dia. Cicatrizam-me todas as chagas.

— A minha amiga queixa-se de ti — diz-me hoje Wanda.

— Sentiu, sem dúvida, a minha antipatia.

— Porque te é antipática, louco? — disse-me Wanda puxando-me as orelhas.

— Porque é hipócrita. Eu não estimo senão as mulheres virtuosas e as que se dão ao prazer francamente.

— O mesmo se passa comigo; mas já vês, criança; a mulher não pode ser assim senão raras vezes. Não pode ser tão puramente sensual nem tão independente de feitio como o homem. O seu amor é sempre uma sensação exterior e uma atração do espírito; um estado misto. O seu coração deseja prender o homem de uma maneira duradoura, sendo assim que ela está submetida a variação. Daqui procede, e quase sempre contra sua vontade, a falta de harmonia, a mentira, a traição, que pervertem o seu carácter.

— É verdade; o carácter transcendental que a mulher quer imprimir ao amor, conduz à traição.

— Mas é assim que o mundo quer. Olha essa mulher; tem em Lemberg o seu marido e o seu amante, e aqui encontrou um novo adorador. Engana-os a todos e todos a estimam, ainda que o mundo a despreze.

— Pelo que a mim me toca, deveria deixar-te seguir esse jogo; mas trata-te como uma mercadoria.

— Porquê? — interrompeu vivamente a formosa. — Essa mulher tem o instinto, o propósito de aproveitar os seus encantos, e não é pouco entregar-se sem amor, sem prazer. Assim conserva o seu sangue-frio como a sua beleza, e pode obter todas as vantagens.

— Wanda! És tu quem diz isso?

— Porque não? Toma bem atenção no que te vou dizer. *Nunca estejas seguro da mulher a quem ames, porque a natureza da mulher oculta mais adversidades que te parece.* As mulheres não são nem tão boas como dizem os seus apologistas, nem tão más como as pintam os seus

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

detratores. *A natureza da mulher é a volubilidade.* A melhor cai momentaneamente no lodo, a pior ergue-se quando menos se espera até às nuvens, até às ações mais nobres, e envergonha a quem a despreza. Nenhuma é tão boa ou tão má que não seja capaz a cada instante de pensamentos, sensações e ações ou mais diabólicas ou divinas, ou mais infames ou delicadas. A despeito de todos os progressos da civilização, a mulher está hoje tão atrasada como se saísse das mãos da natureza; tem o temperamento da fera que, depois da impulsão que a domina, se mostra pérfida ou fiel, cruel ou generosa. Só uma educação moral austera e cuidada pode formar o caráter. Por esta razão, ainda que sendo malévolo e egoísta, o homem aceita sempre os princípios, enquanto que a mulher segue sempre os seus impulsos. Não o esqueças nunca: não confies jamais na mulher amada.

A amiga saiu. Por fim passamos uma noite juntos. Wanda está tão boa, tão cordial, tão graciosa, que parece haver-me reservado para esta noite todo o amor de que me vem privando.

Que delícia suspender-me a seus lábios, morrer entre os seus braços, fundir o meu olhar ébrio no seu, enquanto, desfalecida de prazer, inteiramente entregue a mim, descansa sobre o meu peito!

Não posso crer nem conceber que seja minha, toda minha.

— Desse ponto de vista tens também razão — principiou a dizer Wanda, sem se mexer, sem abrir os olhos, como se dormisse.

— Quem?

Calou-se.

— A tua amiga?

Wanda inclinou a cabeça.

— Sim, tens razão. Não és um homem, és um sonhador sedutor, e como escravo, inestimável, mas para marido não se pode pensar em ti. Assustei-me.

— Que tens? Tremes?

— Tremo ao pensar com que facilidade posso perder-te.

— Mas és, por isso, menos feliz agora? Rouba-te algo da tua alegria que eu tenha pertencido antes a outro e que outro me possua depois de ti? Será menor o teu prazer porque outro tenha sido feliz como tu?

— Wanda!

— Vês? Isso seria um remédio. Tu não queres perder-me nunca; tu és-me grato e dizes-me com muita moralidade que quererias viver sempre junto comigo, quando a teu lado eu...

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Que idéia! Principio a sentir uma espécie de aversão para contigo.

— Amas-me menos por isso?

— Pelo contrário!

Wanda ergueu-se sobre o braço esquerdo.

— Eu creio — disse — que para subjugar por completo um homem, é preciso antes de tudo ser-lhe infiel. Que mulher honrada é tão adorada como uma hetera?

— É verdade; a infidelidade da amada possui um encanto doloroso, é a mais alta voluptuosidade.

— Para ti também?

— Também para mim.

— E se eu te desse esse prazer? — juntou ironicamente.

— Sofreria muito mas adorar-te-ia mais; mas se te atreveres alguma vez a enganar-me, deves ter a grandeza diabólica de dizer-mo: eu amar-te-ei sempre, mas quero fazer feliz a quem me agrada.

Wanda moveu a cabeça.

— O engano repugna-me, sou leal; mas quem não sucumbe sob o peso da verdade! Se te dissesse que para mim o ideal é a pura vida sensual, o paganismo, terias força de suportá-lo?

— Seguramente. Quero suportar tudo de ti; o que não quero é perder-te. Na verdade sinto que te pertença!

— Mas... Severino!

— Assim é, de fato, e precisamente por isso...

— Poderias? — sorriu maliciosa. — Adivinhei-o?

— Ser teu escravo! A tua propriedade absoluta, sem vontade, com a qual faças o que quiseses, sem arrependimentos! Enquanto que tu saboreias amplamente a vida; enquanto submergida num luxo suntuoso experimentas o puro prazer do amor do Olimpo, eu poderia servir-te, calçar-te e descalçar-te.

— Isso não está mal, porque só como escravo poderias suportar que amasse outro. Além disso, a liberdade de prazeres, à maneira do mundo antigo, não pode conceber-se sem escravidão. É uma sensação quase divina ver ante nós homens ajoelhados, tremendo! Quero ter escravos. Ouves, Severino?

— Acaso eu não o sou?

— Escuta-me — disse Wanda exaltada, estreitando-me a mão. — Quero ser tua enquanto te ame. — Um mês?

— Talvez dois.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— E em seguida?

— Serás meu escravo.

— E tu?

— Eu? Que mais queres? Eu sou uma deusa que às vezes desce, ligeira, muito ligeira, quase furtiva-mente, do seu Olimpo para ti. Mas que significa tudo isto? — disse Wanda apoiando a cabeça entre as mãos, o olhar perdido no vácuo, face a um sonho dourado que não se realizaria jamais. Tinha-se estendido pelo seu ser uma melancolia latente, inquieta. Nunca a tinha visto assim.

— E porque não há de realizar-se?

— Porque a escravidão não existe entre nós.

— Vamos pois onde ela existe; ao Oriente, à Turquia.

— Verdade que queres, Severino?

Os seus olhos ardiam.

— Sinceramente quero ser teu escravo; quero que o teu poder sobre mim esteja consagrado pela lei, que a minha vida esteja nas tuas mãos, que nada me proteja ou me defenda contra ti. Que prazer quando souber que dependo dos teus caprichos, dos teus gestos, dos teus gostos! Que delícia, se fores tão graciosa que permitas alguma vez ao escravo beijar os lábios de que depende o seu decreto de vida ou de morte!

Arrojei-me aos seus pés e apoiei a minha fronte ardente sobre os seus joelhos.

— Tens febre, Severino — disse Wanda excitada. — Amas-me verdadeiramente, com um amor infinito? — estreitou-me contra o peito e encheu-me de beijos. — Quer-lo? — acrescentou vacilante.

— Aqui, frente a Deus e sobre a minha honra, juro que serei teu escravo quando quiseres, quando mandares — exclamei quase fora de mim.

— E se te tomar à letra?

— Fá-lo.

— É um encanto sem igual saber que um homem que me adora, que me ama com toda a sua alma, se dá completamente a mim para depender da minha vontade, do meu capricho; para ser meu escravo, enquanto eu... — e olhou-me com um ar singular. — Estou-me tornando demasiado frívola e a culpa é tua. Creio mesmo que tens medo de mim; mas tenho o teu juramento.

— Cumpri-lo-ei.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Deixa-me por esta noite. Agora tenho Deus por testemunha que não há de ser só um sonho. Tu serás meu escravo e eu serei *A Vênus das Peles*.

Pensava conhecer e compreender a fundo esta mulher, e agora vejo que terei de começar o meu estudo. Com que repugnância não acolhia ela antes as minhas quimeras e com que zelo não persegue hoje a sua realização!

Está em posse de um contrato segundo o qual me comprometo, mediante palavra de honra e juramento, a ser seu escravo enquanto ela quiser. Com um braço em redor do meu pescoço leu-me este documento inaudito, incrível. A cada cláusula um beijo servia de ponto.

— Mas o contrato estipula unicamente deveres para mim — disse-lhe com impaciência.

— É natural — respondeu serenamente. — Tu és meu amante e eu estou ligada a ti por estes deveres. Terás de considerar os meus favores como uma graça: neste papel não tens mais nenhuns direitos nem vantagens. O meu poder sobre ti não pode ter limites. Pensa que não vais ser mais que um cão, uma coisa inerte, brinquedo que posso usar quando isso me divirta. Tu não és nada e eu sou tudo. Compreendes? Desatou a rir, abraçou-me, e senti um estremecimento invadir-me.

— Permitir-me-ás que estipule outras coisas?

— Que se estipulem outras coisas? — franziu as sobrancelhas. — Ah, sim. É porque tens medo ou te arrependeste; mas já é tarde: tenho o teu juramento, a tua palavra de homem. Todavia, escuto-te.

— A primeira cláusula que queria pôr no contrato é que nunca me abandonarás completamente, que nunca me abandonarás à barbárie de um qualquer dos teus adoradores.

— Mas Severino — disse Wanda com uma voz tremula e lágrimas nos olhos —, podes pensar que me porte assim com um homem que me ama tanto, que se entrega completamente nas minhas mãos...? — aqui calou-se.

— Não, não! — exclamei cobrindo de beijos a sua mão —; não temo que possas querer desonrar-me. Perdoa tão odioso pensamento.

Wanda riu deliciosamente, juntou a sua face à minha e pareceu sonhar.

— Todavia esqueces-te de algo — juntou com malícia. — O mais importante...

— Alguma cláusula?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Sim; que tenho de mostrar-me sempre vestida de peles à tua frente. Mas prometo-te que as usarei, porque me inspiram sentimentos despóticos e eu quero ser cruel contigo. Compreendes?

— Tenho de assinar o contrato.

— Ainda não; quero juntar-lhe a tua cláusula e escolher data e local.

— Em Constantinopla.

— Não. Pensei maduramente no assunto. De que serviria ter um escravo numa terra em que todos o têm? Quero ser a única que aqui, no nosso mundo civilizado, prosaico, burguês, o possua, um escravo que não me dão nem a lei nem o meu direito, isto é, a minha potência brutal, mas somente o poder da minha beleza. Isso é atrativo. De qualquer modo iremos a um país onde não nos conheçam e onde possas sem escrúpulos passar por meu criado. Talvez a Itália; Roma ou Nápoles.

Estamos sentados no seu sofá. Ela vestida com a sua jaqueta de arminho, com a pele caída sobre as costas, maneira de crina de leão, e agarrada aos meus lábios, bebendo-me a alma. A cabeça anda-me à volta, o sangue começa a entrar em ebulição, o meu coração bate contra o seu.

— Quero estar eternamente nas tuas mãos, Wanda — disse num transbordo de embriaguez que me tornava quase incapaz de pensar ou de tomar uma decisão com liberdade. — Sem condição, nem restrição alguma; quero entregar-me à tua clemência ou aos sinais da tua vontade — ao falar assim deixei-me cair aos seus pés e, louco de paixão, levantei os olhos para ela.

— Como estás formoso assim! Os teus olhos semi-apagados encantam-me, o teu olhar agonizante seria assombroso se te flagelassem até à morte. Tens o olhar de um mártir.

Às vezes tenho medo de me entregar tão completa-mente, tão incondicionalmente a uma mulher. E se abusa da minha paixão, do seu poder?

Vejo agora que o que me ocupa a imaginação desde a infância me encheu sempre de um doce horror.

Louca inquietude! É um jogo malicioso o que está fazendo comigo. Seguramente que me ama, é boa, nobre, incapaz de infidelidade; mas tudo depende dela; ela pode, se quiser...

Que encanto nesta dúvida, neste temor!

Agora compreendo *Manon Lescaut* e o pobre cavalheiro que a adorava como amada de outro, mesmo no pelourinho.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

O amor não conhece a virtude nem o mérito; ama, perdoa e sofre tudo, porque deve; o nosso raciocínio de nada nos serve para o amor; nem preferências, nem defeitos que descobrimos, provocam a nossa abnegação nem nos fazem retroceder assustados.

É uma doce, melancólica, misteriosa força que nos empurra; e deixando de pensar, de sentir e de querer, deixamo-nos empurrar por ela, sem perguntar aonde nos leva.

Pela primeira vez vimos hoje no passeio um príncipe russo que, graças à sua atlética presença, à sua formosa fisionomia, ao luxo da sua pessoa, causava uma sensação geral. As damas, principalmente, olhavam-no com assombro, como a uma besta feroz; mas ele caminhava com ar sombrio através das avenidas, sem olhar ninguém. Seguiam-no dois servos: um negro inteiramente vestido de vermelho e um tcherkés armado dos pés à cabeça. De repente viu Wanda, deteve nela o seu olhar examinador, voltou a cabeça quando ela passou, e parou a contemplá-la.

Ela devorou-o com os seus vivíssimos olhos verdes, mostrando-se disposta a aceitar tudo dele.

A *coquetterie* refinada com que o olhava estrangulou-me literalmente. Ao aproximarmos-nos de casa fiz-lhe notar isso. Ela franziu a testa.

— Que queres? O príncipe poderia agradar-me; encanta-me um tanto, e eu sou livre e posso fazer o que quiser.

— Então já não me amas? — balbuciei assustado.

— Só te amo a ti; mas quero que o príncipe me faça a corte.

— Wanda!...

— Não és meu escravo? — perguntou com a maior tranqüilidade. — Não sou eu Vênus, a cruel Vênus das Peles?

Calei-me, sentindo-me destroçado por tais palavras, enquanto o seu olhar frio entrava como um punhal no meu coração.

— Vais imediatamente informar-te do nome, morada e demais coisas sobre o príncipe. Ouviste? — Mas...

— Nada de objeções! Obedece! — exclamou

Wanda com uma dureza de que não a julgaria ser capaz. — Não voltes a apresentar-te à minha frente sem que possas responder a todas as minhas perguntas.

Ao meio-dia do dia seguinte pude levar a Wanda as informações que me exigira. Tive de ficar de pé, à sua frente, como um criado, enquanto

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

ela, recostada numa cadeira, me escutava rindo. Acenou com a cabeça e pareceu ficar satisfeita.

— Traze-me o tamborete! — ordenou.

Obedeci, e depois de o colocar à sua frente e lhe ajeitar os pés, ajoelhei-me.

— Como terminará isto? — perguntei com tristeza depois de uma breve pausa.

Ela riu perversamente.

— És ainda mais cruel do que eu pensava — exclamei ofendido.

— Severino — retorquiu com a maior serenidade —, nada fiz ainda, nem a mais pequena coisa, e já dizes que sou cruel. Que dirias se eu satisfizesse os teus caprichos; se tivesse um círculo de adoradores à minha volta; se, para ser o teu ideal, te desse pontapés e chicotadas?

— É que tomas os meus caprichos muito a sério.

— Muito a sério? Uma vez que comece não será para brincadeiras; mas sabes bem quanto detesto esses jogos, essas comédias. Foste tu quem assim o quis. Este ideal foi o meu ou o teu? Fui eu que te arrastei ou foste tu quem exaltou a minha imaginação? Agora é que vai ser a sério.

— Wanda — disse-lhe carinhosamente—, escuta-me com calma. Amamo-nos verdadeiramente, somos felizes. Queres sacrificar o nosso futuro por um capricho?

— Não é nenhum capricho!

— O que é então? — perguntei aterrado.

— Esse instinto entrou em mim — afirmou com a maior tranqüilidade, como que meditando. — Talvez não tivesse surgido nunca; mas tu despertaste-o, desenvolveste-o, tem agora em mim uma força irresistível que enche todo o meu ser, que me causa um gozo extremo, tudo o que posso desejar, e agora queres que retroceda? Serás tu um homem?

— Minha querida Wanda!

E comecei a abraçá-la, a acariciá-la.

— Deixa-me, tu não és um homem!

— E tu, que és?

— Muito teimosa, bem sabes. Não sou forte em quimeras e débil na execução como tu; quando começo algo, termino-o, e tanto melhor se encontro resistência.

Deixa-me.

Empurra-me e afasta-se.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Wanda!

Levanto-me e ponho-me na sua frente, os meus olhos nos seus.

— Já me conheces e já te adverti uma vez. Podes ainda escolher. Eu não te obrigo a que sejas meu escravo.

Wanda!— repliquei comovido, as lágrimas a saltarem-me dos olhos. — Tu não sabes quanto te amo! — Ela fez um gesto desdenhoso. — Estás a abusar e a fazer-te mais odiosa do que és na realidade; o teu carácter é bom, nobre.

—Que é que tu sabes acerca disso? — interrompeu-me impetuosa. — Nunca aprenderás a conhecer-me. — Wanda!

— Decide. Queres submeter-te sem reservas? —E se disser que não?... —Então...

Avança para mim, fria e odiosa. Com os braços cruzados sobre o peito, com um sorriso mau nos lábios, parece-me a déspota dos meus sonhos. Mostra uma expressão de dureza, e o seu olhar não anuncia nada de bom.

— Está bem — disse por fim.

—És má; queres chicotear-me.

— Oh, não! Quero deixar-te ir. És livre. Não te retenho.

— Wanda, eu que te amo tanto!...

— Sim, você que me adora — acrescentou com desdém. — Você, um cobarde, um embusteiro, um trai-dor à palavra dada. Deixe-me imediatamente!

— Wanda!

—Vil criatura!

Confrange-se-me o coração e rompo a chorar caindo aos seus pés.

— Lágrimas ainda! — e começou a rir, oh!, com aquele espantoso riso.

— Vá-se, não o quero ver mais!

— Meu Deus! — exclamei fora de mim. — Farei tudo o que me mandes: serei teu escravo, teu brinquedo; mas não me afastes de ti... Atirar-me-ei a um abismo; mas não posso viver sem ti.

Abracei-a pelo joelhos e cobri-lhe as mãos de beijos.

— Sim, deves ser um escravo, sentir o látigo, porque não és um homem — disse tranqüila, sem cólera, sem arrebatamento, de propósito para me desesperar mais. — Agora já conheço a tua natureza de cão, que lambe os pés de quem o castiga e o maltrata. Já te conheço; mas também tu aprenderás a conhecer-me.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Pôs-se a andar de um lado para o outro enquanto eu permanecia de joelhos, aniquilado, cabeça baixa, inundado de lágrimas.

— Vem para aqui — ordenou Wanda estendida no sofá.

Sentei-me ao seu lado. Ela olhou-me com um ar sombrio, depois, de repente, atraiu-me, sorrindo, ao seu peito e abraçou-me, com lágrimas nos olhos.

O cômico da situação é que sou como o urso do parque Lili. Posso fugir e não quero, e suporto-lhe tudo quando me ameaça com a liberdade.

Se ao menos, ela voltasse a pegar no chicote! A amabilidade com que me trata agora é inquietante. Parece que sou um ratinho, e ela uma formosa gata que brinca comigo, disposta a devorar-me a cada instante. O meu coração de ratinho ameaça estalar.

Que prepara ela? Que vai fazer comigo?

Parece ter esquecido por completo o contrato da escravidão. Foi um capricho que abandonou logo para que eu não pudesse opor-lhe resistência? Para que me abandonasse à sua soberana fantasia?

Que boa é todavia para mim! Que afetuosa e enamorada! Estamos passando dias deliciosos.

Hoje fez-me ler a cena de Fausto e Mefistófeles.

quando este aparece como um estudante vagabundo.

O seu olhar detém-se em mim, cheio de satisfação.

— Não compreendo — disse ao acabar a leitura — como um homem pode expressar grandes e belos pensamentos de uma maneira tão clara, tão insistente, e apesar disso ser um excêntrico, um Schlemihl ultra-sensualista.

— Estás contente? — perguntei apertando-lhe a mão.

Acariciou-me a fronte amistosamente.

— Amo-te, Severino — murmurou —, e creio que nunca poderei amar a mais ninguém. Queres que sejamos razoáveis?

Sem responder, tomei-a nos braços. Uma profunda melancolia interior enchia-me o coração, e dos meus olhos umedecidos caiu uma lágrima.

— Porque choras? És uma criança.

A nossa carruagem cruzou-se com a do príncipe russo. Notei que o surpreendia deveras ver-me ao lado de Wanda, e parecia querer atravessar-me com os seus olhos cinzentos elétricos; mas ela — oh!, ter-me-ia lançado a seus pés para os cobrir de beijos! — pareceu nem se dar conta, deixando resvalar sobre ele o olhar indiferente, como se de uma árvore ou um objeto inerte se tratasse. Depois voltou-se para mim e soltou uma gargalhada encantadora.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Ao dar-me hoje as boas-noites, pareceu-me de repente distraída, aborrecida sem razão. Que estará preparando?

— Entristece-me que te vás — exclamou quando eu já estava no umbral da porta.

— Só de ti depende reduzir o tempo de martírio que me atormenta — retorqui tristemente.

— Parece que não notas que também para mim é um tormento.

— Então, põe-lhe fim — supliquei abraçando-a. — Sê minha mulher.

— Nunca, Severino — respondeu com uma doçura cheia de firmeza.

— Mas que se passa? — perguntei aterrorizado até ao mais profundo da minha alma.

— Não és o homem que me convém.

Olhei-a, retirei docemente o braço, que ainda repousava sobre o seu corpo, e abandonei o quarto. Não voltou a chamar-me.

Noite de insônia. Tomei mil resoluções e abandonei-as todas. Pela manhã escrevi uma carta de rompimento. Ao fechá-la, a minha mão tremia; era como se a carta me queimasse os dedos.

As minhas pernas pareciam quebrar-se quando subi a escada para entregar a carta.

A porta abriu-se e Wanda apareceu. Preparava-se para se pentear.

— Não frisei ainda o cabelo — disse rindo. — Que se passa contigo?

— Uma carta.

— Para mim?

Fiz que sim com a cabeça.

— Ah! Queres romper comigo? — perguntou em tom trocista.

— Não me disseste ontem que não era eu o homem que te convinha?

— Disse e repito.

Comecei a tremer e estendi-lhe a carta; a voz faltou-me.

— Toma.

— Guarda-a. Esqueces-te, pelos vistos, que não se trata de saber se és o homem que me convém e que para escravo chegas.

— Minha dona! — exclamei encantado.

— Sim, é como deverás chamar-me doravante — disse Wanda com um gesto indescritível de desdém. — Trata os assuntos que tiveres a tratar num prazo de vinte e quatro horas porque depois de amanhã saio para Itália e levo-te comigo como criado.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Wanda!

— Ficam proibidas essas familiaridades — disse-me, acentuando as palavras de modo incisivo —, do mesmo modo que nunca debes entrar no meu quarto sem que te chame nem falar-me sem que to ordene. De hoje em diante chamar-te-ás não Severino, mas Gregório.

Estremeci de indignação — não posso negá-lo —, mas também de prazer e de uma emoção insuperável.

— Mas, senhora, conheço bem a minha situação; eu dependo ainda do meu pai e duvido que ele ponha à minha disposição o dinheiro que seria necessário para essa viagem.

— Queres dizer que não tens dinheiro? — perguntou Wanda encantada. — Tanto melhor! Assim dependerás completamente de mim, como escravo.

— Mas não estais a ver — tentei ainda objetar — que como cavalheiro me é impossível...

— O que eu sei — interrompeu ela imperiosamente — é que, como cavalheiro, te comprometeste, sob jura-mento e sob palavra de honra, a seguir-me como escravo, aonde eu quisesse, e a fazer tudo o que eu mandasse. Por agora chega, Gregório!

Voltei-me para a porta.

— Ainda não. Antes tens de beijar-me a mão.

Estendeu-me a mão com um certo orgulhoso abandono, e eu — burro, diletante, vil escravo! — beijei-a afetuosamente com os lábios secos da febre e da excitação.

Acenou com a cabeça, a despedir-me.

Era já tarde quando acendi a lâmpada e a chaminé, porque tinha ainda de escrever algumas cartas e outras coisas a tratar. O vento de Outono começava a soprar com violência, como é usual aqui.

De repente ela chamou, batendo com o cabo do látigo na janela.

Abri. Estava vestida com a sua jaqueta de arminho, e cobria a cabeça com uma touca de cossaco, alta e redonda, também de arminho, como as que agradavam à grande Catarina.

— Estás pronto, Gregório? — perguntou com um ar sombrio.

— Ainda não, minha dona.

— Agrada-me a expressão. Chama-me sempre assim, ouves? Amanhã, às nove, deixamos estes lugares. Até à cidade serás meu acompanhante e amigo; uma vez que tenhamos subido para a carruagem, serás meu servo e meu criado. Agora fecha a janela e abre a porta.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Logo que cumpri as suas ordens entrou, e perguntou-me franzindo as sobrancelhas:

— Agrado-te agora?

— Tu?

— Quem te permitiu tratar-me assim — e deu-me uma chibatada.

— Estais maravilhosamente formosa, minha dona. Wanda riu e sentou-se na minha cadeira.

— Ajoelha-te aqui, perto de mim.

Obedeci.

— Beija-me a mão.

Colhi a sua mãozinha fria e beijei-a.

— Agora a boca.

Lancei os braços, num transbordo de paixão, ao pescoço da cruel mulher, e cobri-lhe o rosto, a boca e o busto de beijos ardentes, que ela me devolveu com igual fogo, de olhos fechados, como que em sonhos, até à meia-noite.

Às nove em ponto, segundo havia ordenado, tudo estava preparado para a nossa partida, e deixamos a aldeola dos Cárpatos na qual se havia tecido o mais interessante drama da minha vida, cujo desenlace não podia sequer presumir.

Agora tudo vai bem. Vou sentado ao lado de Wanda, conversando com o maior afeto e espiritualidade do mundo, dos amigos, da Itália, da nova novela de Pisemski e da música de Wagner. Ela vestiu para a viagem uma espécie de amazona de pano negro e uma jaqueta curta do mesmo tecido guarnecida de pele escura, que desenhava a finura e esbeltez das suas formas. Traz também uma escura peliça de viagem.

O cabelo, atado à moda antiga, cobre-se de uma pequena touca de pele negra, de que pende um velilho negro.

Está de muito bom humor; vai-me enchendo de bombons, acaricia-me, ata-me e desata-me o laço, põe as suas peles sobre os meus joelhos, aperta-me furtivamente os dedos, e quando o cocheiro se distrai, beija-me com os lábios frescos, que têm o perfume de uma rosa aberta no Outono entre as folhas já mortas, salpicada dos diamantes do primeiro orvalho.

Chegamos à capital do distrito. Descemos na estação dos caminhos-de-ferro. Com um sorriso encantador, Wanda dá-me a sua capa de peles a segurar e vai comprar os bilhetes.

Ao voltar está completamente mudada.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Aqui tens o teu bilhete, Gregório — disse no tom de voz que as grandes senhoras reservam para os seus lacaios.

— De terceira — exclamei com cômico terror.

— É natural; mas sobe só depois de eu ter entrado para a carruagem. Em cada estação virás receber ordens. Não faltes. Dá-me a capa.

Logo que, como um escravo submisso, a ajudei a pô-la, procurou, seguida por mim, a carruagem de primeira; subiu apoiando-se nos meus ombros, e fez-me envolver-lhe os pés na pele de urso, sobre o aquecedor.

Com um sinal mandou-me embora. Subi para a minha carruagem de terceira, cheia de fumo de tabaco, espesso como dizem que é à entrada do Inferno com o nevoeiro do Aqueronte, e pus-me a meditar sobre o enigma da existência humana e o maior dos seus mistérios: a mulher.

Cada vez que o comboio pára corro à sua carruagem à espera de ordens, de chapéu na mão. Umas vezes quer café, outras um copo de água, uma taça, água tépida para lavar as mãos, enquanto deixa que dois cavalheiros que vão no seu compartimento lhe façam a corte. Eu morro de ciúmes e apresso-me a cumprir as ordens da minha dona sem perder o comboio. A noite começa a cair. Não posso comer nem dormir. Respiro o odor envenenado da cebola, dos aldeões polacos, dos mercadores judeus, dos soldados, e quando vou receber ordens encontro-a estendida nas suas confortáveis peles, sobre os almofadões cobertos de peles de animais, como uma déspota oriental. Os dois homens, sentados como deuses índios, tensos, mal se atrevem a respirar.

Detemo-nos por um dia em Viena para ela fazer algumas compras, toda uma coleção de luxuosos vestidos. Vou na sua carruagem como criado. De loja em loja, caminho sempre a dez passos de distância de Wanda, sem que uma vez sequer me honre com um olhar amistoso. Recebo os embrulhos e carrego-os, já quase sem alento, como um animal.

Antes de continuarmos tirou-me toda a roupa, que repartiu entre os criados do hotel, e fez-me vestir uma libré, um traje tradicional de Cracóvia, de cores berrantes, azul-claro e vermelho, com um gorro adornado de plumas de pavão, que não me fica mal de todo. Uso as suas armas nos botões de prata das minhas vestes. Parece-me que fui vendido ou que entreguei a alma ao diabo.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

O meu formoso demônio leva-me de Viena a Florença. Agora, em vez de mazovianos e judeus de cabelo gorduroso, tenho por companheiros contadini de cabelos frisados, um brilhante sargento do primeiro regimento de granadeiros italianos e um pobre pintor alemão. A carruagem já não cheira a cebola mas sim a queijo e a salsicha.

De novo a noite. Estendo-me para descansar, porque tenho os braços e as pernas em mísero estado. Mas ainda nisto há poesia. As estrelas brilham no céu, o sargento parece um Apoio de Belveder, e o pintor alemão canta uma maravilhosa romanza da terra:

*Onde quer se espessem as trevas,
as estrelas se acendem, umas atrás das outras; que sopro de
ardente desejo
flutua através da noite!
A minha alma agitada
segue a tua
no Oceano dos sonhos...*

Eu pensei na mulher que, majestosa como uma rainha, repousa nas suas brandas peles.

Florença! Uma multidão que se agita gritando, cocheiros e corretores importunos. Wanda chama um trem e despede os moços que se acercam.

— Para que tenho eu um criado? Gregório, toma o recibo e cuida da bagagem.

Envolve-se na sua capa e senta-se tranquilamente no trem, enquanto eu vou trazendo as bagagens uma a seguir às outras. Houve um momento em que não pude resistir ao peso da última mala. Um carabineiro de aspecto inteligente condeu-se de mim e deu-me uma ajuda. Ela desatou a rir.

— Deve estar pesada, porque tenho aí todas as minhas peles.

Subi para a boleia, limpando o suor que me corria pela frente. Wanda deu a direção do hotel, e o cocheiro fustigou o cavalo. Pouco depois chegávamos a uma porta vivamente iluminada.

— Tem quartos? — perguntou ao porteiro.

— Sim, senhora.

— Dois para mim e um para o meu criado. Todos com aquecimento.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Temos dois muito bons, com chaminé, para a senhora — informou um moço que havia acorrido —, e outro, sem lume, para o criado.

— Mostra-mos.

Agradaram-lhe.

— Está bem, acenda o lume nos meus. O criado passara sem ele.

Olhei-a.

— Traze as bagagens, Gregório — ordenou sem olhar para mim —, enquanto me arranjo e passo à sala de jantar. Tu também podes comer qualquer sala.

Enquanto Wanda vai para o quarto, levo o baú para cima e ajudo o moço a acender o lume no quarto, olhando com surda inveja a chaminé, o leito, as almofadas. Depois, fatigado e cheio de fome (fazia trinta e seis horas que não comia nada quente) subo as escadas e peço de comer. Um simpático moço, a quem o meu alemão é difícil de entender, leva-me à sala de jantar e está a servir-me, quando de repente ela entra.

Levantei-me.

— Como pode conduzir-me a uma sala de jantar onde está o meu criado? — pergunta ao moço com dureza; e, vermelha de cólera, retira-se.

Dou graças ao Céu por poder continuar a comer, ainda que intranquilo. Em seguida subo ao quarto aonde encontro a minha pobre mala. É um quarto estreito, sem chaminé, sem janela, apenas com um pequeno respiradouro e uma fétida lâmpada de azeite.

Apesar de tudo, desato a rir, mas o meu próprio riso mete-me medo.

De repente abre-se a porta, e o moço, num gesto teatral, próprio de um italiano, exclama:

— Desça imediatamente que a senhora chama-o.

Pego no meu gorro, tropeço nas escadas, chego à porta e bato.

— Entre!

Obedeço e permaneço de pé.

Wanda instalou-se confortavelmente. Está vestida de musselina branca, sentada num divã de veludo verde, os pés sobre um almofadão de igual cor, envolta na mesma peliça que trazia quando me apareceu como se fosse a deusa do amor.

A luz amarela dos candelabros reflete-se no espelho, e as chamas vermelhas da chaminé projetam-se majestosas no veludo verde, na sombria zibelina da capa, sobre a pele branca e lisa e sobre a cabeleira

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

de tons de fogo da formosa mulher, que, friamente, deixa cair sobre mim o olhar.

— Estou contente contigo, Gregório.

Inclinei-me.

Aproxima-te.

Obedeci.

— Mais perto — baixou os olhos e acariciou a zibelina. — Vênus das Peles recebe o seu escravo. Vejo que és mais do que nunca o excêntrico de sempre; sempre sob o império dos teus sonhos, e seria a coisa mais louca do mundo executar os teus ideais. Confesso, não obstante, que me agrada, que me instrui. Aqui assenta a tua pureza e só isto se estima. Chego a crer que em circunstâncias extraordinárias, em alguma época da história, o que constitui o teu ponto fraco seria uma força assombrosa. Sob os primeiros imperadores, terias sido um mártir; na Reforma, um anabaptista; quando da revolução francesa, um daqueles girondinos exaltados que subiam ao cadafalso cantando a Marselhesa. Mas como és somente meu escravo, meu...

Libertando-se das peles, Wanda lançou os braços ao meu pescoço num rasgo de ternura.

— Meu escravo querido. Severino, quanto te amo, quanto te adoro! Que elegante estás com o teu traje de Cracóvia! Mas vais gelar esta noite no teu miserável quarto sem chaminé. Dar-te-ei uma pele, meu querido, a maior.

Apanha-a do chão, lança-a sobre as minhas costas e envolve-me nela com todo o cuidado.

— Oh, que bem te fica a pele! Como faz ressaltar os teus nobres traços! Em breve deixarás de ser meu escravo, usarás um fato de veludo orlado de zibelina, ou eu não voltarei a pôr peles.

De novo começou a acariciar-me, a abraçar-me, a atrair-me para o divã verde.

— Parece que a pele te agrada. Dá-me, dá-me já, senão perco o sentimento da minha dignidade.

Dei-lhe a peliça, e Wanda passou o braço direito na manga.

—É assim que Ticiano representa a sua heroína. Mas chega de brincadeiras. Não faças essa cara que me entristeces; só és meu criado provisoriamente e face às outras pessoas; ainda não és escravo, ainda não assinaste o documento; és livre, podes deixar-me quando quiseres; desempenhas o teu papel de maneira magistral. Estou encantada, mas já é bastante. Não te pareço abominável? Fala, ordeno-te.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Devo dizê-lo, Wanda?

— Sim, debes.

— É que ainda que abuses, estarei sempre apaixonado por ti, honrar-te-ei, adorar-te-ei sempre cada vez mais, sempre perdidamente. Quando tu me maltratas, como antes, queimas-me o sangue e embriagas os meus sentidos — estreitei-a contra mim e coleí por um momento os meus aos seus lábios úmidos. — Oh! formosa! — exclamei contemplando-a, e no meu entusiasmo despojei-a das peles e cobri-lhe a nuca de beijos.

— Amas-me, pois, quando sou cruel? Anda, vai-te! Incomodas-me! Ouves-me?

Deu-me uma tal bofetada que me fez ver estrelas. — Ajuda-me a pôr a pele, escravo.

E lá ajudei o melhor que pude.

— Que lentidão! — e mal a teve posta, voltou a pegar-me no rosto. Eu sentia-me mudar de cor.

— Fiz-te mal? — perguntou-me pondo docemente a mão sobre mim.

— Não, não.

— É que não te atreves a queixar-te. Vem, dá-me um beijo.

Estreitei-a nos braços e coleí os meus lábios aos seus. Descansando sobre o meu peito a sua grande e pesada peliça, senti uma emoção estranha de sufocamento, como se algum animal feroz, um urso, me tivesse abraçado e sentisse as suas garras penetrar nas minhas carnes. Mas desta vez Wanda deixou-me vir embora.

O coração cheio de risonhas esperanças, subi ao meu miserável quarto de criado e lancei-me sobre o duro leito.

A vida é verdadeiramente cômica — pensei. — Há instantes a mulher mais formosa do mundo, a própria Vênus, descansava no meu peito, e agora terei ocasião de experimentar pessoalmente o Inferno dos chineses, onde em vez de os condenados serem precipitados, como nós acreditamos, nas chamas, são lançados pelos demônios para os mares de gelo, o que equivalia a terem de dormir em quartos como este.

De noite acordei sobressaltado, lançando um grito de espanto. Sonhava que me havia perdido num mar de gelo e que não podia sair dele. De repente vi um esquimó num trenó arrastado por cães. Parecia-se com O moço que me havia mostrado o quarto.

— Que é que está à procura, senhor? Estamos no pólo norte.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

E desapareceu.

Em seguida passou Wanda patinando; o seu traje de seda roçagava, e o arminho da jaqueta e da touca eram tão brancos como a neve. Dirigiu-se a mim e abraçou-me. Imediatamente senti que o sangue brotava do meu corpo em ondas largas e ardentes.

— Que fazes? — perguntei assustado.

Desatou a rir mas já não era Wanda. Era uma enorme ursa branca que afundava as suas garras no meu corpo.

Gritei desesperado e ouvi ainda o seu riso diabólico quando acordei. Cheio de assombro olhei o quarto à minha volta.

Logo de manhã pus-me à porta de Wanda e quando apareceu o moço com o café tomei conta do encargo de o servir à minha formosa dona. Já se tinha levantado e estava soberba, fresca e rosada. Sorriu-me com afeto e recordou a minha tentativa de afastar-me dela.

— Toma já o pequeno-almoço, Gregório, porque amos à procura de casa. Não posso permanecer no hotel mais que o tempo indispensável. Estamos muito mal aqui e se me acontece falar alguma vez contigo dirão: “A russa tem boas relações com o seu criado: a raça das Catarinas ainda não se extinguiu.”

Meia hora depois saímos. Wanda com o seu vestido de seda, a sua touca russa; eu com a minha libré cracoviana.

Causamos sensação. Eu caminhava dez passos atrás dela, muito sério, mas temendo a cada momento desatar a rir-me. Por todo o lado se viam letreiros anunciando Camere ammobiliate. Wanda mandava-me subir para que eu os visse e só subia quando eu lhe assegurava que tinham boa aparência. Foi assim que, ao meio-dia, estava tão fatigado como um cão de caça.

Não encontramos nada que nos conviesse. Wanda estava um pouco contrariada. De repente disse-me:

— Severino, é deliciosa a seriedade com que desempenhas o teu papel, e as obrigações que nos impusemos excitam-me imensamente. Não posso mais; estás apetitoso, é preciso que te dê um beijo. Entremos em qualquer lado.

— Mas senhora!

— Gregório!

Entramos na primeira escada que nos pareceu adequada, e enquanto me abraçava, num transporte afetuoso, disse-me:

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Ai, Severino, como és astuto! Como escravo és muito mais perigoso do que pensava; estás irresistível e temo prender-me outra vez a ti.

— Mas já não me amas? — perguntei embargado pela emoção.

Wanda moveu a cabeça negativamente. Depois abraçou-me outra vez e colou aos meus os seus lábios 'delicados.

Voltamos ao hotel. Wanda almoçou e fez-me participar da sua comida. Mas a mim não me serviram com tanta prontidão como a ela; assim, apenas havia metido na boca dois pedaços do beefsteak quando entrou o criado, dizendo-me com ar teatral:

— A senhora chama.

Despedi-me melancolicamente do meu almoço e, fatigado e faminto, fui reunir-me a Wanda, que estava na rua.

— Não pensei que fosse tão cruel, minha dona — disse-lhe em tom de reprimenda —, que depois de tantas fadigas não me deixe comer tranqüilo.

Ela riu-se abertamente.

— Pensei que tinhas acabado, mas não importa. O homem, em geral, nasceu para sofrer, e tu particularmente. Os mártires não comiam beefsteaks.

Segui-a cheio de rancor, contendo a fome.

— Renunciei à idéia de alugar um quarto mobiliado; é aborrecido estar-se encerrado num andar e não se poder fazer o que se quer; tanto mais nas circunstâncias tão estranhas e fantásticas em que nos encontra-mos. Vou alugar uma villa. Permito-te que vás saciar a fome e que visites a cidade. Não voltes para casa antes da noite. Se precisar de ti, chamo-te.

Visitei o Domo, o palácio antigo, a loggia lanzi, e contemplei longamente o Amo, deixando pousar o meu olhar sobre a antiga e majestosa Florença, com as suas redondas cúpulas e campanários desenhando-se no céu azul-puro, sob os poentes magníficos, os grandes arcos por onde o formoso rio amarelento lança as suas águas rápidas, sobre as verdes colinas cobertas de esbeltos ciprestes e dos vastos palácios e claustros que rodeiam a cidade.

É um novo mundo este em que nos encontramos, voluptuoso, alegre, luminoso. A paisagem não tem a seriedade e a melancolia do nosso. Não existe um único local, até perder-se a vista nas últimas villas brancas disseminadas nas verdes colinas, que o sol não doure com a sua brilhante luz. Também todos os habitantes parecem felizes.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Dizem que no Sul há uma grande mortalidade. Não há pois rosa sem espinhos nem voluptuosidade sem tormento.

Wanda descobriu na margem esquerda do Amo uma villa encantadora, próxima dos Cassinos⁶, e alugou-a para todo o Inverno. Está rodeada por um delicioso jardim, com bosques encantadores, pradarias e canteiros de camélias.

É uma villa de um só piso, estilo italiano, quadrada. Na fachada dianteira há uma galeria aberta, uma espécie de loggia com estátuas de gesso ao gosto antigo, colocadas em pedestais ou nas escadas que descem para o jardim. Por esta galeria chega-se a um majestoso tanque de mármore, com uma escada em caracol ao pé, que conduz à alcova da dona.

Wanda ocupa todo o primeiro piso.

A mim reservou-me no piso inferior um quarto bastante bonito, com chaminé e tudo.

Ponho-me a percorrer o jardim e eis quando descubro numa colina um pequeno templo fechado. Olho por uma frincha e vejo dentro a deusa do amor de pé sobre um pedestal.

Um doce estremecimento percorre-me. Ela diz-me rindo:

— Estás aí? Esperava-te.

Anoitece. Uma linda juvenzinha comunica-me a ordem de comparecer à minha dona. Subo a escadaria de mármore, atravesso a antecâmara, o grande salão cheio de suntuosas riquezas, e chamo da porta da alcova. O luxo que vejo por toda a parte inquieta-me e faz-me chamar com timidez. Pergunto-me que atitude tomarei na alcova da grande Catarina, e como me surgiria agora com a sua peliça verde, o cordão vermelho sobre a garganta nua e os caracoizinhos empoados.

Volto a chamar. Wanda abre, impaciente e violenta.

— Porque demoraste?

— Estava aqui à porta; sem dúvida não me ouvistes chamar — respondi timidamente.

Fecha a porta, vem para mim, conduz-me ao sofá de damasco vermelho em que descansava. Tudo vermelho, tudo é damasco. O edredão tem um bordado de Sansão e Dalila, soberbamente trabalhado.

⁶ Famoso passeio de Florença, admirado pelos estrangeiros.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Wanda recebe-me no mais fascinante deshabillé. O seu traje de seda branca modela-lhe ligeira e artisticamente o corpo gracioso, deixando-lhe a descoberto a garganta e os braços delicados e cheios de abandono, rodeados das sombrias peles da grande peliça de veludo verde guarneçada de zibelina. A sua cabeleira de fogo, meio desfeita e sustida por cachos de pérolas negras, cai-lhe até às ancas.

— Vênus das Peles — balbuciei, enquanto ela me apertava contra si, quase me afogando em beijos. Depois fico mudo e semi-inconsciente, mergulhado num mar de delícias não sonhadas.

Por fim Wanda larga-me e olha-me apoiada sobre o braço. Caí a seus pés; ela começa a brincar com o meu cabelo.

— Amas-me ainda? — perguntou-me com olhos embriagadores.

— Como podes duvidar?

— Lembras-te ainda do juramento? — juntou com um encantador sorriso. — Está já todo preparado e corrigido. Volto a perguntar-te: queres de fato ser meu escravo?

— Não o sou já? — repliquei assombrado. — Ainda não assinaste o contrato.

— O contrato! Que contrato?

— Vês? Já nem te recordas! Deixemo-lo pois.

— Mas Wanda, tu bem sabes que não conheço maior delícia do que servir-te como escravo, e que daria tudo por essa voluptuosidade, mesmo a vida.

— Como ficas formoso quando te exaltas, como falas com calor! Ah! Estou cada vez mais perdida por ti, e serei dura, imperiosa e cruel contigo. Mas temo não poder sê-lo.

— Isso não me inquieta — disse rindo. — Aonde está o documento?

— Aqui — disse confusa, e tirou-o do peito para me dar. — Nele está a tua felicidade; ficas completa-mente à minha disposição, porque, para mais, tenho escrito outro documento onde declaras a intenção de te matares. Posso matar-te, se quiser.

— Trá-lo.

Enquanto eu desdobrava e lia o documento, Wanda trouxe tinteiro e pena, sentou-se a meu lado, passou o braço à volta do meu pescoço e olhou o papel por trás de mim.

O documento dizia assim:

CONTRATO ENTRE A
SENHORA WANDA DE DUNAIEW

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

E O SENHOR SEVERINO DE KUSIEMSKI

“O senhor Severino de Kusiemski quer, a partir de hoje, ser o prometido da Senhora Wanda Dunaiew, renunciando a todos os seus direitos de amante e obrigando-se sob palavra de honra e de cavalheiro a ser seu escravo até que ela lhe conceda a liberdade.

“Como escravo da Senhora Dunaiew tomará o nome de Gregório e compromete-se a satisfazer sem reservas todos os desejos da dita senhora, sua dona, obedecendo a todas as suas ordens, sendo-lhe humildemente submisso, considerando qualquer mercê que receba como uma graça extraordinária.

“A Senhora Dunaiew não só adquire o direito de agredir o seu escravo pelas faltas que cometa, mas também o de o maltratar por capricho ou passatempo, mesmo até à morte, se lhe apetecer. Fica, em suma, como sua propriedade absoluta.

“Se a Senhora Dunaiew conceder a liberdade ao seu escravo, Sr Severino de Kusiemski, este compromete-se a esquecer tudo o que, como escravo, tenha sofrido, *e a não vingar nunca, de nenhuma maneira, por nenhum meio e por nenhuma razão, nem a levar a cabo ação alguma contra ela.*

“Por sua parte a Senhora de Dunaiew obriga-se a vestir-se de peles com a maior freqüência, mesmo quando se mostre cruel com ele.

“Feito hoje...”

O segundo documento continha somente estas palavras:

“Cansado das decepções de um ano de existência, ponho livremente fim à minha vida inútil.”

Invadiu-me um profundo horror ao lê-lo. Era ainda tempo, podia voltar atrás; mas a demência da paixão pela formosa que, ébria de alegria, se apóia no meu ombro, arrastava-me.

— Tens de copiar este — disse Wanda apontando o segundo documento —, que deve ser escrito inteiramente por teu próprio punho e com a tua própria letra. O contrato não é necessário.

Copiei à pressa as palavras em que proclamava o meu suicídio e dei o papel a Wanda. Ela leu e depois, rindo, pô-lo sobre a mesa.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Agora, terás a coragem de assinar este? — perguntou, sacudindo a cabeça, com um fino sorriso a bailar-lhe nos lábios.

Agarrei a pena.

— Deixa-me assinar antes — disse Wanda. — Treme-te a mão. Tens medo?

Pegou no contrato e na pena e eu levantei os olhos, em luta comigo mesmo, quando os meus olhos caíram sobre numerosas pinturas das escolas italiana e holandesa, cujo estranho carácter se relacionava com o assunto do edredão, que tinha para mim um aspecto inquietante. Dalila, uma bela moça de cabeleira de fogo, meio coberta por um manto de peles escuras, estava estendida sobre um divã vermelho, risonha e inclinada para Sansão, derrubado e manietado pelos filisteus. A sua trocista *coquetterie*, o seu sorriso, tem uma crueldade verdadeiramente infernal; os seus olhos semicerrados dirigem-se aos de Sansão, que lançam um ultimo olhar de amor cheio de clemência, porque já um dos inimigos se ajoelha sobre o seu peito, disposto a cegá-lo com um ferro em brasa.

— De modo que estás completamente perdido. Que se passa contigo? Deixa isso tudo para os antigos. Por acaso conhecer-me-ás menos quando tiveres assinado?

Olhei o papel. O nome de Wanda aparecia em amplos caracteres. Afundei o meu olhar no seu, de um encanto irresistível, depois agarrei a pena e pus a minha assinatura no contrato.

— Tremes — disse Wanda. — Terei de ajudar-te a fazer a assinatura? E pegou-me docemente na mão, quando já o meu nome aparecia no papel. Depois, examinou uma vez mais os documentos e guardou-os numa mesinha próxima.

— Agora dá-me o teu passaporte e todo o dinheiro que tenhas.

Tirei a minha carteira e dei-lha. Ela examinou-a e colocou-a logo sobre o passaporte, enquanto eu me ajoelhava ante ela e, cheio de uma doce embriaguez, deixava descansar a cabeça sobre o seu peito.

Mas de repente empurrou-me com o pé, levantou-se e tocou a campainha. Instantaneamente entraram, providas de cordas, três jovens negras, esbeltas, vestidas de vermelho.

Compreendi todo o horror da minha situação e quis levantar-me; mas já Wanda se erguia e, voltando para mim o seu rosto formoso e cruel, me fitava desdenhosamente.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Fez um sinal com a mão, e antes que pudesse dar-me conta do que se passava, as negras derrubaram-me e ataram-me de pés e mãos, ao ponto de não poder sequer mover-me.

— Traze-me o látigo, Haydée — ordenou Wanda com uma fleuma imperturbável.

A negra deu-lho e pôs-se de joelhos.

— Tira-me esta pele tão pesada, que me incomoda!

A negra obedeceu.

— Dá-me aquela jaqueta.

Haydée voltou com a kazabaika de arminho que estava estendida na cama e Wanda, com um gesto de inimitável graça, ordenou:

— Atem-no a essa coluna!

As negras levantaram-se, passaram uma forte corda em redor do meu corpo e ataram-me, de pé, a uma das maciças colunas que sustinham o teto.

Depois desapareceram tão rapidamente como haviam surgido.

Wanda acercou-se de mim. O seu vestido de seda branca flutuava como um raio de Lua; a sua cabeleira chispava sobre as peles da jaqueta. Com a mão esquerda na cintura, o látigo na direita, disse-me num tom desapiedado:

— A comédia acabou entre nós. Agora estás, insensato, desprezível, entregue a mim como um brinquedo pela tua cega demência; a mim, orgulhosa e cheia de capricho! Deixaste de ser o bem-amado; és meu escravo e posso dispor da tua vida se quiser. Assim aprenderás a conhecer-me. Começarás por experimentar o látigo da minha mão, por capricho, sem o teres merecido, e assim saberás o que te espera quando cometes uma falta.

Com uma graça selvagem levantou o braço, deliciosamente coberto pela manga orlada de arminho, e descarregou-me uma chicotada sobre os rins.

Todo o meu corpo estremeceu. O látigo entrava na minha carne como a folha de uma faca.

— Ah! Agrada-te? — exclamou ela. — Espera, espera, vou fazer-te uivar como um cão — acrescentou ameaçadora, voltando a golpear-me.

Os golpes choviam duros e rápidos com espantosa violência sobre o meu dorso, nos braços, no pescoço. Eu apertava os dentes para não gritar. Uma das vezes o látigo acertou-me na cara e o sangue saltou. Ela desatou a rir sem deixar de me bater.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Agora compreendes o prazer de possuir um homem que ama. Amas-me ainda? Não! Espera, que hei-de dilacerar-te! Em cada golpe o prazer que experimento aumenta. Anda um pouco mais! Guincha, grita! Não hei-de ter piedade.

Por fim cansou-se.

Deitou o látigo ao chão, estendeu-se no sofá e chamou.

As negras entraram.

— Desatem-no!

Ao tirarem-me a corda caí por terra como uma massa inerte. As negras riram, mostrando os dentes brancos.

— Tirem-lhe a corda dos pés!

Por fim pude levantar-me.

— Vem a meu lado, Gregório.

Aproximei-me da formosa, que nunca me parecera tão sedutora como então, na sua crueldade, no seu sarcasmo.

— Dá um passo mais, ajoelha-te e beija-me os pés. Estendeu o pé e eu, louco, pobre insensato, apoiei nele os meus lábios.

— Não vais ver-me durante um mês inteiro Gregório — acrescentou muito séria. — E durante todo esse tempo, que aliviará a tua nova posição, trabalharás no jardim e aguardarás as minhas ordens. Agora, vai-te, escravo!

Passou-se um mês com uma monótona regularidade, no duro trabalho, na melancolia, invadido pelo ardente desejo de ver aquela que me causa tantos sofrimentos. Sou ajudante do jardineiro, e com ele podo árvores, corto troncos, transplanto flores, cavo e limpo avenidas. Repartimos a grosseira comida e durmo no seu duro leito. Levanto-me e deito-me com os pássaros, e, de quando em quando, sei que a minha dona se diverte, que está rodeada de adoradores, e uma vez ouvi até as suas alegres gargalhadas no jardim.

Vou-me tornando estúpido. Terei aceite este ofício há pouco, ou já o exercia? Depois de amanhã termina o mês. Que vai ser de mim? Ter-me-á ela esquecido e deverei dedicar-me a cortar troncos e a fazer ramalhetes até ao fim dos meus dias?

ORDEM ESCRITA

“O escravo Gregório deverá apresentar-se e permanecer à minha disposição pessoal.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Wanda De Dunaiew”

Na manhã seguinte, com o coração alvoroçado, levanto a cortina de damasco e penetro na alcova de minha deusa, que está quase às escuras.

— Estás aí Gregório? — perguntou Wanda, enquanto eu, ajoelhado em frente da chaminé, acendo o lume. Estremeço ao escutar a voz da minha amada.

— Sim, minha dona.

— Que horas são?

— Já deram as nove.

— Traze-me o pequeno-almoço.

Apresso-me a preparar-lho. Rapidamente volto com ele e ajoelho-me junto do leito.

— Aqui está o pequeno-almoço, minha dona.

Wanda entreabre as cortinas, e ao princípio, extremamente despenteada, não a reconheço. As queridas feições não têm a beleza acostumada. O rosto endureceu, e apresenta uma marcada expressão de lassidão e fastio.

Será que eu ainda não tinha reparado nisso?

Detém sobre mim os olhos verdes, mais curiosos

que ameaçadores, até compadecidos, e levantando as peles sobre que descansa, cobre com elas as suas costas nuas.

Neste momento está tão deliciosa, tão tentadora, que sinto o sangue subir-me à cabeça e ao coração, ao ponto de o serviço de café oscilar nas minhas mãos. Ela nota-o e apodera-se do látego que tem à cabeceira.

— Escravo desastrado! — disse, franzindo as sobrancelhas.

Sob o seu olhar, agüento a bandeja o melhor que posso. Ela toma o pequeno-almoço, boceja, e estira as suas belas pernas entre as ricas peles.

Chamou-me pouco depois para me dizer:

— Leva esta carta ao príncipe Corsini.

Corro à cidade, entrego a carta ao príncipe — bonito moço de olhos ardentes — e, devorado de ciúmes, trago a resposta.

— Que tens? — diz-me espiando-me maliciosa-mente. — Estás bastante pálido.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Nada, minha dona; é que vim a correr.

O príncipe almoça com ela e eu estou condenado a servi-los aos dois, para quem não existo. Por um momento os meus olhos turvam-se e deixo cair o Bordéus sobre a toalha e ainda sobre os comensais.

— Desastrado! — exclama Wanda dando-me um bofetão.

Ela e o príncipe desatam a rir e o sangue sobe-me à cabeça.

Depois de almoçar foi passear aos Cassinos, guiando o seu pequeno trem, puxado por uma parelha de cavalos ingleses. Vou sentado atrás e observo as suas *coquetteries*, os seus sorrisos, quando algum cavalheiro importante a saúda.

Ao descer do trem apoia-se ao de leve sobre mim e o seu contacto produz-me o efeito de uma descarga elétrica. Esta mulher é maravilhosamente bela e amo-a cada vez mais!

Damas e cavalheiros reúnem-se para cear às seis da tarde. Eu sirvo à mesa, sem que desta vez tenha derramado vinho.

Uma bofetada vale mais que dez admoestações sobretudo quando aplicada por uma mãozinha gordinha de mulher.

Depois de cear, a minha dona saiu para ir ao teatro. Ao descer a escadaria, vestida de seda negra, com a sua gola de arminho e um diadema de rosas brancas na cabeça, parece-me verdadeiramente deslumbrante. Abro a portinhola do trem e ajudo-a a subir. Chegados ao teatro, salto do estribo, ela apoia-se em mim, e eu tremo.

Abro a porta do camarote e espero no vestíbulo. A representação dura quatro horas, durante as quais a acompanha um cavalheiro. Eu aperto os dentes com raiva.

É mais de meia-noite quando toca pela última vez a campainha.

— Acende o lume — ordena.

Logo em seguida, enquanto acendo, pede chá. Quando volto com o samovar já está nua, vestindo o deshabilité branco com a ajuda de Haydée.

Esta não tarda a desaparecer.

— Dá-me a peliça de noite — ordenou Wanda estendendo os braços.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Agarro na pele, que descansa numa das cadeiras, e seguro-a, enquanto ela, com um ar de certo modo descuidado, enfia os braços nas mangas.

— Tira-me os sapatos e calça-me as chinelas. Ajoelho-me, e puxo o sapatinho, mas este resiste.

— Tira, tira! Estás a magoar-me. Já vais ver!

E num abrir e fechar de olhos fustiga-me com o látego. Finalmente, diz:

— Anda, vai-te! — e dá-me um pontapé.

Saio e vou-me deitar.

Hoje conduzi-a a uma recepção. Na antecâmara ordena-me que lhe dispa a capa. Depois entra com um altivo sorriso, segura do seu triunfo, na sala brilhante-mente iluminada. De novo vejo desfilar, hora após hora, os meus tristes pensamentos. De tempos a tempos, a música chega até mim, quando a porta se abre por um momento. Dois lacaios querem meter conversa comigo, mas desistem porque falo muito pouco italiano.

Por fim adormeço. Sonho que matei Wanda num furioso acesso de ciúmes e que me condenam à morte. Vejo-me atado ao cadafalso; o machado cai, sinto-o sobre a nuca, mas estou ainda vivo.

Então o carrasco golpeia-me a cara.

Não, não é o verdugo; é Wanda que está à minha frente mandando-me ir buscar a sua capa. Num abrir e fechar de olhos volto a mim e obedeço.

É todavia um encanto pôr a capa numa bela mulher; ver o seu pescoço e os seus braços magníficos afundarem-se na pele rica e delicada; e é de morrer de prazer quando se lhe despe a peliça e o doce calor e o perfume subtil do seu corpo persistem ainda no pêlo dourado da zibelina.

Enfim, um dia sem convidados, sem teatro, sem sociedade! Respiro de alívio. Wanda está sentada a ler, na galeria, sem que pareça disposta a ordenar-me seja o que for. Ao escurecer retira-se, e uma bruma prateada vai-se alongando sobre o jardim. Não tem um olhar, uma sílaba, nem sequer uma bofetada para mim.

Ah! Como tenho desejo de que ela me maltrate!

As lágrimas saltam-me dos olhos ao sentir-me tão cruelmente humilhado, sem que uma só vez lhe apeteça torturar-me.

Antes de ir para a cama, chama-me:

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Esta noite deitar-te-ás perto de mim. A noite passada tive um sonho espantoso que me deu medo. Traze uma das almofadas do sofá e estende-te aos meus pés sobre a pele.

Em seguida apaga a lâmpada e sobe para o leito, sob a luz de um globo opaco que pende do teto da alcova.

— Não te movas, não me despertes.

Assim o faço, mas sem poder dormir. Vejo a bela, soberba como uma deusa, descansando sobre as peles, estendida de costas, os braços sob a nuca, inundados pela sua cabeleira rutilante. Escuto a rítmica cadência da sua respiração. Sempre que ela se move fico ansioso por ver se precisa de alguma coisa.

Mas ela não tem necessidade de mim.

Não tenho para ela nenhum outro dever a cumprir, nenhuma outra significação que de um revólver ou de uma lamparina.

Quem é louco, ela ou eu? Tudo isto provém de um cérebro de mulher má, fértil em trespassar as minhas fantasias ultra-sensuais, ou talvez ela seja um desses monstros, como Nero, que encontram um prazer diabólico em esmagar como vermes homens que pensam e sentem, e que possuem — como eles — uma vontade?

Quanto não sofri!

Ao ajoelhar-me hoje junto ao seu leito, levando-lhe o café, Wanda apoiou, de repente, a sua mão sobre os meus ombros, e afundou profundamente o seu olhar no meu.

— Que formosos olhos tens, quando sofres! — disse-me com doçura.

— És desgraçado?

Baixei a cabeça e fiquei calado.

— Severino, ainda me amas? — acrescentou num tom doloroso. —

Podes amar-me apesar de tudo?

E o seu rosto adquiriu um ar tão dilacerado que a bandeja me caiu das mãos e as taças e copos rolaram pelo chão.

— Wanda, minha Wanda! — exclamei, abraçando-a apaixonadamente e cobrindo-lhe de beijos a boca e os seios. — A minha desgraça é que te amo cada vez mais, com maior loucura. quanto mais me maltratas e atrainças. Oh! Queria morrer de dor, de amor e de ciúmes!

— Mas se não te enganei ainda, Severino — replicou Wanda rindo.

— Não, Wanda! Por amor de Deus! Não troces de mim tão desapiadadamente! Não fui eu quem levei a carta ao príncipe?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Sem dúvida, convidando-o para almoçar.

— Desde que estamos em Florença, tu...

— Fui-te sempre fiel, juro-te, por tudo o que existe de mais sagrado. Não fiz mais do que satisfazer os teus caprichos por amor a ti. Mas gostaria de ter outro amante; porém, a coisa não está ainda sequer meia feita e já tu me repreendes por não ser bastante cruel para contigo, meu belo e querido escravo! Mas hoje és de novo o meu Severino, o meu único amante. Olha, não dei a tua roupa; encontrá-la-ás naquela maleta; veste-te como nos baixos Cárpatos, onde tanto nos amamos; esquece tudo entre os meus braços; os meus beijos dissiparão as tuas penas.

E pôs-se a acariciar-me como a uma criança, abraçando-me, com ardor. Em seguida disse-me com um doce sorriso:

— Veste-te, peço-te, enquanto eu me arranjo. Queres que ponha a jaqueta de peles? Sim, sim, anda.

Quando voltei encontrei-a no meio do quarto, com o seu vestido de seda branca, a kazabaika guarneçada de arminho, o cabelo empoado e um diadema de brilhantes sobre a fronte. Parecia-se de uma maneira inquietante com Catarina II; mas não pude refletir porque, puxando-me para o sofá, fez-me passar duas horas maravilhosas. Já não era a dona severa e caprichosa, mas a senhora elegante, a amante terna. Mostrou-me fotografias, livros que acabavam de ser publicados, discorrendo com tanto talento, clareza e gosto que mais de uma vez, encantado, levei a sua mão aos lábios. Depois leu-me duas histórias de Lermontov, e pousando afetuosamente as mãos sobre as minhas, enquanto as suas feições adoráveis expressavam um prazer inefável, refletido também no seu doce olhar, perguntou-me:

— E agora, és ditoso?

— Não o sou ainda.

Então estendeu-se sobre o divã, e lentamente abriu a sua kazabaika.

Mas eu voltei a colocar vivamente o arminho sobre a sua garganta de alabastro.

— Enlouqueces-me! — balbuciei.

Já eu estava nos seus braços; já ela, como uma serpente, me lambia lascivamente, quando me perguntou outra vez:

— És ditoso?

— Como nunca sonhei sê-lo!

Desatou a rir; mas com um riso tão cruel que me senti gelar.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Noutro tempo querias ser o escravo, o brinquedo de uma linda mulher, e agora supões ser um homem livre, um homem, um amante...! Louco! Um olhar dos meus e continuas a ser meu escravo. De joelhos!

Deixei-me cair do sofá a seus pés, com os olhos fixos nos seus, cheios de dúvida.

— Crê-me — disse, olhando-me, com os braços cruzados sobre o peito. — Aborreces-me e não chegas a distrair-me duas horas seguidas. Não me fites assim.

Empurrou-me com o pé.

— Não és o que desejo; não és um homem, mas sim uma coisa, um verme.

Chamou; as negras entraram.

— Atem-lhe as mãos às costas!

Fiquei ajoelhado, sem opor resistência, e fui levado para a vinha situada na parte meridional do jardim. A terra estava plantada de trigo e aqui e ali viam-se algumas árvores. Num dos lados encontrava-se um arado.

As negras ataram-me a um poste e entretiveram-se em picar-me com as suas agulhas de ouro. Isto não durou muito. Chegou Wanda com a sua touca de arminho na cabeça, as mãos metidas nos bolsos. Fez com que me desatassem e, os braços atados atrás das costas, com uma canga em redor do pescoço, tive de puxar o arado

As diabólicas negras conduziram-me ao campo.

Uma guiava o arado, outra puxava a corda e a terceira batia-me com o chicote, enquanto *A Vênus das Peles* olhava o quadro.

Na manhã seguinte, ao servir-lhe o almoço, Wanda disse-me:

— Traze um talher e almoça comigo hoje.

E quando quis sentar-me à sua frente, juntou:

— Não, perto de mim; muito pertinho de mim.

Está de muito bom humor; dá-me de comer da sua própria colher, com o seu próprio garfo, e brinca coquetemente comigo como uma jovem gata. Desgraçadamente, olhei Haydée, que nos estava a servir, algo mais do que me era permitido. A pureza das linhas quase européia das suas feições, o seu busto soberbo e escultural, que parece talhado em mármore negro, agrada-me muito. Ela nota e mostra os dentes num sorriso tonto. Mal saiu do quarto, Wanda estremece de cólera — De modo que te atreves a olhar para outra mulher à minha frente? Agrada-te, por acaso, mais que eu? É mais diabólica?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Comecei a tremer como varas verdes, pois nunca a tinha visto assim: pálida até aos lábios e agitada. Ciumenta da escrava, Vênus das Peles puxa repentinamente o látego e bate-me na cara com ele. Chama as negras e ordena-lhes que me conduzam atado para a cave, que parece uma verdadeira prisão.

Ali fiquei atado e estendido ao comprido no chão não sei por quanto tempo, como uma besta no matadouro, sobre um montão de palha úmida, sem luz, sem água, sem pão, sem repouso. A ela não lhe falta nada, e deixa-me morrer de fome, se já não é de frio. Tirito. Será febre? Sinto que vou odiar esta mulher.

Um raio de claridade vermelha como o sangue entra por uma fenda. É luz: a porta vai abrir-se.

Wanda aparece no umbral envolta na sua zibelina, iluminando-se com uma tocha.

— Ainda vives? — pergunta-me.

— Vens para me matar? — respondo com voz apagada e moribunda.

Em dois saltos, Wanda chega até mim, ajoelha-se e encosta a cabeça ao meu peito.

— Estás doente? Como reluzem os teus olhas! Amas-me? Eu quero que me ames.

Saca de um pequeno punhal. Eu estremeço quando a lâmina brilha à minha frente; temo que me mate. Mas ela desata a rir e corta as cordas que me atam.

Deixou-me cear com ela esta noite; leio-lhe umas páginas e entretém-se comigo. Parece transformada, envergonhada da barbárie de que usou para comigo. Uma doce tranqüilidade ilumina a sua pessoa, e quando me agarra a mão os seus olhos tomam uma expressão sobre-humana de bondade e de amor, que nos arrancam a ambos lágrimas com que esquecemos os sofrimentos da existência e os terrores da morte.

Estamos a ler *Manon Lescaut*. Ela compreende a intenção, sem dizer nada, mas sorri de quando em quando. Por fim, fecha-me o livro.

— Não quereis que continue a ler, senhora?

— Por hoje não. Hoje vamos brincar à *Manon Lescaut*. Tenho um encontro marcado nos Cassinos, e tu, meu querido cavalheiro, acompanhar-me-ás. Sim, fálo-ás, não?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— A senhora ordena!

— Eu não ordeno, peço — acrescentou com um encanto maravilhosamente indescritível. Em seguida levantou-se, e com a sua linda mãozinha no meu ombro, e olhando-me: Oh! Que olhos tens! — disse. — Severino, amo-te; não sabes quanto te amo.

— Sim — repliquei com amargura —, ao ponto de marcar um encontro com outro.

— Faço isso para excitar-te; necessito de um adorador para não te perder; não quero perder-te nunca, nunca, entendes? Porque te amo a ti e somente a ti.

E colou apaixonadamente os seus lábios aos meus.

— Que pena não poder dar-te toda a minha alma num beijo...!, assim... mas, vamos.

Pôs um vestido simples de seda negra e cobriu a cabeça com um escuro bachelik⁷. Atravessou com rapidez a galeria e subiu para o trem.

— Gregório levar-me-á — disse ao cocheiro, que ficou muito admirado.

Subi para a boleia e fustiguei os cavalos com raiva.

No lugar dos Cassinos em que a avenida principal tem mais espessas as suas ramadas, Wanda desceu. Era de noite. Algumas estrelas solitárias brilhavam através das nuvens cinzentas que vagueavam no céu. Perto do Amo estava um homem envolto numa capa escura, com um chapéu de abas, contemplando as ondas amareladas. Wanda aproximou-se dele através do pequeno bosque e tocou-lhe no ombro. Pude observar como ele se voltava para ela. Depois desapareceram na espessura.

Passou sobre mim uma hora de tormento. Por fim, escutei um rumor vindo do matagal. Voltavam.

O homem acompanhou-a até à carruagem. A luz viva de um dos faróis caiu em cheio sobre um rosto jovem, doce e romanesco, enquadrado por uma cabe-leira ruiva e frisada.

Ela estendeu-lhe a mão, que ele beijou respeitosamente; em seguida fez-me sinal e o trem retomou o caminho pela interminável avenida abobadada, semelhante a um verde toldo posto à beira rio.

Chamam à porta do jardim. É uma cara conhecida: o homem dos Cassinos.

— A quem devo anunciar? — perguntei em francês. O meu interlocutor abanou a cabeça com um ar embaraçado.

⁷ Espécie de chalé ou capuz.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Não compreende alemão? — perguntou timidamente.

— Creio bem que sim! — repliquei em alemão. — Tenho a honra de lhe perguntar o seu nome.

— Desgraçadamente não o tenho — confessou. — Diga somente à senhora que está aqui o pintor alemão dos Cassinos. Mas, ei-la.

Wanda tinha assomado à janela e fazia sinal ao estrangeiro para que passasse.

— Gregório, acompanha o cavalheiro.

— Desculpe, eu posso ir sozinho. Obrigado. Enquanto subia os degraus, eu, de baixo, olhava o pobre pintor com profunda compaixão.

A Vênus das Peles enfeitiçou-o. Ele vai retratá-la e dará em doido.

Formoso dia de Inverno! O sol brilha como ouro na pradaria. Ao pé da galeria, abrem-se orgulhosamente as camélias em ricos botões. Wanda está sentada na loggia e desenha, enquanto a seu lado o pintor olha extasiado, as mãos cruzadas, indiferente a tudo, mergulhando os seus olhos nos dela.

Mas Wanda não vê isso, nem tão-pouco que eu cavo no canteiro para a poder contemplar e sentir a sua presença, que embala a minha alma como uma música, como uma poesia.

O pintor saiu. É um ato atrevido, mas arrisco-me. Entro na galeria, acerco-me de Wanda e pergunto-lhe:

— Estás apaixonada pelo pintor, minha dona?

Ela olha-me sem cólera, sacode a cabeça e desata a rir.

— Mete-me dó, mas não o amo. Eu não amo ninguém. Amei-te a ti tão profundamente, tão apaixonadamente, tão intimamente quanto sabia amar; mas já não te amo. O meu coração está ferido, morto, e isto desespera-me.

— Wanda! — exclamei eu, cheio de dor. — Em breve, tu também não me amarás — continuou. — Dize-me se esse momento está muito afastado, para que te dê a liberdade.

— Então serei toda a minha vida escravo teu, porque te adoro e adorarei sempre — exclamei, outra vez presa do fanático amor que me era tão funesto.

Wanda olhou-me com prazer.

— Lembra-te de que te amei acima de tudo, que fui despótica contigo para deleitar a tua fantasia, que o meu coração guarda ainda por ti doces sentimentos, uma espécie de íntima simpatia. Quando esta tiver desaparecido quem sabe se te darei a liberdade ou se me tornarei então verdadeiramente cruel, desapiedada, selvagem contigo, ou se

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

serei indiferente ou amarei a outro sem que me cause uma alegria diabólica atormentar, mesmo até à morte, o homem que me adora como uma deusa? Pensa bem nisto!

— Há muito que sonhei — repliquei, devorado pela febre — que não posso viver sem ti. Morrerei se me deres a liberdade. Permite-me ser teu escravo; mata-me, mas não me afastes da tua presença.

— Bem; sê meu escravo, mas não esqueças que não te amo já e que, por conseguinte, o teu amor não tem mais valor para mim do que a adesão de um cão a quem se enxota.

Hoje visitei a Vênus de Médicis.

Ainda era tempo. A salinha em octógono da tribuna estava cheia de uma doce claridade crepuscular, semelhante à de um santuário, e permaneci com as mãos juntas em profunda meditação frente à imagem da deusa.

Mas não estive em pé muito tempo.

Não se via ninguém, nem sequer um inglês, na galeria. Caí de joelhos, e com os olhos semicerrados contemplei o corpo esbelto, arrebatador, a garganta dilatada da voluptuosa figura virginal, os anéis do cabelo perfumados, que parecem ocultar de cada lado pequenos corninhos.

Ouçõ soar a campainha.

É meio-dia. Está ainda na cama, os braços dobrados sob a nuca.

— Vou tomar banho e quero que tu me sirvas. Fecha a porta.

Obedeci.

— Agora, vê se lá em baixo está também tudo fechado.

Desci pela escada em caracol, que põe em comunicação a alcova com o quarto de banho. Uma vez fálhou-me o pé e tive de apoiar-me no corrimão. Logo que fechei a porta que dá para a loggia e para os jardins, voltei. Wanda, despenteada, coberta com a sua capa de veludo verde, estava sentada na cama. Ao ver-me teve um movimento rápido, que me fez compreender que estava nua, e sem saber porquê perturbei-me como um condenado à morte que começa a tremer ao avistar o cadafalso.

— Vem Gregório; toma-me nos braços.

— Como, minha dona?

— Quero que me leves tu, ouves?

Levantei-a e apertei-a nos braços, enquanto ela me rodeava o pescoço com os seus. Ao descer lenta-mente, um degrau a seguir ao outro,

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

roçando-me o seu cabelo a face, sentindo que o seu pé se apoiava levemente sobre o meu joelho, pensava a cada momento não Poder mais. O quarto de banho ocupava uma ampla sala redonda, iluminada por uma luz filtrada numa cúpula de vidro vermelho. Duas palmeiras estendiam as suas largas folhas, como um teto de verdura, sobre um leito de almofadas de veludo vermelho, donde por alguns degraus cobertos de tapetes turcos se descia ao Lanho de mármore colocado ao centro.

— Em cima, sobre a minha mesinha-de-cabeceira, há um livro de capa verde; vai buscá-lo e traze-me também o látego — ordenou Wanda estendendo-se entre as almofadas.

Subi e descí as escadas quatro a quatro, e ajoelhando-me depusitei ambos os objetos nas mãos da minha dona, que em seguida me fez reunir a sua luxuriante cabeleira e atá-la com uma fita de veludo verde. Feito isto, preparei-lhe o banho desajeitadamente, pois os pés e as mãos recusavam servir-me; e cada vez que contemplava a formosa estendida sobre os almofadões de veludo verde, contrastando de vez em quando o brilho de uma parte e outra do seu soberbo corpo com as peles sombrias, numa contemplação involuntária. atraído por uma força magnética, compreendia como a voluptuosidade e a concupiscência residem unicamente no seminu, no excitante, e todavia compreendi-o melhor quando, por fim, o tanque ficou cheio e Wanda, de um só gesto, retirou o manto de peles, ficando ante mim completamente nua.

Nesse momento, a sua beleza sem véu apareceu-me tão divina, tão casta, que, como no dia anterior ante a deusa, caí de joelhos e, num ato de adoração, apertei os meus lábios sobre os seus pés.

A minha alma, presa até há pouco de uma viva agitação, ficou tranqüila de repente, e Wanda não teve já nenhuma crueldade para mim.

Meteu-se lentamente no banho, e eu, com uma alegria tranqüila, a que não se misturava o menor sofrimento nem a menor inveja, pude contemplá-la, com ;prazer, submergindo-se e levantando-se na água cristalina, e projetando amorosamente à sua volta as ondas que o seu corpo levantava.

O nosso artista niilista tem razão. Uma maçã natural é mais formosa que uma maçã pintada, e uma mulher viva é melhor que uma Vênus de pedra.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Ao vê-la sair do banho, apoderou-se de mim um êxtase mudo. Sequei com o lençol o seu admirável corpo, esfregando-o, e a tranqüila beatitude persistiu ainda em mim quando, envolta na capa, se estirou sobre os almofadões, apoiando um pé sobre mim como se de um tamborete se tratasse. A elástica pele de zibelina colava-se voluptuosamente ao seu fresco corpo de mármore, e o braço esquerdo em que se apoiava, como um cisne adormecido, surgia da sombria pele da manga, enquanto a sua mão direita brincava com o látigo.

Os meus olhos caíram por casualidade num espelho colocado na parede oposta, e lancei um grito quando, dentro da sua moldura dourada, vi refletida a cena, como se contemplasse um quadro. Um quadro tão maravilhosamente belo, tão fantástico, que uma profunda tristeza invadiu a minha alma ao pensar que as suas linhas e as suas cores se desvaneceriam como uma névoa.

— Que se passa contigo? — perguntou Wanda.

Apontei-lhe o espelho.

— Ah! Muito formoso! Pena que não possa conservar-se a cena!

— E porque não? Não seria esse artista o mais valente e famoso dos pintores se te tomasse por modelo e imortalizasse os teus traços com o seu pincel? O pensamento de que tanta beleza extraordinária — continuei, contemplando-a com entusiasmo —, tão soberbo rosto, olhos tão estranhos, de reflexos esverdeados, cabeleira tão diabólica, tanto esplendor de corpo, fiquem perdidos para o mundo, é atroz e causa-me todas as angústias da morte, do aniquilamento, porque não tens, como os demais, o direito de desaparecer inteiramente para sempre, sem deixar atrás de ti uma onda da tua existência. Os teus traços devem viver depois de te tornares pó; a tua beleza deve triunfar da morte.

Wanda desatou a rir.

— Que lástima que a escola italiana de hoje não possua um Ticiano ou um Rafael! Quem sabe se o amor poderá substituir o gênio e se o nosso alemãozito...?

E ficou pensativa.

O jovem pintor estabeleceu o seu estúdio na villa de Wanda, perfeitamente caído na armadilha. Até começou uma madona de olhos verdes e cabelo de fogo! Só o idealismo de um alemão pode fazer do retrato desta mulher voluptuosa a imagem da virgindade! O pobre Moço está feito um asno quase tão grande como eu. Desgraçadamente, a nossa Titânia descobriu demasiado rápido as nossas orelhas.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Ela ri-se de nós, e de que maneira! Ouço o seu riso insolente e melodioso ressoar no estúdio, sob a janela aberta ao pé da qual escuto, ciumento.

— Está louco? Isto é inverossímil! Eu, de virgem! — exclamou, rindo de novo. — Aguarde um momento; vou mostrar-lhe outro quadro meu, outro retrato pintado por mim. Você vai copiá-lo.

A sua cabeça apareceu na janela, como que rodeada de raios de Sol.

— Gregório!

Saí rapidamente e dirigi-me ao estúdio, pela galeria. — Leva-o ao quarto de banho!

E retirou-se em seguida.

Dirigimo-nos à sala circular, e abri.

Pouco depois chegou Wanda, vestida só com a pele de zibelina e com o látego na mão. Estirou-se como anteriormente sobre os almofadões de veludo. Eu estendi-me a seus pés e ela, brincando com o látego, pôs um pé sobre a minha cabeça.

— Olha para mim — disse com um olhar fantástico. — Assim está bem. Vamos.

O pintor tinha ficado espantosamente pálido; olhava a cena com os seus formosos olhos azuis sonhadores. Os lábios entreabriram-se-lhe, mas nada disseram.

— Que tal? — disse Wanda. — Agrada-te o quadro?

— Sim, e vou pintá-lo assim mesmo — disse o alemão; mas aquilo não era verdadeiramente falar; a sua voz era um gemido eloqüente, o pranto de uma alma enferma, agonizante.

O esboço de carvão está pronto; as cabeças e as carnes, manchadas. O seu rosto diabólico apresenta-se já em linhas atrevidas; brilha a vida nos seus olhos verdes.

Wanda está em pé frente à tela, os braços cruzados sobre o peito.

— Como muitas obras da escola veneziana este quadro será, ao mesmo tempo, um retrato e um assunto histórico — explica o pintor outra vez pálido como a morte.

— E com que nome o designareis? — perguntou Wanda. — Mas, que tendes? Estais doente?

— Tenho medo — responde, devorando com os olhos a formosa.

— Sim, falemos um pouco do quadro.

— Represento a deusa, descida do Olimpo para um mortal, que, tiritando nesta terra moderna, procura aquecer o seu corpo augusto sob uma grande e pesada pele, e os pés no regalo do seu bem-amado. Vejo

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

o escolhido de uma formosa déspota que fustiga o seu escravo quando se cansa de abrasá-lo, e que é tanto mais amada quanto mais o espezinha. E eis porque chamaria ao quadro *A Vênus das Peles*.

O artista pinta lentamente, tornando-se a sua paixão mais viva. Temo que no fim se suicide. Ela brinca com ele e propõe-lhe um enigma que não pode resolver. O sangue arde-lhe, e ela diverte-se.

Enquanto lhe serve de modelo, não faz mais que comer bombons e lançar-lhe bolinhas de papel.

— Encanta-me ver-vos de bom humor, senhora — disse o pintor. — Mas a vossa cara perde a expressão de que necessito para o meu quadro.

— Aguardai um momento; já a recupero. Levantou-se e deu-me uma chicotada. O pintor olha-a com um ar coibido, expressando o seu rosto um assombro ingênuo em que se mistura o horror e a surpresa.

Enquanto Wanda me flagela, o seu rosto adquire a expressão de cruel desdém que me encanta de uma maneira tão inquietante.

— É esta a expressão que necessita?

Cheio de confusão, o pintor baixa a vista frente aos frios raios do seu olhar.

— E essa... mas sinto-me agora incapaz de pintar. — Como? — perguntou Wanda trocista. — Poderia ajudá-lo de alguma maneira?

— Sim! — grita o alemão como um demente. — Flagele-me também a mim!

— Com muito gosto — replicou ela encolhendo os ombros. — Mas saiba que quando me sirvo do látigo não o faço a brincar.

— Bata-me até à morte!

— Deixa-me atá-lo?

— Deixo — geme.

Wanda deixa-nos por um momento e volta rapidamente com algumas cordas.

— De modo que se entrega à Vênus das Peles, a formosa déspota? — pergunta com ar trocista.

— Ate-me — clama surdamente o pintor.

Wanda ata-lhe as mãos às costas, passa-lhe uma corda por debaixo dos braços, outra em redor do corpo e ata-o à tranca do varandim. Logo, deixando cair as peles, apanha o látigo e aproxima-se do alemão.

A cena tinha para mim um encanto lúgubre que não poderei expressar. Senti saltar-me o coração quando, rindo, deu o primeiro golpe e o

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

látego sibilou no ar. Ao ouvi-lo o pintor tremeu ao de leve. Logo, com a boca entreaberta, brilhando-lhe os dentes entre os lábios purpúreos, Wanda descarregou sobre ele os seus golpes, até que os comovedores olhos azuis do alemão pareceram pedir piedade. Era indescritível.

Agora está só ela, servindo-lhe de modelo.

Wanda mandou-me ir para o quarto contíguo, de onde, oculto por uma grande tapeçaria, posso ver sem ser visto.

Que se passa?

Tem medo, ou é um novo suplício que prepara para mim? Tremem-me as pernas.

Estão falando juntos. Ela baixa tanto a voz que não posso ouvir nada. Ela responde-lhe do mesmo modo. Que significa isto? Evidentemente estão de acordo.

Sofro horrivelmente. O meu coração parece pronto a estalar.

Agora, o pintor, ajoelhado abraça-a e descansa a cabeça no seu peito.

Ela — a cruel! — ri, e agora ouço-os dizer em voz alta:

— Contudo necessita do látego!

— Mulher! Deusa! Não tens coração! Não sabes o que é amar, consumir-se de paixão na espera? Não podes imaginar um momento sequer o que sofro! Não tens piedade de mim?

— Nenhuma — replica malvada e insolente. — Não tenho mais que o látego.

E sacando-o de entre as peles, fustiga com ele a cara do pintor. Logo se levanta e retrocede dois passos.

— Vai continuar a queixar-se? — pergunta com um ar de indiferença.

Ele não responde mas volta ao cavalete e pega na paleta e nos pincéis.

Está maravilhosamente bem. É um retrato que reproduz as suas feições e que ao mesmo tempo parece um ideal: tão ardentes, sobrenaturais e até diabólicas são as cores.

O artista pintou o seu tormento, a sua adoração, o seu êxtase.

Agora está-me pintando a mim, e todos os dias passamos horas maravilhosas juntos. Hoje virou-se de repente para mim, e perguntou-me:

— Ama-a?

— Sim.

— Eu também a amo.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Os seus olhos encheram-se de lágrimas; permaneceu alguns instantes silencioso e em seguida continuou a pintar.

O quadro está pronto. Ela quis pagar-lhe, generosa como uma rainha.

— Oh! já me pagou tudo — recusou ele com um doloroso sorriso.

Antes de partir, abre misteriosamente a carteira e mostra-me o que lá tem. Tenho medo. Vi a cabeça de Wanda, viva como num espelho.

— Isto é para mim e não pode tirar-mo. Bem me custou a ganhá-lo!

— Verdadeiramente tenho pena desse pobre pintor —, disse-me hoje.

— Sem dúvida que é disparate ser tão virtuosa como eu sou, não te parece?

Não me atrevo a responder.

— Ah! Esquecia que falava com um escravo. Quero sair, distrair-me e esquecer. Que atrelem... imediatamente!

Novo traje fantástico. Botas russas de veludo azul-violeta guarnecidas de arminho; vestido do mesmo tecido embelezado por estreitas tiras e fitas de pele; uma capa curta ajustada, combinando com o vestido e também orlado de arminho; uma alta touca à Catarina II, sustida por um alfinete de brilhantes, e os cabelos incandescentes caindo sobre as costas. É assim que ela sobe para o trem, que ela própria guia. Eu sentei-me atrás. Era vê-la fustigar os cavalos. Quase voavam.

É indubitável que hoje causará sensação e será a leoa dos Cassinos. Os conhecidos saúdam-na das carruagens; nas avenidas formam-se grupos de passantes que param a falar dela. Mas ela não liga importância e apenas inclina a cabeça quando é saudada por um cavalheiro importante.

De repente aparece um jovem montado num soberbo cavalo negro, fogo. Ao ver Wanda modera o passo, detém-se, deixa-a passar à frente e ela, a leoa dos leões, olha-o então também. Os seus olhos encontram-se, mas ela não pode resistir à força magnética do cavaleiro e tem de voltar a cabeça.

Sufocado por este olhar, entre encantado e surpreendido, com que ela envolveu o jovem, o meu coração desfalece.

Indubitavelmente é um homem formoso, mais ainda, um homem como nunca vi outro. Parece um Belveder de mármore, tem os mesmos músculos suaves, mas de aço —; o mesmo cabelo encrespado; mas o que lhe dá uma beleza característica é que não tem bigode nem barba. Se tivesse as ancas mais largas, tomar-se-lo-ia por uma mulher

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

disfarçada. A boca é inteiramente feminina, com lábios de leão que deixam entrever os dentes, dando, por vezes, ao seu rosto uma expressão cruel. É Apolo esfolando vivo o sátiro Marsyas!

Usa botas de montar, um colete de couro branco estreito e ajustado, um dólma de tecido negro guarnecido de astracã e de ricas passamanarias, como as dos oficiais italianos. Um fez vermelho cobre-lhe a cabeça.

Agora compreendo o Eros masculino e admiro o Sócrates que fosse virtuoso com este Alcibíades.

Nunca vi a minha leoa tão excitada. As suas faces ardiam quando desceu do trem em frente à villa; subiu à pressa as escadas e com um olhar imperioso ordenou-me que a seguisse.

Passeando agitada ao longo do quarto, começou a dizer-me com um tom de ódio que me causava medo:

— Vais tirar informações sobre o jovem dos Cassinos, hoje mesmo e depressa. Que homem! Viste-o? Que dizes? Fala!

— É muito belo — respondi surdamente.

— Tão belo que perdi a respiração — confessou ela parando no meio do quarto e apoiando-se nas costas de uma cadeira.

— Compreendo a impressão que te fez — respondi arrastado de novo num turbilhão pela minha louca fantasia —; eu próprio estava fora de mim, e pude imaginar...

— Que é meu amante! — troçou. — Que te dá chicotadas e que é um prazer para ti recebê-las das suas mãos. Vai-te.

Consegui as informações que ela desejava antes do fim do dia. Ao regressar encontro Wanda ainda vestida, estendida no sofá, a cabeça entre as mãos, a cabeleira despenteada como a de um leão.

— Como se chama? — perguntou-me com inquietante calma.

— Alejo Papadopolis. — É grego, então?

Fiz que sim com a cabeça. — Deve ser muito jovem.

— Pouco mais velho do que tu. Dizem que estudou em Paris e que é ateu; que combateu em Cândia contra os turcos onde se fez notar pelo seu ódio de raça pela crueldade e bravura.

— De modo que é um autêntico varão! — exclamou com os olhos deslumbrados.

— Vive em Florença... e é muito rico.

— Isso não te perguntei — replicou vivamente acentuando as palavras.

— É perigoso — acrescentou após breve pausa. — Não tens medo dele? Eu sim. Não será casado?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Não.

— Amante?

— Tão-pouco.

— A que teatros costuma ir?

— Esta noite vai ao Nicoli, onde trabalham a simpática Virgínia Marini e Salvini, o mais célebre cantor de Itália, talvez de toda a Europa.

— Não deixes de arranjar um camarote. Depressa, depressa!

— Mas, senhora...

— Queres provar o látigo?

— Espera na galeria — diz-me, enquanto coloco o seu binóculo e o programa na parte da frente do camarote e o tamborete aos pés.

Saio para a galeria e encosto-me contra o muro para não cair de ciúmes e de cólera, ou melhor — porque não é esta a palavra própria — de agonia de morte.

Vejo-a no seu vestido de moaré azul, o grande manto de arminho pendendo-lhe das costas nuas, mesmo em frente do camarote que o grego ocupa. Vejo-os a devorarem-se com os olhos. A Pamela de Goldoni, Salvini, a Marini, o público, o mundo inteiro, já não existem para eles. E eu, que é que eu sou neste momento?

Hoje foi ao baile do ministro da Grécia. Procura-o, por acaso?

Vestiu-se de seda verde-mar, que desenha as suas formas divinas, deixando a descoberto o busto e os braços. O cabelo, adornado com um nenúfar branco cai-lhe sobre o pescoço numa onda única. A sua expressão não guarda a menor emoção que deixe suspeitar o estado de febre intensa que lhe agita a alma. Está tão tranqüila, tão tranqüila, que sinto o meu sangue gelar e o coração se me confrange sob o seu olhar. Lenta, com uma majestade indolente e lânguida, sobe a escadaria de mármore, deixando arrastar a opulência do seu manto, e penetra com abandono no salão, que uma luz de centenas de velas enche de uma névoa dourada.

Instantaneamente desaparece da minha vista, e apanho do chão a sua capa que, sem dar conta, deixei cair das mãos.

Beijo as peles e os meus olhos enchem-se de lágrimas.

É ele.

Vestido de seda negra adornada de valiosa zibelina escura é o formoso déspota altivo que brinca com a vida e a alma dos homens. Chega ao vestíbulo, olha altaneiro à sua volta e fixa-me, por longos momentos, de um modo inquietante.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Sob o seu olhar de aço, sinto de novo apoderar-se de mim a agonia mortal, a suspeita de que ele possa cativá-la, tomá-la, subjugá-la; e um sentimento de vingança, de ciúmes, de inveja da sua poderosa virilidade invade-me a alma.

Como me certifico agora de que sou um ser débil e confuso! O mais ignominioso é que deveria ter-lhe aversão e não posso. Como é possível que ele me tenha reconhecido num instante entre uma multidão de lacaios?

Chama-me, movendo a cabeça com inimitável distinção; e eu aproximo-me, embora contrariado.

— Tira-me a capa — diz-me com a maior tranqüillidade.

A revolta da minha alma faz tremer todo o meu ser; mas obedeço, submisso como um escravo.

Espero impaciente toda a noite, delirante de febre. Estranhos quadros passam à minha frente. Vejo-os a falar num primeiro longo olhar; agarrada ao seu braço, ébria de prazer, vejo-a atravessar o salão, os olhos semicerrados, recostada no seu peito; agora vejo-o no santuário do amor, não como escravo mas sim como dono, no sofá, ela a seus pés. Vejo-me também servindo-os de joelhos! A bandeja treme na minha mão e ele agarra o látego... Agora os lacaios põem-se a falar dele.

Como é formoso como uma mulher, e como o sabe, veste-se quatro ou cinco vezes por dia, à maneira de uma autêntica cortesã.

Em Paris, duas vezes se mostrou em público vestido de mulher, e os homens assediaram-no. Um certo cantor italiano, célebre pelo talento e pelas suas aventuras galantes, forçou-lhe a porta e ameaçou matar-se a seus pés se ele não satisfizesse a sua paixão.

— Sinto muito! — replicou o grego rindo. — Teria muito gosto em agradar-lhe; mas não posso fazer outra coisa que executar a sua sentença de morte, porque sou homem.

As pessoas começaram a dispersar-se; mas ela, sem dúvida, não pensa ainda em sair.

A aurora assoma já através das persianas.

Ouçó, por fim, o frufu do seu vestido de seda, envolvendo-a nas suas ondas esverdeadas. Vem falando com ele.

Eu já não existo para ela, e nem sequer se dá ao trabalho de me dar ordens.

— A capa da senhora — diz ele, que, naturalmente, não pensa em ajudá-la.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Enquanto lhe ponho a peliça ela permanece a seu lado. Em seguida, quando de joelhos lhe calço as botas de proteção, põe levemente a mão sobre as costas do grego e pergunta-lhe:

— Que vos parece a leoa?

— Se o leão que ela escolheu vive com ela e outro a ataca — disse o Apolo —, estenda-se a leoa e contemple a luta; se o seu companheiro ficar debaixo, não o socorra de modo algum, deixe-o morrer no seu próprio sangue debaixo das garras do seu rival, e siga o vencedor, o mais forte, porque isso é a natureza da fêmea.

A leoa lançou-me então um olhar rápido e estranho.

Estremeci sem saber porquê, e a claridade vermelha, matutina, inundou-nos de sangue aos três: a ela, a ele e a mim.

Não quis deitar-se: só tirou o vestido de baile e desfez o penteado.

Ordena-me que acenda a chaminé e que fique junto dela.

— Necessitas de mim, minha dona? — perguntei, faltando-me a voz na última palavra.

Wanda meneou a cabeça.

Saí do quarto e sento-me nos degraus que vão da galeria ao jardim. Do Arno sopra um ligeiro vento norte, uma frescura fria e úmida; ao longe, as verdes colinas estão envolvidas em nuvens rosadas; um vapor de ouro flutua sobre a cidade e sobre a cúpula do Domo.

Algumas estrelas brilham ainda no céu azul-pálido.

Tiro a capa e apoio a minha abrasada fronte contra o mármore. Todo o passado até aqui me parecia uma brincadeira de crianças; mas agora vem a realidade espantosa.

Pressinto a catástrofe, vejo-a diante de mim, posso tocar-lhe com as mãos; mas falta-me a coragem para enfrentá-la, as minhas forças esgotaram-se. E se sou um homem de honra não posso assustar-me com as dores físicas, nem com os sofrimentos morais que possam cair sobre mim, os maus tratos que acaso me ameaçam.

Agora experimento um temor: o medo de perder esta mulher, a quem amei com uma espécie de fanatismo. Este medo é tão poderoso, esmaga-me de tal modo, que, de repente, me ponho a soluçar como uma criança.

Toda a manhã permaneceu fechada no quarto, servida por uma negra. Quando a estrela da tarde principiou a aparecer no céu azul, vi-a atravessar o jardim, e ao segui-la prudentemente ao longe, vi-a penetrar no templo de Vênus. Deslizei furtivamente atrás dela e olhei-a pela fenda da porta.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Estava frente à augusta estátua, com as mãos juntas, como em oração, e a luz sagrada da estrela do amor iluminava-a com os seus raios azuis.

De noite, na cama, sufocam-me a agonia de perdê-la, a desesperação que, de um libertino como eu, faz um herói. Acendo a lamparina que pende do corredor sob uma imagem, e com ela na mão, chego até à sua alcova.

A leoa, vencida, enfim, pela fadiga, completamente aniquilada, dorme estendida de costas; fechados os punhos, respirando desigualmente. Parece angustiada por um sonho. Lentamente retiro a mão e deixo cair a claridade vermelha, com toda a sua crueza, sobre o seu rosto admirável.

Não acorda!

Deposito sem ruído a lâmpada sobre o solo, ajoelho-me junto ao leito e reclino a cabeça sobre o seu braço, suave e tépido.

Agita-se por um momento, mas continua adormecida. Não sei quanto tempo permaneci assim, no meio da noite, petrificado num atroz tormento.

Por fim, num violento estremecimento, posso chorar. As minhas lágrimas correm sobre o seu braço. Estremece várias vezes dos pés à cabeça; por fim desperta e olha.

— Severino! — exclama, mais assombrada que colérica.

Não posso responder.

— Severino! — volta a dizer com doçura. — Que tens? Estás doente?

A sua voz era tão compassiva, tão boa, tão afetuosa, que comecei a soluçar alto.

— Severino! Pobre desgraçado amigo — a sua mão pousou ternamente no meu cabelo. — Sofro, sofro por ti, mas não posso socorrer-te; com a melhor boa vontade do mundo não conheço remédio para ti.

— Ai, Wanda! E achas isso bem?

— O quê, Severino? Do que falas?

— Não me amas já? Não tens piedade de mim? Subjugaste-te já ao belo estrangeiro?

— Não sei mentir — respondeu com doçura, depois de uma leve pausa. — Causou-me uma impressão que não posso compreender, debaixo da qual sofro e tremo; uma impressão que tenho encontrado

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

descrita pelos poetas, que vi no teatro, mas que considerava ser criação da fantasia. Ele é como um leão, forte, formoso, orgulhoso e terno; nada bárbaro, ao contrário dos homens do Norte. Sinto muito por ti, Severino, mas é preciso que eu o possua; que estou a dizer? Que ele me possua quando quiser.

— Pensa na tua honra, Wanda, intacta até agora, se é que ainda significa algo para ti.

— Eu penso; fui forte enquanto pude; mas agora — ocultou, envergonhada, a cara entre a almofada — quero ser sua mulher, se me aceitar.

— Wanda! — exclamei assaltado de novo pela mortal agonia que me tira a respiração e o entendimento. — Queres ser sua mulher, queres pertencer-lhe! Oh, não me separe da tua presença! Ele não te ama.

— Quem to disse? — exclamou exaltada.

— Não te ama, não — continuei com paixão. — Quem te ama sou eu, teu escravo, que quer atirar-se a teus pés e suster-te nos seus braços toda a vida.

— Quem te disse que não me ama? — voltou a perguntar ansiosa.

— Sê minha! — soluzei. — Sê minha! Não posso viver sem ti! Tem compaixão de mim, Wanda!

Olhou-me, e de repente o seu olhar tomou a cruel expressão, o sorriso perverso, que já eram conhecidos.

— Achas que ele não me ama? — perguntou com desdém. — Está bem, consola-te também tu.

E ao mesmo tempo voltou-me depreciativamente as costas.

— Deus meu! Então não és uma mulher de carne e osso? Então não tens coração como eu tenho? — exclamei, enquanto um espasmo sacudia convulsivamente todo o meu ser.

— Bem sabes que sou uma mulher de pedra, *A Vênus das Peles*, o teu ideal. Ajoelha-te e adora-me. — Wanda! Piedade, piedade!

Ela ria. Reclinei a cara sobre a sua almofada e deixei que as lágrimas acalmassem a minha dor.

Houve um longo silêncio. Por fim, Wanda sentou-se.

— Estás a aborrecer-me!

— Wanda!

— Tenho sono, deixa-me dormir.

— Piedade! Não me afastes da tua presença. Ninguém te amará, ninguém poderá amar-te tanto como eu! — Deixa-me dormir!

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

E de novo voltou as costas.

De um salto apoderei-me do punhal pendurado à sua cabeceira. Tirei-o da bainha e pu-lo contra o meu peito.

— Vou matar-me à tua frente -- murmurei surda-mente.

— Faz o que quiseres — respondeu Wanda com a mais perfeita indiferença. — Mas deixa-me dormir. Em seguida voltou a bocejar.

— Mas que sono eu tenho!

Durante certo tempo permaneci petrificado; em seguida ri também e voltei a chorar outra vez. Guardei o punhal e ajoelhei-me de novo à sua frente.

— Wanda, escuta-me um instante!

— Quero dormir! Ouves? — exclamou encolerizada. E saltando do leito deu-me um pontapé. — Esqueces que sou tua dona?

Como eu permanecesse imóvel, agarrou o látego e bateu-me. Levantei-me e feriu-me de novo na cara. Mulher, escravo!

Ameaçando o céu com as mãos saí resoluto do quarto. Ela arremessou o látego e desatou a rir às gargalhadas. Agora penso que a minha atitude teatral devia ter sido realmente cômica.

Decidido a separar-me da mulher que tão cruel-mente me maltrata e que, em troca da minha adoração escrava e de tudo o que sofro por ela, está a ponto de faltar à fé jurada, faço um embrulho com as minhas pobres roupas e depois escrevo a seguinte carta:

Senhora: amei-a como um insensato; entreguei-me a si, mas a senhora profanou os meus sentimentos mais sagrados, desempenhando para mim um papel descaradamente frívolo. Enquanto foi somente cruel e desapiadada para comigo, pude amá-la, mas já não, pois está a ponto de tornar-se grosseira. Não sou eu o escravo que se deixa espezinhar por si. A senhora mesmo deu-me a liberdade, e eu abandono uma mulher a quem agora só posso dar ódio e desprezo.

SEVERINO KUSIEMSKI

Dei a carta a uma das negras e parti com quanta pressa pude. Cheguei desalentado à estação dos caminhos-de-ferro, e ali senti uma violenta ferida no coração...; detive-me...; desatei a chorar. Ah! Que ignomínia! Quero fugir e não posso! Volto. Para onde? Para ela que me horroriza e amo ao mesmo tempo!

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Reflexiono de novo. Não me atrevo a voltar.

Como abandonar Florença? Recordo de novo que

me falta totalmente dinheiro. Irei a pé. É. mais decoroso mendigar do que comer o pão de uma cortesã. Mas não posso.

Ela tem a minha palavra de honra. Devo voltar. Talvez seja ela que me deixe.

Dou rapidamente alguns passos. Depois detenho-me de novo.

Ela tem a minha palavra de honra, o meu jura-mento de escravo, que durará enquanto ela quiser, enquanto não me devolver a liberdade.

Nem sequer me posso matar.

Encontro-me nos Cassinos, à beira do Arno, junto das suas águas amarelas que regam com um murmúrio surdo alguns salgueiros perdidos. Recordo todos os incidentes da minha vida e acho-a lamentável, não obstante algumas alegrias isoladas, infinitamente indiferentes e sem valor, sombreada com abundantes sofrimentos, dores, agonias, desilusões, esperanças falhadas, penas, remorsos, aflições.

Penso na minha mãe, tão amada, a quem vi extinguir-se de espantosa enfermidade; no meu irmão que, cheio de direitos ao prazer e à felicidade, morreu na flor da idade sem ter podido aproximar os seus lábios da taça da vida; penso na minha ama morta, nos amigos que trabalharam e estudaram comigo, em todos aqueles já cobertos com o sudário indiferente da fria terra. Penso no pombo que, frequentemente, farto da sua

pomba, me fazia uma reverência, retrocedendo... Tudo isto se tornou já pó.

Em seguida ponho-me a rir e deslizo para a água; mas no mesmo instante agarro-me a uns juncos que se erguem acima das ondas amarelas, e vejo ante mim a mulher que me põe em tão miserável condição. Flutua na superfície da água, iluminada pelo sol, como se fosse transparente, a cabeça e a nuca rodeadas de chamas avermelhadas. Olha para mim e sorri-me.

Voltei outra vez para sua casa, molhado, vermelho de febre e de vergonha. A negra entregou a carta; de modo que estou julgado, perdido completamente nas mãos de uma mulher sem coração, ofendida.

Agora matar-me-á. Eu não quero matar-me e, todavia, também não quero viver muito mais.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Quando entrei na villa, Wanda estava na galeria, apoiada na balaustrada, a cara iluminada plenamente pelo sol, os olhos semicerrados.

— Ainda vives? — perguntou-me sem se mover. Fiquei calado, a cabeça inclinada sobre o peito.

— Dá-me o punhal — continuou. — De nada te serve. Não tens coragem para deixar a vida.

— Não — respondi, tremendo de frio. Envolveu-me num olhar altaneiro de desprezo.

— Perdeste-o no Arno. Está bem. Mas porque não te fostes embora?

Murmurei algo que nem ela nem eu pudemos entender.

— Ah! Não tens dinheiro? Toma! — e sem dizer mais nada, cheia de desdém, atirou-me o porta-moedas à cara.

Não o apanhei.

Ficamos ambos calados.

— Não queres ir-te embora?

— Não posso.

Wanda foi de trem aos Cassinos sem mim, e sem mim voltou ao teatro. Recebeu visitas. A negra serviu-a. Ninguém me liga. Vou rondando pelo jardim como um animal sem dono.

Estendido na relva vi dois gorriões a disputarem-se alguns grãos.

De repente ouço passos.

Wanda aproxima-se.

Veste um traje escuro de seda, de colarinho alto, e o grego acompanha-a. Falam muito animados, mas não consigo perceber uma só palavra. De súbito o grego começa a calcar o chão com tanta violência que faz saltar pedras, e a fustigar o ar com o chicote. Wanda fica espantada.

Terá medo?

Onde se meteram eles?

Deixou-a; ela chama-o, mas ele não a ouve ou não quer ouvi-la.

Wanda move tristemente a cabeça e senta-se no banco mais próximo abstraída nos seus pensamentos. Eu olho-a com uma espécie de perversa alegria. Por fim levanto-me e acerco-me dela com um ar de desdém.

— Venho desejar-lhe boa sorte — digo, inclinando-me. — Já vi que encontrou o seu dono, senhora.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Sim! Deus seja louvado! Chega de escravos! Um amo! Uma mulher necessita de um dono, para o adorar.

— De modo que tu, Wanda, amas esse bárbaro?

— Como nunca amei ninguém.

— Wanda! — saquei do punhal; mas as lágrimas invadiam-me os olhos, e sobreveio-me um transporte de paixão, de doce demência. — Muito bem, toma-o por esposo; ele será o teu dono e eu o teu escravo enquanto viver:

— Queres ser meu escravo apesar de tudo? Seria engraçado, mas temo que ele não esteja de acordo. — Mas porquê?

— Porque tem ciúmes de ti, de ti! Exigiu que te abandonasse e quando soube que és...

— Disseste-lhe?

— Tudo; contei-lhe toda a nossa história, os teus caprichos, e em vez de rir encolerizou-se...

—E ameaçou-te?

Wanda olhou para o chão e calou-se.

— Sim, sim! — disse-lhe eu com intensa amargura.

— Tiveste medo dele Wanda! — lancei-me aos seus pés e abracei-lhe os joelhos. — Não desejo nada de ti; quero apenas ser teu escravo, teu cão...

— Sabes que me aborreces? — exclamou ela com ar apático.

Cheio de indignação, dei um salto.

— Já não és apenas cruel, és também grosseira — disse-lhe num tom incisivo e duro.

— Já o dizias na carta — replicou, encolhendo os ombros com ar arrogante. — Um homem de talento jamais deve repetir-se.

— Como me tratas! Que nome dás a isso?

— Podia castigar-te à chicotada, mas prefiro responder-te. Não tens direito de queixar-te. Não fui sempre sincera para ti? Não te adverti várias vezes? Não te amei cordialmente, apaixonadamente, dando-te a entender de todos os modos que era perigoso entregares-te a mim, rebaixares-te ante mim? Não te disse que queria ser dominada? Não quiseste ser meu escravo, meu brinquedo? E não experimentaste o maior prazer ao sê-lo, sob o látigo e debaixo do pé de uma mulher cruel e orgulhosa! Que pretendes agora? Os maus instintos dormiam em mim e tu acordaste-os. Se agora me comprazo a torturar-te, a maltratar-te, tu és o único responsável; fizeste de mim o que sou, e agora és bastante covarde e miserável para te queixares!

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Sim, sou o culpado! Mas não sofri já o bastante? Acaba com esta brincadeira cruel.

— Não, porque me agrada muito — respondeu olhando-me com um ar falso e estranho.

— Wanda! — exclamei com violência. — Não abuses, olha que sou um homem.

— Fogo de palha que assusta por momentos e que se apaga tão rápido como se ateou! Crês intimidar-me e fazes-me rir. Se fosses o homem que julguei ao princípio, um pensador, um homem sério, ter-te-ia amado fielmente e seria tua mulher. A mulher deseja um homem para o qual possa levantar o olhar. Um homem como tu, que oferece livremente o pescoço para que a mulher ponha sobre ele o pé, só pode servir de agradável brinquedo, que sem tardar se atira fora, quando já enfastia.

— Tenta agora deitar-me fora — repliquei desdenhosamente. — Olha que sou um brinquedo perigoso.

— Não me provoques — respondeu Wanda. Os seus olhos e face incendiaram-se.

— Se não posso possuir-te — exclamei desesperado —, nenhum outro te possuirá.

— Em que drama viste isso? — exclamou com um ar de desdém que me sufocou. Estava pálida de cólera. --Não me provoques — repetiu — ; olha que não sou cruel, mas não sei até onde chegaria se não te moderas...

— Que pior me podes fazer do que entregares-te a esse homem? — respondi cada vez mais exasperado.

— Posso fazer-te seu escravo. Acaso não estás em meu poder? Não existe um contrato? Mas, francamente, seria um prazer para ti se te amarrasse e lhe dissesse: faz com ele o que quiseres.

— Estás louca, mulher?

— Estou em toda a minha razão. Disseste-o da última vez. Já não me ofereces nenhuma resistência, e posso ir ainda mais longe. Sinto uma espécie de ódio por ti, e verei com verdadeira voluptuosidade como ele te flagela até à morte: espera, espera.

Sem domínio de mim próprio, agarrei-lhe os pulsos e deitei-a por terra, obrigando-a a cair de joelhos à minha frente.

— Severino! — exclamou com a cólera e o medo pintados no rosto.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Hei-de matar-te se te fazes sua mulher! Pertences-me e não te abandonarei, porque te amei muito — agarrei-a, puxando-a para mim, enquanto impensadamente a minha mão direita se apoderou do punhal que me pendia da cintura.

Wanda levantou para mim os seus grandes olhos, de uma inconcebível tranqüilidade.

— Assim agradas-me — exclamou com resignação. — Agora pareceme um homem, e neste momento amo-te ainda.

— Wanda! — as lágrimas saltaram-me dos olhos, inclinei-me para ela e cobri-lhe de beijos o rosto encantador, enquanto ela, rindo com malícia, exclamava:

— Tens já bastante ideal? Estás contente comigo?

— Como? — balbuciei. — És sincera?

— Sou-o quando digo que te amei a ti, só a ti! Tu, louco!, não notaste como era tudo brincadeira, nem como eu sofria ao dar-te urna chicotada no próprio instante em que desejava abraçar-te? Mas é já bastante, ouves? Desempenhei o meu penoso papel muito melhor do que tu querias, mas agora serás feliz possuindo a tua mulherzita, boa e tão pouco bonita, não é assim? Vive-remos razoavelmente e...

— Serás minha mulher! — exclamei enlouquecido de alegria.

— Sim! Tua mulher, meu querido! — murmurou Wanda, beijando-me as mãos.

Eu levantei-a até ao meu peito.

— Já deixaste de ser Gregório, o meu escravo; voltas a ser Severino, o meu escolhido.

—E ele? Já não o amas?

— Como podes crer que eu sinta amor por aquele bárbaro! Tu estavas cego; tive medo de ti.

— E eu que estive a ponto de matar-me!

— Falas verdade? Ai! Tremo de pensar que pudesses ter caído ao Arno!

— Mas tu salvaste-me — exclamei com doçura. — Flutuavas nas águas sorrindo e o teu sorriso devolveu-me à vida.

Experimento uma sensação estranha quando a estreito agora nos meus braços, quando ela se encosta ao meu peito e se deixa abraçar sorrindo. Parece-me que saio finalmente de um acesso de febre ou que, tendo naufragado, chego por fim à costa, depois de ter lutado todo o dia contra as ondas que ameaçavam tragar-me.

— Aborrece-me esta Florença onde tu foste tão desgraçado — disse ela quando lhe dei as boas-noites —, e queria ir-me embora amanhã

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

mesmo. Terás a bondade de me escrever algumas cartas e entretanto eu irei fazer umas compras. Queres?

— Sim, minha querida, minha boa, minha formosa mulher.

Muito cedo de manhã, Wanda vem chamar-me ao quarto para me perguntar como passei a noite. A sua amabilidade encanta-me. Nunca imaginei que fosse tão carinhosa.

Há mais de quatro horas que saiu, e há muito tempo que terminei as suas cartas. Sento-me na galeria a espreitar a rua próxima. Noutra tempo tive algum receio; mas já não tenho, graças a Deus!, nem dúvidas nem temores. E, contudo, o meu coração está oprimido, sem que o possa evitar. Talvez sejam os sofrimentos passados, cuja recordação pesa ainda na minha alma.

Já aqui está, radiante de alegria.

— Correu tudo a teu gosto? — perguntei-lhe beijando-lhe a mão.

— Sim, coração meu. Vamo-nos esta noite. Ajuda-me a arranjar as malas.

Pela tarde roga-me que vá eu próprio deitar as cartas no correio. Tomo o trem e volto ao cabo de uma hora.

— Ela perguntou por ti — disse-me uma negra rindo, quando ia a subir escada.

— Veio alguém?

— Ninguém.

E como uma gata negra, escapa-se escadas abaixo.

Atravesso devagar o salão e detenho-me à porta da alcova.

Porque me lateja o coração, se sou tão feliz?

Ao abrir lentamente a porta e afastar os cortinados, Wanda está estendida no sofá e finge não dar conta da minha chegada. Que formosa no seu vestido de seda prateada, que revela as suas divinas formas e lhe descobre a garganta admirável e os braços! Tem o cabelo atado com uma fita de veludo negro. Na chaminé, o lume está aceso; a lâmpada lança ao seu redor uma luz vermelha; todo o quarto parece nadar em sangue.

— Wanda! — exclamei por fim.

— Oh, Severino! — exclamou com alegria. — Aguardei-te impientemente.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

Levantou-se e abraçou-me. Depois sentou-se de novo no rico almofadão, e quis atrair-me para ela; mas eu deslizei a seus pés e reclinei a cabeça sobre os seus joelhos.

—Sabes que hoje estou muito apaixonada por ti? — murmurou enquanto me beijava. — Como são formosos os teus olhos! Foram sempre o que mais admirei em ti, mas agora estou verdadeiramente louca. Morro de amor!

Estendeu as suas adoráveis pernas e envolveu-me num doce olhar através das pálpebras semicerrados.

— Mas estás frio! Tens-me nos braços como um pedaço de madeira. Espera, vou aquecer-te — e continuou a acariciar-me sofregamente, voluptuosa e maligna. — Vejo que já não te agrado, e que terei de ser à força cruel contigo. Sem dúvida fui demasiado bondosa para ti. Sabes, louco? Terei de apelar ao látigo...

—Mas menina...

— Sim, quero-o.

— Wanda!

— Anda! Deixa-me prender-te. Quero ver-te enamorado! Ouves? Aqui temos as cordas. Vamos a ver se sei.

Atou-me primeiro os pés, em seguida as mãos atrás das costas, e por último apertou-me fortemente os braços como a um criminoso.

— Como estás? Podes ainda mover-te?

— Não.

— Então, bem. É mesmo isso que eu desejo.

Fez um laço com uma corda grossa, passou-me pela cabeça, deixando-o deslizar até às ancas; em seguida puxou-o e atou-me a uma coluna.

Nesse momento tive um estranho pressentimento. Experimentei a sensação que deve sentir um sentenciado.

— É que hoje vou flagelar-te de verdade!

— Então rogo-te que ponhas a jaqueta de arminho.

— Comprazer-te-ei.

E despindo a kazabaika vestiu aquela peça de vestuário. Em seguida, com os braços cruzados sobre o peito, pôs-se ante mim e olhou-me com os olhos semicerrados.

— Conheces a história do touro de Dionísio, tirano de Siracusa? — perguntou-me.

— Recordo-a mal. Como é?

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Um cortesão inventou um novo modo de suplício para uso do tirano de Siracusa. Consistia num touro de bronze oco, em cujo ventre devia ser metido o sentenciado. Uma vez a vítima dentro do touro, era este submetido à ação de um fogo violento. A máquina começava a aquecer, o desgraçado uivava de dor, e as suas queixas assemelhavam-se ao mugido do animal. Dionísio sorriu agradecendo ao inventor, só que, para provar a sua descoberta, o encerrou a ele próprio no seu touro de bronze. Esta história está cheia de ensinamentos. O mesmo se passa contigo, que me ensinaste o egoísmo, o orgulho e a crueldade, e que serás a minha primeira vítima. Sinto agora o prazer de ter debaixo do meu domínio um homem que pensa, sente e quer como eu; um homem mais forte do que eu, de corpo e espírito, e de o maltratar especialmente porque me ama. Ainda sentes amor por mim?

— Até à loucura!

— Tanto melhor! Assim, apenas sentirás prazer naquilo que vou fazer-te.

— Que tens? Não compreendo! A crueldade brilha hoje de modo sinistro nos teus olhos e estás tão estranhamente formosa..., ao ponto de seres a encarnação da *Vênus das Peles*...

Sem responder, Wanda passou-me o braço em redor do pescoço e beijou-me na nuca. Todo o fanatismo da minha paixão se apoderou de novo de mim.

— Mas onde está o látigo? — exclamei.

Wanda, sorridente, retrocedeu.

— De modo que queres na verdade? — exclamou, lançando com desdém a cabeça para trás.

— Sim!

O rosto de Wanda mudou completamente de expressão, e alterado como estava pela cólera pareceu-me mesmo odioso.

— Anda, chicoteia-o! — gritou ela.

No mesmo momento o rosto do formoso grego apareceu através das cortinas da cama. Ficou ao princípio calado e coibido. A situação era espantosamente cômica, e eu próprio teria desatado a rir às gargalhadas, se não fosse ao mesmo tempo tão desesperadamente triste e ignominiosa.

Isto era mais que o meu sonho. Senti frio nas costas ao ver o meu rival acercar-se de mim — com as suas botas de montar, colete branco, dólman luxuoso — e quando o meu olhar lhe avaliou os músculos de atleta.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— És cruel a este ponto? — disse o grego voltando-se para Wanda.

— Somente pelo prazer — respondeu ela com ar intratável. — A vida só vale pelo prazer; quem o goza deixa a vida com tristeza; quem sofre, saúda a morte como amiga. Mas quem pretende gozar tem de tomar a vida no sentido antigo, sem se envergonhar de cair na dissipação, inclusive à custa de outro; tem de ser sempre desapiedado; deve jungir os outros ao seu carro ou ao seu arado, como bestas de carga. Aos homens que, como este, sintam voluptuosidade e prazer na escravidão, gostem dela e compartilhem as alegrias que causam, não lhes peçam para ir ao encontro da morte. O seu amo deve dizer de si para si: se me tivesse na mão, como eu o tenho a ele, faria o mesmo comigo e teria de pagar o prazer dele com o meu suor, com o meu sangue, ou até mesmo com a minha alma. Assim era o mundo antigo: prazer e crueldade, liberdade e escravidão andavam juntos. Os que queiram viver como deuses do Olimpo devem ter escravos para atirar aos lagos, gladiadores que combatam nos seus suntuosos festins e que derramem o seu sangue para lhes dar prazer.

As suas palavras destroçaram-me a alma por completo. Compreendia.

— Desatai-me! — exclamei furioso.

— Não és tu meu escravo, minha propriedade? Terei de te mostrar o contrato?

— Desatai-me! — voltei a gritar desesperado, puxando a corda com violência.

— Poderá desprender-se? — perguntou Wanda ao grego. — Ameaçou-me de morte.

— Tranquiliza-te - disse ele examinando as cordas.

— Pedirei socorro!

— Ninguém nos ouve e ninguém me impedirá de profanar outra vez os teus sentimentos mais sagrados, e desempenhar contigo um papel frívolo — continuou citando com desdém satânico as frases da minha carta.

— Agora sou cruel e desapiedada, ou grosseira? Amas-me ou desprezas-me? Toma o látigo — e estendeu-o ao grego que avançou para mim com rapidez.

— Não o tenteis — exclamei tremulo de cólera. — Não o tolerarei de vós.

— Diz isso porque não visto peles? — replicou o grego sorrindo friamente. E tomou de sobre a cama a peliça de zibelina.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

— Que bom que és! — disse Wanda, beijando-o e ajudando-o a vestir-se.

— Posso bater-lhe de veras? — perguntou.

— Faz dele o que quiseres! — foi a resposta de Wanda.

— Bárbaro! — disse eu raivoso.

O grego levantou para mim o seu frio olhar de tigre e experimentou o látigo, inchando-se-lhe o bíceps de aço. Eu estava amarrado como Marsyas, e condenado a ver como Apolo me esfolava vivo. O meu olhar, errando pelo quarto, deteve-se na figura que representava os filisteus a cegarem Sansão, aos pés de Dalila. Esta imagem apresentou-se-me como um símbolo, a eterna alegoria da paixão, da voluptuosidade, do amor que o homem sente pela mulher. Cada um de nós, pus-me a Pensar, é um Sansão que, por fim, é enganado pela sua amada, quer esta vista um justilho de pano ou uma capa de zibelina.

— Vais ver como o domo — exclamou o grego. Mostrou os dentes, e o rosto tomou a expressão sanguinária que me assustou quando o vi pela primeira vez.

E começou a descarregar o látigo sobre mim, tão desapiedada, tão espantosamente, que eu saltava a cada golpe com todo o meu corpo. As lágrimas corriam-me pela cara e enquanto isso Wanda, recostada no sofá entre as suas peles, contemplava a cena com cruel curiosidade, retorcendo-se de riso.

É impossível descrever os sentimentos que experimenta um homem maltratado por um rival feliz ante a mulher que adora. Sentia-me morrer de vergonha e desespero.

O mais ignominioso é que, na minha dolorosa situação, sob o látigo de Apolo e o riso da Vênus cruel, experimentei ao princípio uma espécie de encanto fantástico, ultra-sensual. Mas o látigo de Apolo dissipou rapidamente esse encanto poético. Os golpes choviam sobre mim; apertei os dentes, e o sonho voluptuoso, a mulher, o amor, desvaneceram-se ante mim.

Vi então com terrível precisão que, desde Holofernes e Agamémnon até hoje, a paixão cega, a voluptuosidade levaram sempre o homem à armadilha que lhe estende a mulher..., a miséria, a escravidão, a morte.

Pareceu-me estar a sair de um sonho.

Em breve o meu sangue saltou sob o látigo. Retorcia-me como um verme, mas ele feria sempre sem piedade e ela ria sem piedade

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

também, fechando as malas, envolta no seu casaco de viagem. E continuava a rir quando subiu para o trem no pórtico.

Depois cessou todo o barulho.

Escutei, retendo a respiração.

O trem afastou-se; acabou-se tudo.

Houve um momento em que pensei vingar-me, matá-la. Mas recordei o contrato. Tinha de cumprir a minha palavra, ainda que sem vontade.

O primeiro sentimento que senti, depois desta cruel catástrofe da minha vida, foi um ardente desejo de fatigar-me, de viajar, de experimentar as superficialidades da existência. Quis fazer-me militar e partir para a Ásia ou a Argélia; mas o meu pai, velho e enfermo, chamava-me.

Voltei, pois, tranquilamente, ao lar doméstico, e ajudei-o, durante dois anos, a suportar os cuidados e responsabilidades do seu posto. Foi quando aprendi o que ignorava até então, e que me parece agora tão reconfortante como um copo de água a um ébrio. Aprendi a trabalhar e a cumprir os meus deveres.

O meu pai morreu e eu passei a ser proprietário, sem por esse fato me transformar. Uso botas de campo e vivo com a moderação que teria se o meu pai vivesse ainda e me desse esta lição, olhando para mim.

Um dia recebi uma caixa uma carta na qual reconheci a letra de Wanda.

Estranhamente emocionado, li-a:

“Cavalheiro:

“Agora que passaram mais de três anos sobre a fuga de Florença na memorável noite que recordará, posso escrever-lhe para lhe dizer, uma vez mais, quanto o amei. Mas o senhor feriu todos os meus sentimentos com o estranho donativo que me fez da sua pessoa na sua louca paixão. Assim que se fez meu escravo, senti que já não podia aceitá-lo por marido. Mas parecia-me divertido assumir-me em ideal para si, e talvez — coisa que ainda mais me divertia — chegar a curá-lo.

“Encontrei o homem forte de que necessitava, e fui tão feliz quanto se pode ser nesta cômica bola de barro”.

Mas, como coisa humana, a minha felicidade durou pouco. Faz apenas um ano que mo mataram em duelo, e agora vivo em Paris como uma Aspásia.

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

“E o senhor? A sua vida não terá sido muito alegre desde que perdeu os sonhos de escravidão, sem que tivessem sido satisfeitas as infelizes inclinações que me tiraram desde o princípio toda a claridade de pensamento, toda a bondade de coração, toda a sinceridade.

“Espero que o meu látigo lhe tenha feito bem”.

A cura foi cruel, mas radical. Recordação dos dias passados e de uma mulher que o amou com paixão, assim considere este quadro que lhe envio, obra do pobre pintor alemão.

VÊNUS DAS PELES”

Não podia fazer outra coisa que desatar a rir. E quando estava submergido nos meus pensamentos, apresentou-se-me, látigo na mão, a bela da jaqueta de arminho. De novo desatei a rir daquela que tanto tinha amado, da sua famosa jaqueta de peles, meu antigo encanto, do látigo que tinha experimentado, das minhas próprias dores, e disse de mim para mim: “Sim, a cura foi cruel, mas radical. “O essencial é que estou curado.”

— Muito bem. E qual é a moral desta história? — perguntei a Severino, pondo o manuscrito sobre a mesa.

— Que fui um burro! — exclamou, sem se voltar para mim. — Assim lhe tivesse eu batido!

— Curioso processo, que pode aplicar-se às tuas camponesas.

— Ah, sim! Estão muito acostumadas! Mas pensa na sua ação sobre as nossas formosas damas, nervosas e histéricas.

—E a moral?

— A moral é que, tal como a natureza a criou e como o homem da atualidade a trata, a mulher é inimiga do homem; pode ser sua escrava ou sua déspota, mas nunca sua companheira. Só quando o nascimento tenha igualado a mulher ao homem, mediante a educação e o trabalho; quando, como ele, consiga ter os seus direitos, poderá ser sua companheira. Na atualidade, ou somos bigorna ou martelo. Eu fui um burro ao fazer-me escravo de uma mulher, compreendes? Essa é a moral: o que se deixa chicotear, merece-o. Como viste, fui ferido, mas curei-me. As nuvens rosas do ultra-sensualismo desvaneceram-se e

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH

nada me fará já tomar as macacas sagradas de Benares⁸ ou o galo de Platão⁹ pela imagem de Deus.

⁸ É assim que Artur Schopenhauer chama às mulheres.

⁹ Alusão ao galo sem plumas que Diógenes lançou na escola de Platão, dizendo «Aí tens o teu homem!»

A VÊNUS DAS PELES

LÉOPOLD SACHER-MASOCH



LEOPOLD VON SACHER-MASOCH (1835-1895) foi, além de professor de história, um novelista muito prolífico; todavia, a sua obra narrativa — cerca de 100 títulos — só se salvou do esquecimento por razões alheias às letras. Com efeito, não é nos manuais de literatura mas nos tratados de psiquiatria que se devem procurar as referências às suas obras; porque não é o ingénuo satanismo e o artificioso decadentismo pós-romântico de narrações como A VÊNUS DAS PELES o que o imortalizaram, mas sim o pormenorizado e completo mostruário de fantasias eróticas, associadas à crueldade e à dor — não é por acaso que o termo técnico «masoquismo» é uma derivação directa do apelido do seu autor —, que as suas páginas contêm.

SENHOR VERDUGO